RASTROS DE FOGO

O que diferencia o Pentecostes bíblico do neopentecostalismo atual?

JOSÉ GONÇALVES

CPAD

RASTROS DE FOGO

Rastros de Fogo é uma obra de cunho teológico-devocional que discorre acerca do Movimento Pentecostal. Baseado em outras publicações de sua autoria e em textos originais da Bíblia Sagrada, o autor procurou desenvolver um livro que alcançasse o povo e com o qual ele pudesse se identificar. Ao lançar mão do ano em que as Assembleias de Deus comemoram o seu centenário, a obra privilegia o Movimento Pentecostal dando amplo destaque à sua tradição, convocando o povo pentecostal a que mantenha a pureza da pregação do Espírito em dias tão conturbados.

O Movimento Pentecostal chegou ao seu centenário no Brasil. Tendo se passado um século do advento do pentecostalismo moderno, muita coisa ocorreu no interior desse movimento. Na verdade, a expressão "Movimento Pentecostal" tornou-se muito abrangente, não se aplicando apenas aos pentecostais clássicos e históricos, mas passou a dar identidade também a uma variedade de outras correntes periféricas dentro do Movimento, como por exemplo, o Neopentecostalismo.

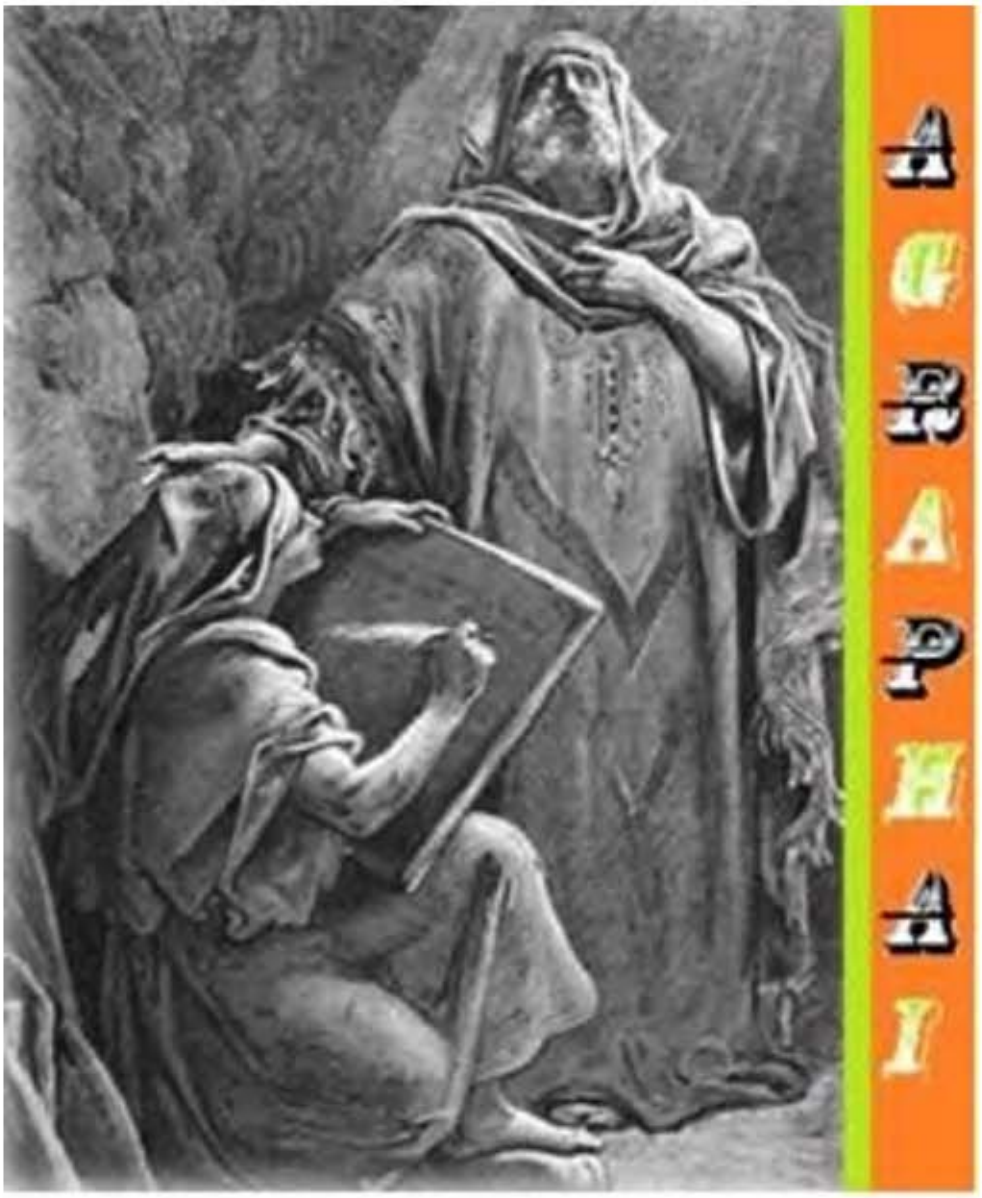
Essa nova química gerada pela união de dezenas ou até mesmo centenas de denominações pentecostais, com seus rituais e crenças divergentes e até mesmo antagônicas, resultou na deformação e até mesmo corrupção do pentecostalismo primitivo.

Baseado, portanto, em tais fatos, *Rastros de Fogo* discorre ao longo de seus capítulos acerca de todas as mudanças sofridas pelo Movimento Pentecostal. A obra não tem o intuito de criticar de forma gratuita, ainda que desenvolvida por um membro das Assembleias de Deus, um grupo denominacional, mas levar o leitor, através de seu respaldo teológico e histórico, a refletir sobre as diferentes tradições que compõem este movimento.



José Gonçalves é pastor em Teresina, Piauí, graduado em Teologia pelo Seminário Batista de Teresina e em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Ensinou grego, hebraico e teologia sistemática na Faculdade Evangélica do Piauí. É presidente do Conselho de Doutrina da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Piauí e vice-presidente da Comissão de Apologética da CGADB. É comentarista de *Lições Bíblicas* da Escola Dominical da CPAD e autor dos livros *Por que Caem os Valentes, As Ovelhas Também Gemem, Defendendo o Verdadeiro Evangelho* e coautor de *Davi — as vitórias e derrotas de um homem de Deus*, todos editados pela CPAD.

RASTROS DE FOGO



EM BRANCO

PASTROS DE FOGO

O que diferencia o Pentecostes bíblico d neopentecostalismo atual?

JOSÉ GONÇALVES

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2012

Todos os direitos reservados. Copyright © 2012 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Elaine Arsenio
Capa: Josias Finamore
Projeto gráfico: Fagner Machado

CDD: 239-Apologética Cristã
ISBN: 978-85-263-1114-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição: 2012 / Tiragem - 3.000

Apresentação

Há algum tempo venho idealizando escrever um livro sobre o Movimento Pentecostal. O Espírito Santo e seus dons sempre me fascinaram! Por ter me convertido em uma igreja pentecostal no início dos anos 80 e convivido com pentecostais todos esses anos, nada mais natural que alimente esse desejo.

Em outras publicações já produzira algum material de natureza pneumatológica, todavia foram escritos mais de cunho apologético-exegético do que teológico-devocional. Nesses trabalhos houve a necessidade constante de recorrer à análise das línguas originais da Bíblia e das regras que regem a lógica formal para desfazer sofismas de alguns teólogos que a todo custo procuraram desacreditar a experiência pentecostal. Esse fato fez com que esses textos fossem mais bem assimilados por aqueles que possuíam alguma noção de teologia.

Essa foi a razão do meu desejo de produzir um texto que pudesse ser mais bem assimilado e se identificasse com as massas. Um livro que fomentasse um interesse pelo Espírito Santo semelhante àquele que encontramos nos pioneiros pentecostais. Nesse novo texto, portanto, eu não deveria gastar muita tinta ou mesmo nenhuma com argumentos refutativos ou exegéticos. Com isso em mente comecei a esboçar o livro: *Rastros de Fogo — o que diferencia o Pentecostes bíblico do neopentecostalismo atual?*

Aproximando-se o ano do Centenário do Movimento Pentecostal no Brasil, já havia selecionado uma ampla bibliografia que serviria de suporte ao meu novo projeto. Assim, escrevi primeiramente o capítulo que narra as primeiras experiências pentecostais depois dos apóstolos, destacando o movimento montanista, passando pelos pais apostólicos e chagando ao período medieval. O roteiro do livro, portanto, privilegiaria o lado histórico do Movimento Pentecostal dando amplo destaque a sua tradição.

Mas quando comecei a escrever o segundo capítulo deste livro, alguma coisa me incomodou, pois crescia em mim a convicção de que o Movimento Pentecostal parecia sofrer de algum *mal-estar.* Sim, *mal-estar* no sentido definido pelo *Dicionário Aurélio*: situação incômoda, constrangimento e embaraço. Parecia-me não haver nenhuma dúvida de que estávamos passando, no mínimo, por uma *situação incômoda* dentro do nosso movimento. A chama pentecostal não havia se apagado, mas passei a observar que já apareciam sinais visíveis do seu esfriamento! Era a hora de atentar mais do que nunca para a exortação bíblica: Não Apagueis o Espírito (1 Ts 5.19).

Tendo se passado um século do advento do pentecostalismo moderno, muita coisa ocorreu no interior desse movimento. Na verdade, a expressão "Movimento Pentecostal" se tornou muito abrangente, não se aplicando apenas aos pentecostais clássicos ou históricos, mas passou a dar identidade também a uma variedade muito grande de outras correntes periféricas dentro do Movimento, como por exemplo, o Neopentecostalismo. Como bem observou o escritor Isaltino Gomes Coelho Filho em seu livro *Neopentecostalismo — uma avaliação pastoral:* "o neopentecotalismo está bem distante do pentecostalismo em termos de conteúdo e de prática, embora este tenha sido contaminado por aquele e aquele tenha sido gerado por este. Mas apesar da atual distância entre si, os berços paradigmáticos de um de outro são os mesmos". Não podemos, portanto, fazer uma avaliação correta do neopentecostalismo sem que levemos em conta o pentecostalismo clássico e vice-versa.

Essa nova química produzida pela união de dezenas ou até mesmo centenas de denominações pentecostais, com seus rituais e crenças divergentes e até mesmo antagônicas, resultou na deformação e até mes-

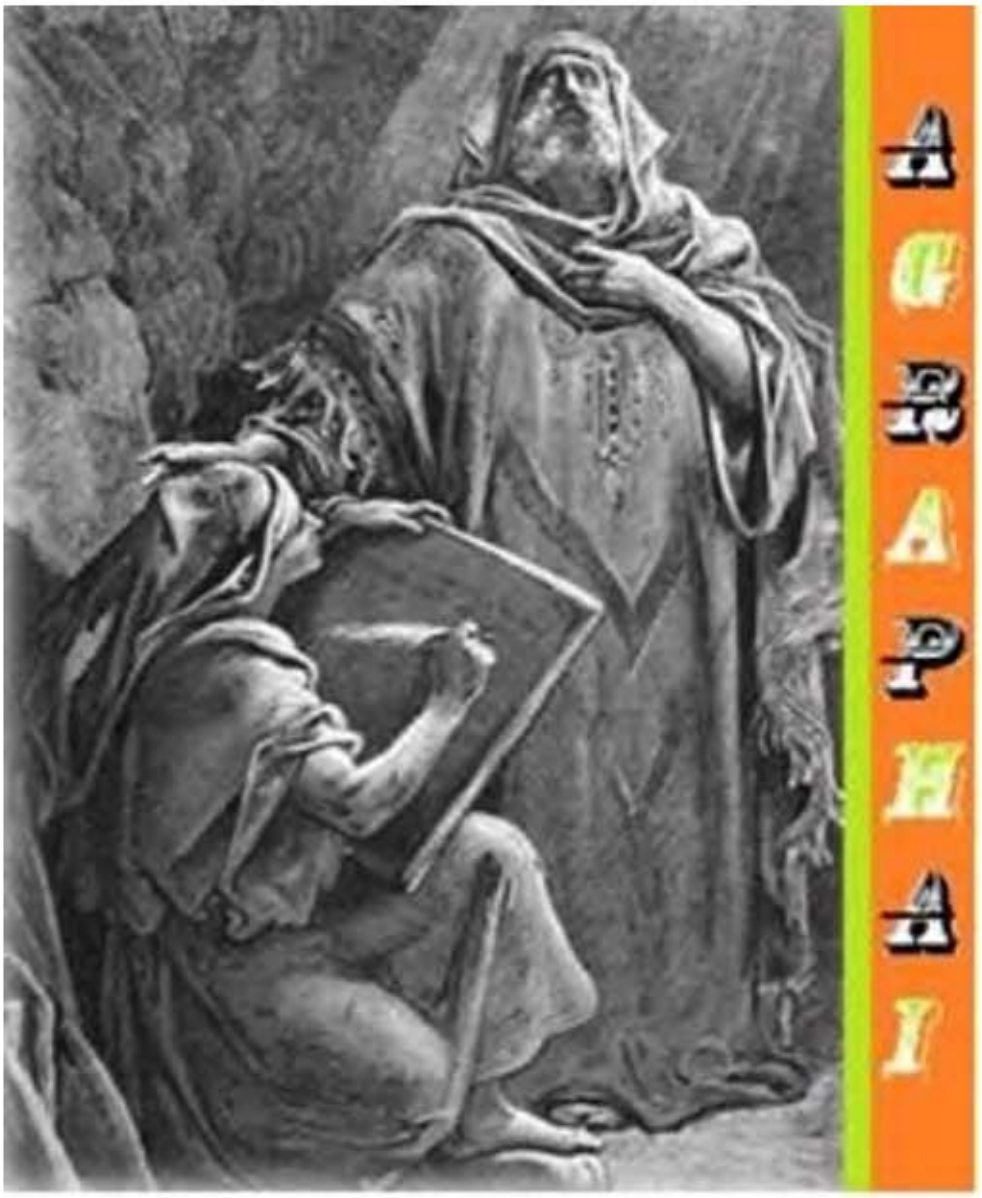
mo corrupção do pentecostalismo primitivo. Foi esse fato que passou a me incomodar! Deveria, pois, escrever um livro festivo ou reflexivo? Todas as vozes pareciam dizer-me: "Seja, pois, a tua palavra como a palavra de um deles, e fala o que é bom" (2 Cr 18.12). Sendo assim, escolhi a reflexão à comemoração!

Devo destacar, no entanto, que o arrefecimento desse fogo pentecostal não é analisado aqui no contexto de uma denominação ou mesmo de algumas delas, mas do Movimento como um todo. Sou pentecostal, pertenço às Assemblaias de Deus! Não se trata, portanto, de uma crítica gratuita a um grupo denominacional, mas de uma reflexão mais ampla sobre as diferentes tradições que compõem esse movimento. Os *Rastros de Fogo,* logo, apontam as marcas deixadas pelo verdadeiro Pentecostes para que possamos segui-las.

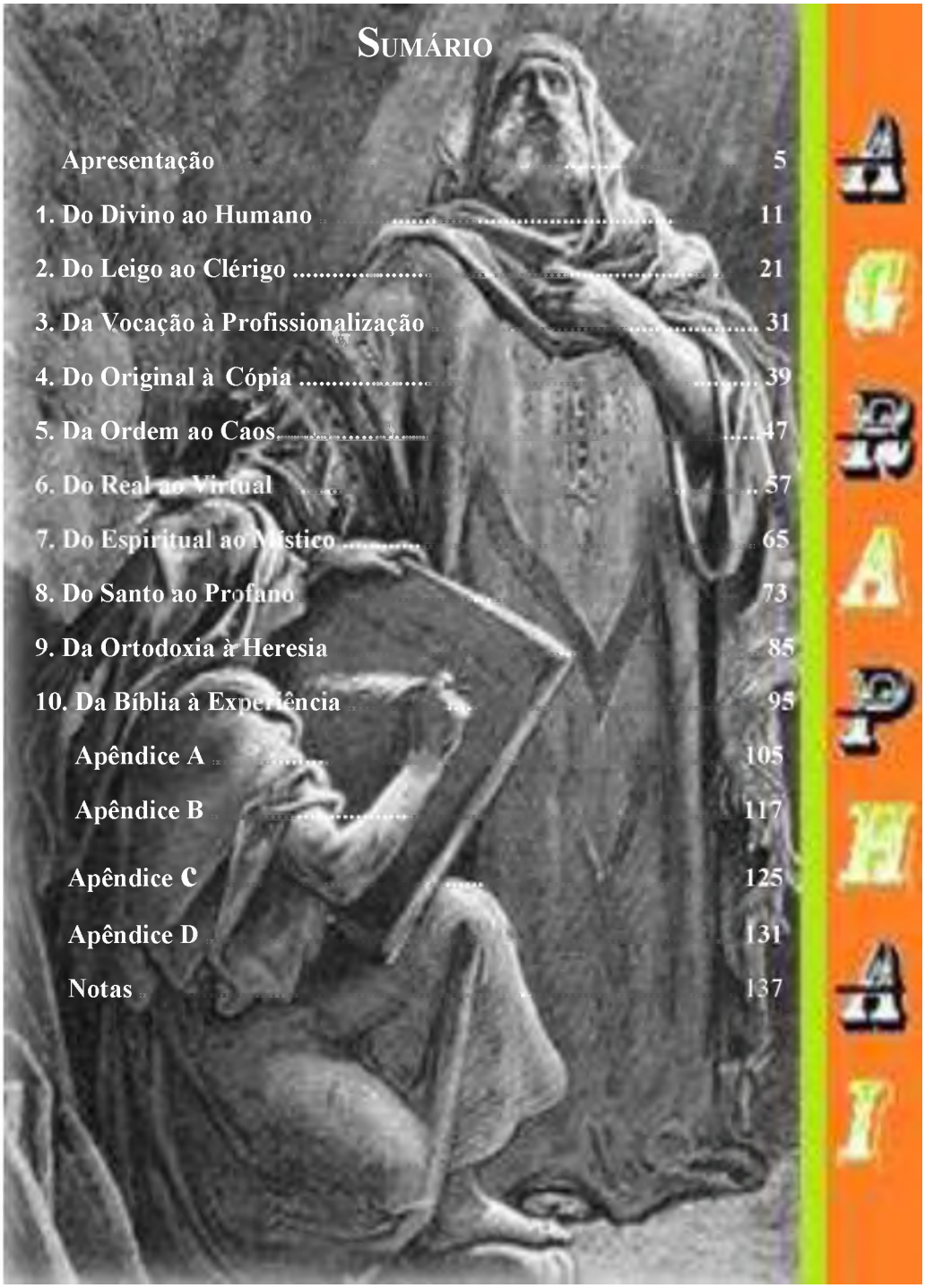
Uma palavra final sobre como construí a estrutura do texto deste livro é necessária. Sabedor que o povo pentecostal é familiarizado com o sistema alegórico de interpretação, lancei mão deste método em alguns capítulos. Entretanto, fazendo o caminho inverso daquele usado pelos neocarismáticos, pois enquanto estes se valem desse método para afirmar interpretações pessoais o usei para confirmar a ortodoxia cristã.

Que Deus o abençoe!

José Gonçalves
Teresina, 17 de fevereiro de 2011



EM BRANCO



Sumário

Apresentação 5

1. Do Divino ao Humano 11

2. Do Leigo ao Clérigo 21

3. Da Vocação à Profissionalização 31

4. Do Original à Cópia 39

5. Da Ordem ao Caos 47

6. Do Real ao Virtual 57

7. Do Espiritual ao Místico 65

8. Do Santo ao Profano 73

9. Da Ortodoxia à Heresia 85

10. Da Bíblia à Experiência 95

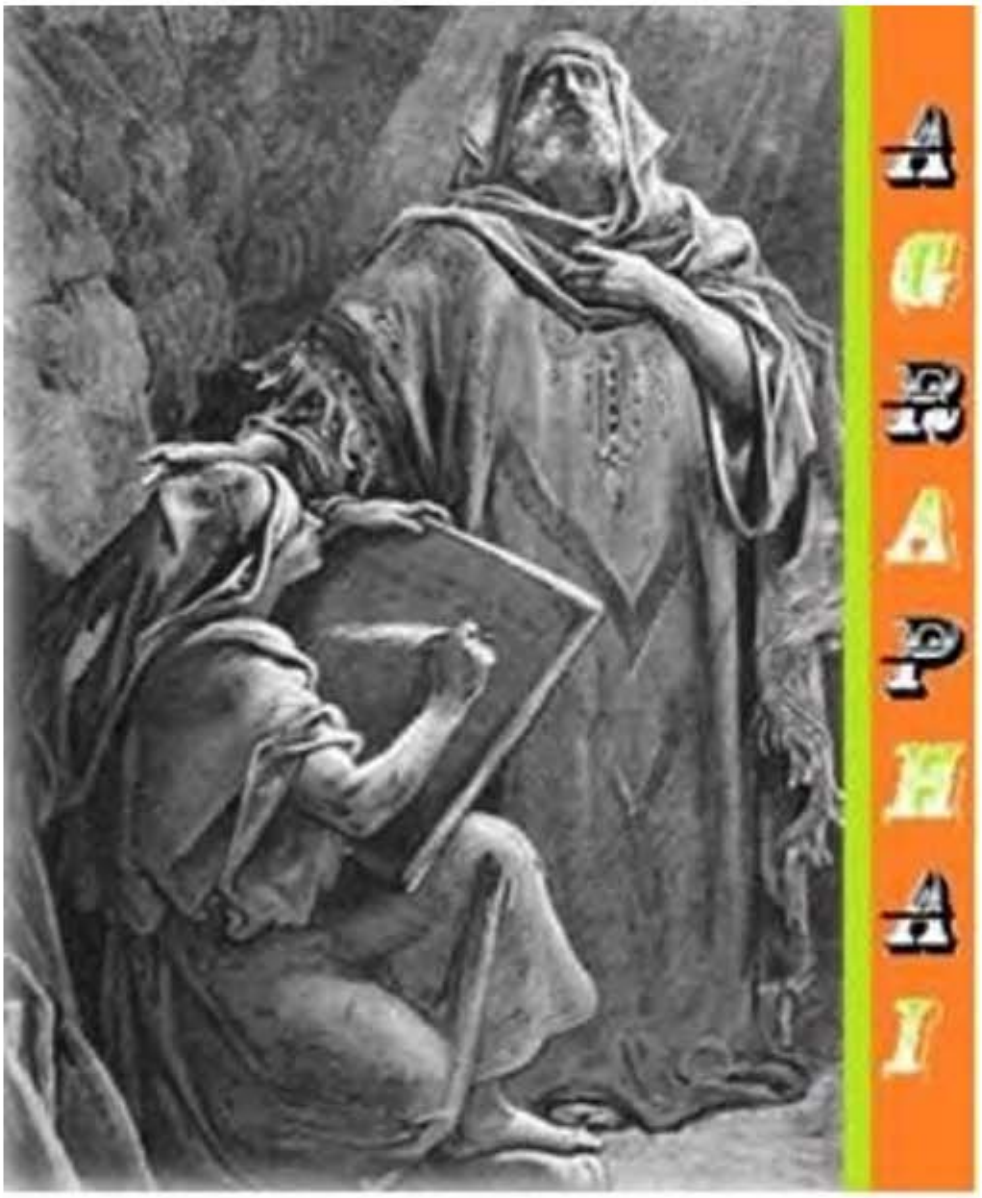
Apêndice A 105

Apêndice B 117

Apêndice C 125

Apêndice D 131

Notas 137



EM BRANCO



1

Do Divino ao Humano

Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito,
estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne? (Gl 3.3)

Um Evento Profético

O Pentecostes é resultado da ação do Espírito Santo (At 2.4). A igreja nasceu no Calvário, mas é no Pentecostes que ela é batizada. "Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito" (1 Co 12.13). Não há como negar esse fato. Na verdade, o Pentecostes é um evento já há muito profetizado nas Escrituras do Antigo Testamento. "E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor" (Jl 2.28-31; At 2.17).

O Pentecostes, pois, nasce como um evento profético! Existem dezenas de passagens nas Escrituras tanto do Antigo como do Novo Testamento que mostram que o Pentecostes é de origem divina e não humana. Tem origem em Deus e não no homem! É evidente que ele ocorre com seres humanos, mas não vem como efeito da ação deles. Quando Paulo diz que a igreja da Galácia havia "começado no Espírito,

mas que agora estava se aperfeiçoando na carne", na verdade ele estava dizendo que ela nascera como uma ação soberana do Espírito Santo, mas que naquele momento estava querendo crescer ou se desenvolver pelos esforços humanos. O Espírito não pode se misturar com a carne! Espírito é Espírito, carne é carne. "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3.6). O problema hoje com o pentecostalismo contemporâneo é reside no fato de que está impregnado de carne. Não há dúvida de que em algumas igrejas parece haver mais carne do que Espírito. Se isso não fosse verdade, então como se explica as divisões? Os escândalos morais e financeiros? Os desvios doutrinários e até mesmo heresias? Nenhuma dessas coisas se amolda à esfera do Espírito, todas estão nas obras da carne (Gl 5.19-21).

No livro de Atos dos Apóstolos a vinda do Espírito Santo é marcada por alguns princípios que atestam seu caráter profético. Nesse livro vemos a ação do Espírito sem nenhuma mescla com a carne. Vejamos como o livro de Atos retrata a vinda do Espírito no Pentecostes:

> "Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto" (At 2.1-13).

Princípios Pentecostais

Alguns princípios expostos nessa passagem são cruciais para entendermos o Pentecostes bíblico:

1 - O Pentecostes bíblico é marcado pela imprevisibilidade — "de repente veio do céu..." (At 2.1,2).

A frase "de repente" chama-me a atenção. Ela fala de imprevisibilidade. Nada fora ensaiado. O Pentecostes bíblico é imprevisível. De fato a palavra grega *aphno* é um advérbio e é traduzida pelo léxico grego de Strong como *repentinamente!* O Pentecostes contemporâneo, ao contrário do Pentecostes bíblico, é por demais previsível. Todo mundo já sabe o que acontecerá e o que também não acontecerá. Já sabemos, por exemplo, que quem tocar na "toalhinha" vai testemunhar que recebeu a bênção. Aí a tudo fica por conta da criatividade humana: sabonete ungido, rosa consagrada, ligas que simulam algemas, estrela de Davi, etc. A coisa começa com certo ineditismo, mas depois cai na rotina. Tudo fica muito mecânico!

No pentecostes bíblico era o Espírito quem comandava e por isso mesmo ninguém possuía as formas ou moldes que delimitavam sua operação. Nada de rezas ou fórmulas mágicas! Tudo era espontâneo. No entanto, precisamos destacar que havia imprevisibilidade, mas não irracionalidade. Embora as operações do Espírito não fossem humanamente padronizadas, todavia eram organizadas (1 Co 12.11; 14.40).

2 - O Pentecostes bíblico é marcado pela verticalidade — "Veio do céu" (At 2.2).

O Pentecostes bíblico ocorreu de cima para baixo. Do céu para a terra. De Deus até aos homens. Possivelmente essa seja a principal diferença entre o Pentecostes de ontem e o de hoje. O de ontem vem do céu, e é vertical. O Pentecostes de hoje vem de baixo e é horizontal. Acontece entre homem e homem. Muitas igrejas gastam um muito dinheiro em técnicas de *marketing* anunciando milagres e mais milagres como se o Espírito de fato estivesse ali, mas na verdade é a carne. Em muitos casos é o homem quem está por trás de tudo. O Pentecostes de cima não faz alarde nem gosta de holofotes. Ele é uma ação de Deus e como tal vem de cima. O que vem daqui de baixo está contaminado pela carne e por isso às vezes exala mau cheiro (Cl 3.2).

3 - O Pentecostes bíblico possui voz — "Veio do céu um som"(At 2.2).

Na verdade, a palavra *som* traduz o termo grego *echos*, de onde provém o nosso vocábulo português *eco*. O Pentecostes bíblico não ape-

nas produz som, mas possui eco. Entretanto isso não é exatamente o que diferencia o Pentecostes bíblico do moderno? O Pentecostes bíblico possui uma voz que ecoa enquanto o de hoje faz apenas barulho. O Pentecostes contemporâneo é zuadento. Ninguém mais aguenta esses pregadores "pentecostais" fazendo barulho para se manter no ar. Como a televisão é um veículo de comunicação extremamente caro, eles estão migrando para a internet. Estão criando blogs a todo instante! Fazem de tudo para serem notados. Foi Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, quem refez a famosa frase de René Descartes: *Penso, logo existo* para: *Falam de mim, logo existo.*[1] Sim, um grande número de pregadores pentecostais está gritando a plenos pulmões para serem notados. Fazem barulho, mas suas vozes não conseguem produzir um eco positivo na sociedade.

4 - O Pentecostes bíblico produz fogo e não fumaça — "E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo" (At 2.3).

Não tenho dúvida de que o pentecostes moderno está quase asfixiado por tanta fumaça! Há mais fumaça do que fogo. No Pentecostes bíblico havia mais fogo e fogo do Espírito Santo. Apareceram entre eles línguas de fogo. Não estou dizendo que não haja alguma chama aqui ou outra ali entre nós pentecostais, mas não posso negar que no atual momento o pentecostalismo está se transformando em uma grande nuvem de fumaça. Justo Gonzalez já observara que no cristianismo moderno há muita espuma.[2] Espuma ou fumaça produzem somente a sensação de crescimento ou volume, contudo, atestam apenas um inchamento. Essa fumaça pode ser vista a grande distância. Veja, por exemplo, os fatos que comprovam isso: o grande número de divórcios entre nós; observe também os escândalos e as dezenas de demandas judiciais entre as igrejas e você constatará isso.

5 - O Pentecostes bíblico falava a língua do povo — "Porque cada um os ouvia na nossa própria língua" (At 2.6).

O Pentecostes bíblico falava a língua do povo. Todo mundo entendia o que ele queria expressar. Nosso pentecostes tem falado, falado, mas assim mesmo não se tem feito entender. Por quê? Acredito que há

ruídos na comunicação. Fala-se uma coisa, mas as *ações* demonstram outra. Antonio Vieira, escritor do século XVII, observou que Deus é obedecido no céu, porque ali Ele é um Deus visto, enquanto aqui na terra muitos o desobedecem porque aqui Ele é um Deus apenas ouvido.[3] Parece que as nossas ações contradizem nossas palavras.

6 - O Pentecostes bíblico é teocêntrico — "Todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus" (At 2.11).

O Pentecostes bíblico falava de Deus! Ele se centralizava em Deus. Os discípulos falavam das grandezas de Deus e não dos grandes feitos humanos. Não seria essa uma das marcas que separam aquilo que é divino do que é meramente humano? Hoje há muitos pentecostes que falam mais das ações e feitos dos homens do que daquilo que Deus fez ou está fazendo.

Raízes Pentecostais

Possuo uma herança pentecostal, pois nasci numa igreja pentecostal e continuo convicto das minhas crenças. Todavia, mais consciente e reflexivo quanto as nossas práticas! Precisamos nos mensurar pelo Pentecostes genuíno. Devemos novamente ouvir nossos pioneiros. Eles viveram o Pentecostes bíblico e foram chamados de pentecostais clássicos. Vamos, portanto, voltar nosso olhar para o passado e verificarmos que o pentecostalismo clássico, como um Movimento dentro da Igreja, também nasceu do Espírito.

Além da Glossolalia

O escritor norte-americano Donald Dayton em seu livro: *Theological Roots of Pentecostalism* (*Raízes Teológicas do Pentecostalismo*), traça um perfil do pentecostalismo histórico.[4] Nessa obra, Dayton revela que o pentecostalismo não é um movimento a-histórico, mas tem suas raízes fincadas dentro do cristianismo histórico. Ele retrocede até John Wesley revelando que a nossa teologia à semelhança da wesleyana, também é herdeira da grande Reforma Protestante do século XVI. De fato, podemos constatar que os movimentos avivalistas que precederam o advento do pentecostalismo moderno tais como o movimento *Holiness* e de *Keswick*, dentre outros, são, sem sombra de dúvida, ações sobera-

nas do Espírito Santo na história.[5] Dayton, por exemplo, diz que é um erro tentar reduzir o Pentecostalismo ao Movimento de *glossolalia,* ou simplesmente ao *falar em outras línguas* como fizerem alguns autores no passado.

Para aqueles autores, o pentecostalismo era analisado a partir do advento das *línguas estranhas* na Escola Bíblica Betel do americano Charles Fox Pahram, em 1901, ou o avivamento de 1906 com William Joseph Saymour na também cidade americana de Los Angeles.[6] A crença nas *línguas estranhas* como evidência física do batismo no Espírito Santo, conforme cria e ensinou Parham, era na verdade o ponto culminante de um movimento que já vinha se desenvolvendo ao longo da história da Igreja. Dayton, por exemplo, observa que as análises que enfatizam somente o falar em línguas como a principal marca distintiva do pentecostalismo, não levando em conta o seu desenvolvimento histórico, esbarra em algumas dificuldades. Por exemplo:

1 - Somente o falar em línguas é insuficiente como marca distintiva do pentecostalismo, visto que esse fenômeno tem sido observado também em movimentos como o dos sakers e dos mórmons.

2 - Ignora a tradição teológica formadora da doutrina pentecostal, fazendo-o depender quase que exclusivamente do grupo de Charles Parham e William Saymour.

3 - Limita o estudo do fenômeno pentecostal às análises sociológicas e psicológicas.

Herdeiros da Reforma

A contribuição de Dayton na análise do pentecostalismo é relevante visto ter ele encontrado o elo entre esse movimento e a tradição cristã histórica. Realmente é possível encontrar marcas desse Pentecostes em diferentes momentos da história da igreja cristã. Isso pode ser visto de tal forma, que é impossível não se constatar que o pentecostalismo é um movimento legítimo dentro do protestantismo histórico. Recentemente, o pastor peruano e teólogo pentecostal Bernardo de Campos, demonstrou que somos herdeiros da Reforma Luterana, em especial da ala conhecida como "Reforma Radical". Sim, aquela Reforma que pro-

duziu um dos maiores movimentos de contestação e inconformismo, e que originou os Anabatistas — crentes que não aceitaram o batismo infantil como símbolo do ingresso à fé cristã. Para esses crentes, o verdadeiro ingresso ao cristianismo se dava através do arrependimento e conversão e que tinha no batismo em águas o seu símbolo exterior. Bernardo Campos faz a pergunta: "Qual a relação que se pode estabelecer entre o pentecostalismo atual e a Reforma Protestante do século XVI?

Em seguida responde:

"Num sentido histórico e social, o pentecostalismo é uma parte do protestantismo herdado da Reforma. De fato, muitos o reconhecem como um *protestantismo popular* e o diferenciam do protestantismo 'histórico' — termo sob todos os aspectos impreciso, porque o pentecostalismo não é a-histórico de modo algum — ou do 'velho' protestantismo, como costumava dizer Troeltsch. O pentecostalismo, assim como a maioria das igrejas evangélicas da América Latina e do Caribe, é herdeiro — em diversas vertentes — da teologia e da vida da ampla e complexa Reforma Protestante".[7]

Campos põe em destaque a teologia de um dos principais expoentes da Reforma Radical, Tomás Muntzer. Muntzer acreditava que o julgamento de Deus sobre a igreja corrompida estava prestes a ocorrer. Em 1520 encontrou-se com os anabatistas que tinham visões e praticavam o dom de profecia. Mesmo antes de Lutero, Muntzer já eliminara o uso do latim na liturgia do culto, permitindo que se lesse a Bíblia em sua totalidade e não apenas parte dos evangelhos. A teologia de Muntzer apresentava algumas características que são tidas como fundamentais: totalidade, globalização, atualidade e objetividade da fé. É bem verdade, como observa Allan Anderson, que o movimento Anabatista sofreu críticas pesadas por seus excessos, fazendo com que o mesmo fosse rebatido por Lutero. Anderson destaca que nesse período:

> As igrejas protestantes oficiais foram ainda mais firmes em sua oposição ao "entusiasmo religioso" que caracterizaram sempre a igreja católica e tiveram que transcorrer cerca de quatro séculos para que mudasse essa situação. Os dons espirituais continuaram apresentando-se, principalmente na periferia radical do protestantismo, e quase sempre eram considerados como movimentos sectários do momento.[8]

De uma forma simples, podemos resumir a teologia de Muntzer da seguinte forma:

1. *A fé é uma atitude total* — ela deve dominar todo o nosso ser em prol da manifestação do Reino de Deus nesse mundo.
2. *A fé é coletiva e comunitária* — visa o todo e não apenas as suas partes.
3. *A fé é temporal* — tem a ver com a nossa vivência aqui no mundo.
4. *A Fé é objetiva e concreta* — ela não é abstrata.

Quer seja no livro de Atos dos apóstolos quer seja na gênese do pentecostalismo clássico, temos a ação do Espírito Santo. No início desse capítulo destacamos o fato de num primeiro momento o Pentecostes ter começado no Espírito, e num segundo ter se inclinado para a carne. É possível observarmos claramente que o movimento pentecostal do final do século XIX e início do século XX, também denominado de "pentecostes da rua Azuza", e o Pentecostes apostólico, possuem muito em comum. Já vimos o que caracterizou o Pentecostes de Jerusalém, vejamos, portanto, o que caracterizou o pentecostes americano.

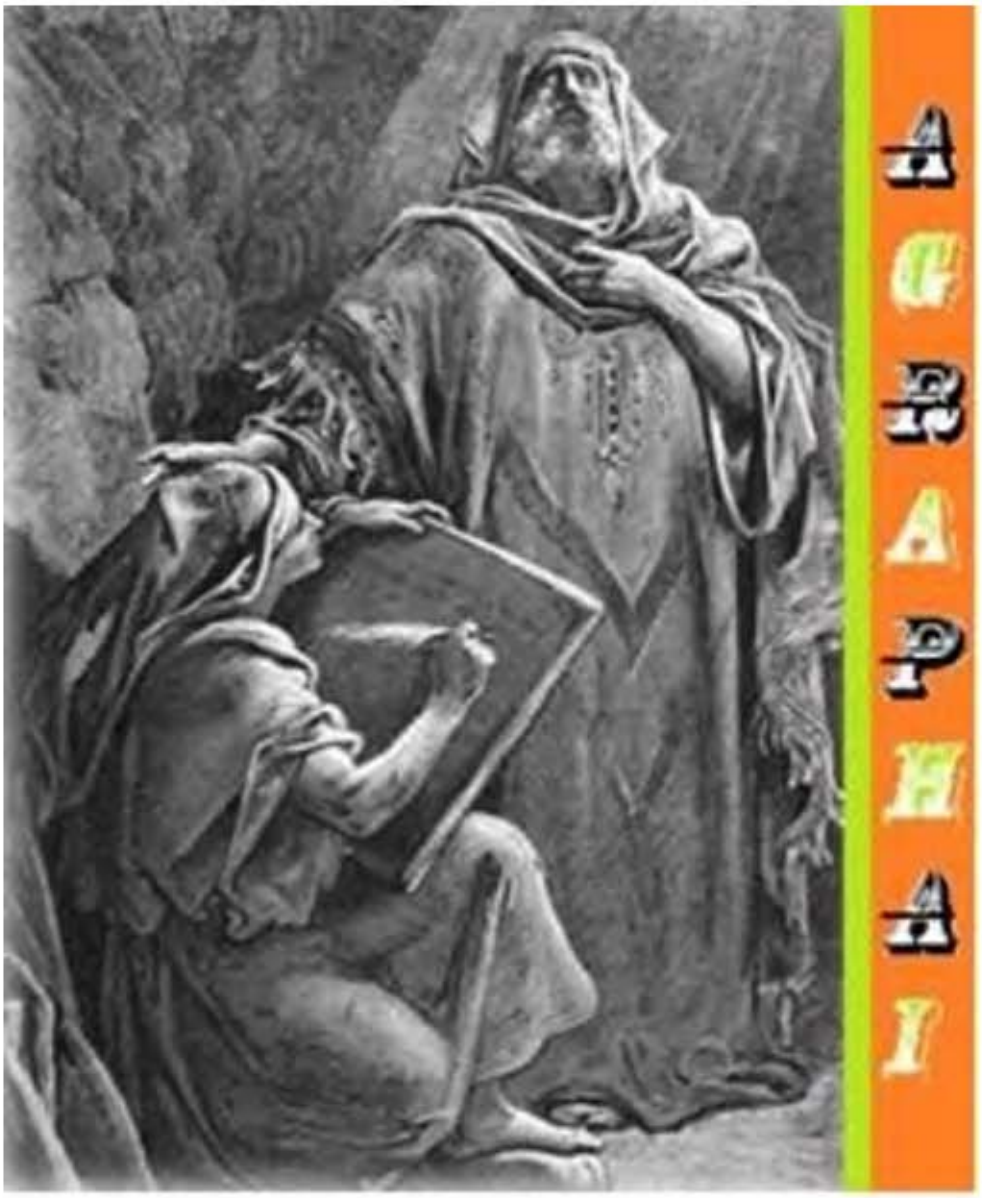
Os Pilares do Pentecostalismo Clássico

William W. Menzies, teólogo e historiador pentecostal norte-americano, destaca oito grandes características que marcaram o Pentecostes da rua Azuza no ano de 1906:

1. *Enchimento do Espírito Santo* — os pioneiros pentecostais estavam convencidos de que vivenciaram a mesma experiência dos cristãos primitivos — o batismo no Espírito Santo. Essa experiência foi a marca distintiva entre os pentecostais e outros grupos protestantes.
2. *Compromisso com evangelismo e missões* — acreditavam que o recebimento do batismo no Espírito Santo tinha como propósito o poder para testemunhar, munidos dessa crença empreenderam um grande esforço missionário para evangelizar os povos ainda não alcançados.
3. *Fé firme* — a presença de Deus passou a ser algo real entre os pentecostais. Esse fato os levou a crer em milagres e a orar pelos doentes.

4. *Expectativa* — os pentecostais acreditavam no retorno iminente do Senhor Jesus Cristo. Para eles a ordem do mundo estava condenada e a missão da igreja era resgatar o maior número possível de pessoas. Suas reuniões não eram repetições cansativas de uma liturgia pré-planejada, mas eram marcadas por manifestações do Espírito Santo.
5. *Realidade* — o senso da presença de Deus e a expectativa da volta de Cristo faziam com que eles vivessem no temor do Senhor buscando um viver santo. Não se tratava apenas de um rigor ascético e moral, mas uma conformidade com a santidade de Deus.
6. *Adoração entusiástica* — seus cultos eram alegres e ruidosos. Havia uma liberdade enorme na liturgia, alguns levantavam as mãos, outros cantavam em voz alta, havia também as palmas e eventualmente o "dançar no Espírito" era praticado desde os primeiros dias.
7. *Comunhão enriquecedora* — os primeiros pentecostais fomentavam a comunhão. O centro da vida deles era o lugar de ajuntamento para o culto.
8. *Autoridade da Bíblia* — o avivamento pentecostal surgiu em torno dos crentes que estudavam a Bíblia. Havia o anseio pela verdade, não meramente uma busca por experiências sensoriais. Os líderes pentecostais enfatizavam a necessidade de se julgar o mérito de todo ensino e manifestações, ensinos e condutas à luz da Palavra de Deus.[9]

Tanto o Pentecostes do Cenáculo como o Pentecostes da rua Azuza eram marcados pela ação do Espírito Santo. Situavam-se na esfera do Espírito e são modelos para os que querem de fato viver uma autêntica experiência pentecostal. Eles souberam começar no Espírito e andar nele. O pentecostes contemporâneo parece ter se acomodado a viver pelo seu braço de carne. Assim como os Gálatas, não devemos ser insensatos, mas voltarmos imediatamente para a esfera do Espírito.



EM BRANCO

2

Do Leigo ao Clérigo

Não extingais o Espírito. (1 Ts 5.19)

Leigos e Clérigos

Segundo o Dicionário Aurélio, *leigo,* derivado do latim *laicu* é aquele *que não é clérigo.* Tem o sentido, portanto, daquilo *que pertence ao povo cristão como tal e não à hierarquia eclesiástica.*[10] Essa separação entre *leigo* e *clérigo,* conforme destaca os léxicos, não fazia parte da doutrina cristã primitiva. Há um consenso entre os teólogos de que o enrijecimento da estrutura eclesiástica que tornou abismal a distância que separa o leigo do sacerdote trouxe danos irreparáveis à igreja.

O que se percebe no Novo Testamento é que a estrutura eclesiástica existente era muito simples, sendo observado que ela existia mais em questão de função do que de posição. Ser pastor, presbítero ou diácono eram funções que se relacionavam ao ofício de cada um, deixando claro, portanto, a função que o crente exercia dentro de sua comunidade. Até aqui não havia a separação entre leigos e sacerdotes, conforme se nota hoje na cultura ocidental. Foi somente a partir da Reforma Protestante do século XVI que o termo "sacerdote" passou a ser aplicado novamente a todos os crentes, como o era no Novo Testamento, e não somente a uma classe privilegiada, segundo ensinava e ainda ensina o catolicismo romano.

Não há nenhuma dúvida de que o clericalismo surgiu na tradição cristã quando a hierarquia eclesiástica procurou monopolizar os caris-

mas do Espírito. Quando as manifestações do Espírito deixam de ser encorajadas entre as massas para ser algo privativo de um grupo privilegiado, os clérigos, então a igreja entra em um processo de esfriamento. A propósito, o teólogo Bernardo Campos lembra-nos de que "quando o carisma vira rotina aparece a instituição".[11]

A Institucionalização dos Carismas

Nas páginas seguintes mostrarei que desde o fim do período apostólico até a Reforma Luterana, se observa um conflito enorme entre o laicismo e o clericalismo. Em outras palavras, a convivência entre leigos e clérigos, crentes e sacerdotes passa a ser conflituosa. Esse apanhado histórico permite-nos ter uma visão panorâmica de como a igreja reagiu à ação do Espírito logo após ter silenciado o último apóstolo. Isso deveria nos alertar que o clericalismo, embora necessário, nunca foi uma boa política para a vida da igreja.

Muito embora já se possa sentir o ranço do clericalismo nas obras dos Pais da Igreja, todavia, nesse período predominava ainda uma Igreja em que os leigos possuíam vez e voz. O laicismo é prevalente nos anos subsequentes à morte dos apóstolos, embora não por muito tempo. Esses cristãos acreditavam, a exemplo dos apóstolos, que estavam sob a direção do Espírito Santo. Clemente de Roma, por exemplo, invocou a autoridade do Espírito Santo quando escreveu no de ano 95 d.C.[12] Outros textos primitivos destacam também esse fato. Inácio de Antioquia, que escreveu sete cartas entre 98 e 117 d.C, demonstra que os cristãos estavam familiarizados com o Espírito Santo e por isso diz que eles não careciam de nenhum dom.[13] Por outro lado, o Didaqué, escrito por volta de 101 d.C., traça diretrizes para o correto uso dos dons espirituais, especialmente o de profecia. Fica claro nesse documento o cuidado para não se apagar o Espírito (1 Ts 5.19; Mt 12.31), bem como não se submeter ao Espírito do erro (1 Jo 4.1).[14]

Para Justino de Roma (100-165 d.C.) as manifestações do Espírito não lhes eram estranhas, isso pode ser verificado em uma de suas mais importantes obras em que ele afirma que os carismas proféticos ainda eram presentes nos seus dias.[15] Uma outra referência importante sobre a

obra do Espírito Santo no período da patrística vem de Irineu (120-202 d.C.), ele relata como os crentes discerniam pelo Espírito Santo aquilo que não possuía origem divina. Para ele uma das razões que levou os hereges a se afastarem do Evangelho foi a negação do Espírito. Irineu se referia ao movimento gnóstico e montanista, respectivamente.[16] Fica claro que esse pai apostólico acreditava nas manifestações do Espírito Santo, mas denuncia a heresia gnóstica que desprezava o Paráclito. Por outro lado, isso também é visto na segunda citação em que ele critica o montanismo que exercitava os carismas, mas o fazia, no seu entender, fora da autoridade eclesiástica.

Hipólito de Roma (cerca 136 d.C.), um discípulo de Irineu, também demonstra estar familiarizado com a terceira pessoa da trindade. Ele se opôs ao gnosticismo, marcionismo e montanismo. Hipólito queria manter-se fiel à tradição dos dois primeiros séculos da igreja. De acordo com S. M. Burgess, Hipólito não limitava a operação do Espírito à hierarquia eclesiástica, como faria mais tarde Cipriano.[17] Apesar de a obra de Hipólito já demonstrar uma variação muito clara daquilo que ensinaram os apóstolos, contudo, algumas de suas práticas são interessantes para serem lembradas. Por exemplo, para ordenação de um ministro da igreja, ele ensina que se imponham as mãos e se invoque sobre o tal a presença do Espírito Santo.

Um Profeta Mal-Compreendido

Já fizemos referência neste texto a um movimento de renovação que ocorreu dentro do período da patrística. Esse movimento denominado por Tertuliano de "Nova Profecia" foi fundado por Montano. O montanismo apareceu por volta de 172 d.C. com manifestações espirituais, como por exemplo, o êxtase, o falar em línguas e a profecia. Infelizmente o que se sabe sobre o montanismo ou a nova profecia quase sempre vem da pena dos seus críticos. O Montanismo, quando visto pelos olhos da igreja institucionalizada dos seus dias, entrou para a história como uma excrescência do cristianismo que deveria ser cortada. O motivo eram os excessos e até mesmo heresias praticadas pelos montanistas. Mas que heresia? R.P. Splitter declara que o motivo que levou a antiga igreja a sentenciar o montanismo como heresia foi a sua suposta alegação de

que ele próprio seria o Parácleto.[18] Montano teria dito, portanto, que seria o próprio Espírito Santo.

Mas como isso poderia ser verdade se os seus ensinos atraíram um dos mais famosos pais da igreja, Tertuliano? De fato, o bispo de Catargo foi o principal expoente do montanismo. Os historiadores observam que Tertuliano já demonstrava simpatia pelo montanismo em 207 a.C., mesmo antes de aderir a ele. Posteriormente ele assume posição a favor do montanismo militando contra a igreja institucionalizada. De acordo com Jerônimo, a razão que levou Tertuliano para o montanismo teria sido a inveja e a injúria que a igreja manifestara contra ele. Claudio Moreschini destaca ainda alguns outros motivos, tais como uma renovada expectativa escatológica, uma maior severidade disciplinar e a certeza de uma mais viva e corroborante presença do Paráclito foram os argumentos que levaram Tertuliano a aderir àquele que ele chamava a Nova Profecia.[19]

Os fatos hoje estão resgatando a verdade sobre esse movimento carismático. Não se está negando aqui que o montanismo tenha cometido excessos, mas como ressaltou o historiador D.F Wright, nada de rigorosamente herético podia ser levantado contra o montanismo. E Moreschini acrescenta que o movimento não professava doutrinas heréticas, de modo que nos sínodos reunidos na Ásia Menor para avaliá-lo não fica claro se devia ou não condená-lo. Mas se esta é a visão que se tem hoje, então por que Montano foi acusado de ser o próprio Paráclito, isto é, o Espírito Santo? Philip Schaff, historiador da igreja, destaca que seus adversários concluíram, erradamente, que em razão do uso da primeira pessoa para o Espírito Santo em suas declarações proféticas, ele afirmava ser o próprio Parácleto, ou, de acordo com Epifânio, até mesmo Deus, o Pai.[20]

O Espírito na Periferia

O fato é que ao se colocar o montanismo na clandestinidade a igreja cristã apagou alguns rastros deixados pelo Espírito. Paulo Romeiro destaca que certos teólogos creem que ao excluir o montanismo a igreja perdeu um movimento que protestava contra o crescente formalismo e mundanismo, passando a funcionar na clandestinidade.[21] Paul Tillich

destaca que a vitória da igreja institucional sobre o movimento montanista resultou em perda:

1. O cânon venceu sobre a possibilidade de novas revelações. A solução do quarto evangelho de que sempre haveria novas percepções da verdade, sob a crítica do Cristo, foi, pelo menos, reduzida em poder e sentido.
2. A hierarquia tradicional triunfou contra o espírito profético. Com isso excluía-se, mais ou menos, o espírito profético da igreja organizada levando-o a abrigar-se em movimentos sectários.
3. A escatologia perdeu grande parte da importância visível na era apostólica. A organização eclesiástica passou a ocupar o primeiro lugar. A expectativa do fim reduziu-se ao apelo aos indivíduos para que se preparassem para o seu fim pessoal que poderia vir a qualquer momento. Depois desse período a ideia do fim da história deixou de ter importância.
4. A rígida disciplina dos montanistas foi abandonada, substituída pelo afrouxamento crescente dos costumes.[22]

O século II encerra-se com um importante movimento carismático posto na clandestinidade. Entretanto uma verdade cobre esse período se sobressai, importantes Pais da Igreja provam acreditar nas manifestações do Espírito. Após esse período uma visão crítica e regulamentadora dos carismas do Espírito caracteriza a literatura cristã. A. Monaci Castagno resume o final dessa importante fase da igreja:

1. Os carismas são considerados cada vez mais frequentemente como um privilégio da Igreja Primitiva. Orígenes, que a princípio admitia a existência dos dons do Espírito como uma afirmação antijudaica, reconhece que os carismas do Espírito tinham ficado mais raros.
2. Os carismas passam a ser privilégio do clero.
3. Os carismas passam a ser cada vez mais privilégio do monaquismo, isto é, daqueles que levavam uma vida asceta.[23]

O Novo Dicionário do Movimento Pentecostal e Carismático em sua edição em inglês fez um esforço enorme na tentativa de fazer um resgate

histórico sobre esse período. De fato, essa obra dedica nada menos do que dezessete páginas exclusivamente à *A Doutrina do Espírito Santo nos Pais Antigos*. A matéria começa com a patrística e se estende pelo período medieval chegando à grande Reforma Protestante. Além dos escritores já listados aqui, há dezenas de outros que são lembrados. Entre eles estão:

1) Antes do Concílio de Niceia (325 d.C.):

Orígenes; Novaciano; Cipriano;

2) Niceno e Período pós-niceno:

Eusébio de Cesareia; Cirilo de Jerusalém; Dídimo, o C ego; Atanásio; João Crisóstomo; Basílio de Cesareia; Gregório de Nissa; Gregório Nariazeno; Efrém da Sírian; Narciso; Pseudo Macarios; Pseudo Dionísio, o areopagita; Ambrósio; Agostinho; Tomás de Aquino, dentre muitos outros.

Uma Pneumatologia Deficiente

Infelizmente o ranço do paganismo manchou de uma forma acentuada a teologia de muitos desses nomes. Suas pneumatologias não foram exceção. Orígenes, por exemplo, considerava o Espírito Santo inferior ao Pai e ao Filho. Para chegar a esse raciocínio, Orígenes bebeu do paganismo platônico. Certamente frequentou a escola de Amônio Sacas, um reduto do neoplatonismo. Nessa escola entrou em contato com as Enéadas, obra do filósofo Plotino, onde se encontra o ensino sobre as emanações. A hierarquia da divindade exposta por Orígenes é idêntica à doutrina das emanações desse filósofo neoplatônico. Geovani Reali, historiador da Filosofia, comenta que ao caracterizar o Pai, o Filho e o Espírito Santo como hierarquia, Orígenes revela mais influências platônicas do que em qualquer outro ponto de seu sistema.[24]

Os exemplos não são poucos. Para Agostinho, bispo de Hipona, o Espírito Santo possuía um papel vital na santificação do crente. Mas por outro lado, o bispo de Hipona restringiu as operações carismáticas ao período apostólico. Outro exemplo vem de João Crisóstomo que considerava os dons do Espírito um privilégio da hierarquia eclesiástica e do monaquismo.

Não há como negar que no período medieval havia um misticismo muito grande, que até mesmo mais tarde viria a "paganizar" o cristianismo institucional. Contudo não há nesse período muita coisa que lembre o período apostólico. "A igreja católica da Europa Ocidental oficialmente continuou negando a possibilidade dos dons espirituais". Até o ano 1000 d.C, o livro litúrgico *Rituale Romanorum* explicava a um sacerdote em que casos era necessário o exorcismo de demônios:

"Os sinais da possessão são os seguintes: a habilidade de falar com certa facilidade em uma língua estranha ou para entendê-la quando outro a fala; a faculdade de revelar o futuro e o desconhecido; demonstração de poderes que estão fora do normal para a idade e a condição natural do sujeito; e diversos outros indícios que, quando se consideram de maneira conjunta, são provas mais do que suficientes".[25]

Os dons carismáticos agora eram considerados como sinais do demônio na igreja oficial que estava dominada pelo escolasticismo desse período. Não se está afirmando que o Espírito Santo deixou de ter influência sobre as vidas ou comunidades, e que nada de bom se produziu nesse período da história. Não, isso seria ir contra os fatos históricos. Nesse período importantes doutrinas cristãs se consolidaram, a exemplo da Cristologia, a doutrina da Trindade, além do florescimento de grandes projetos literários. Não se quer afirmar aqui que as manifestações carismáticas se extinguiram de vez, pois como demonstrou R. P. Splitrer, algumas manifestações do Espírito estão presentes, embora de forma esporádica, por toda a história da igreja. Todavia não encontramos nesse período aquele clima de efervescência cristã tão característico da época apostólica, e que o pentecostalismo clássico mais tarde iria reviver. A propósito, foi esse distanciamento do cristianismo bíblico que fez eclodir os movimentos de reforma.

Um Mal Necessário!

Ainda no início desse capítulo mencionei que o clericalismo nunca foi uma boa política para a igreja, mas foi necessário. Isso quer dizer que não devemos ser infantis imaginando que a igreja seria melhor sem

organização alguma. As palavras de Eugene Peterson são sábias nesse sentido:

> "Eu era, e sou, grato à instituição eclesiástica que me colocou para trabalhar na organização de uma nova congregação. Eles me ordenaram. Gastaram muito dinheiro comigo. Incentivaram-me e aconselharam-me. Eles me deram acesso a uma tradição teológica e eclesiástica que é fundamental e estabilizadora. Em nenhum momento, durante o processo, repudiei essa instituição. No entanto, aprendi que, além de eu ser um pecador (uma doutrina-chave na teologia de minha denominação), a própria instituição também era pecadora. Naquele primeiros anos de minha ordenação, eu não entendia o predomínio e a profundidade do pecado institucional".
>
> [...] Minha maior descoberta é que tinha me enganado em esperar algo diferente. A direção espiritual não vem de instituições. A instituição tem seu lugar próprio e necessário. Eu não podia funcionar bem sem ela, talvez nem conseguisse funcionar. Entretanto, estivera redondamente enganado em procurar alimento espiritual e esperar aconselhamento vocacional na instituição.[26]

Deve, portanto, ficar bem claro que não existe organismo sem organização; função sem forma e Igreja que seja totalmente desprovida de convenção. Os carismas são importantes para a igreja, mas a organização, concílios e convenções também o são. Gene A. Getz destaca:

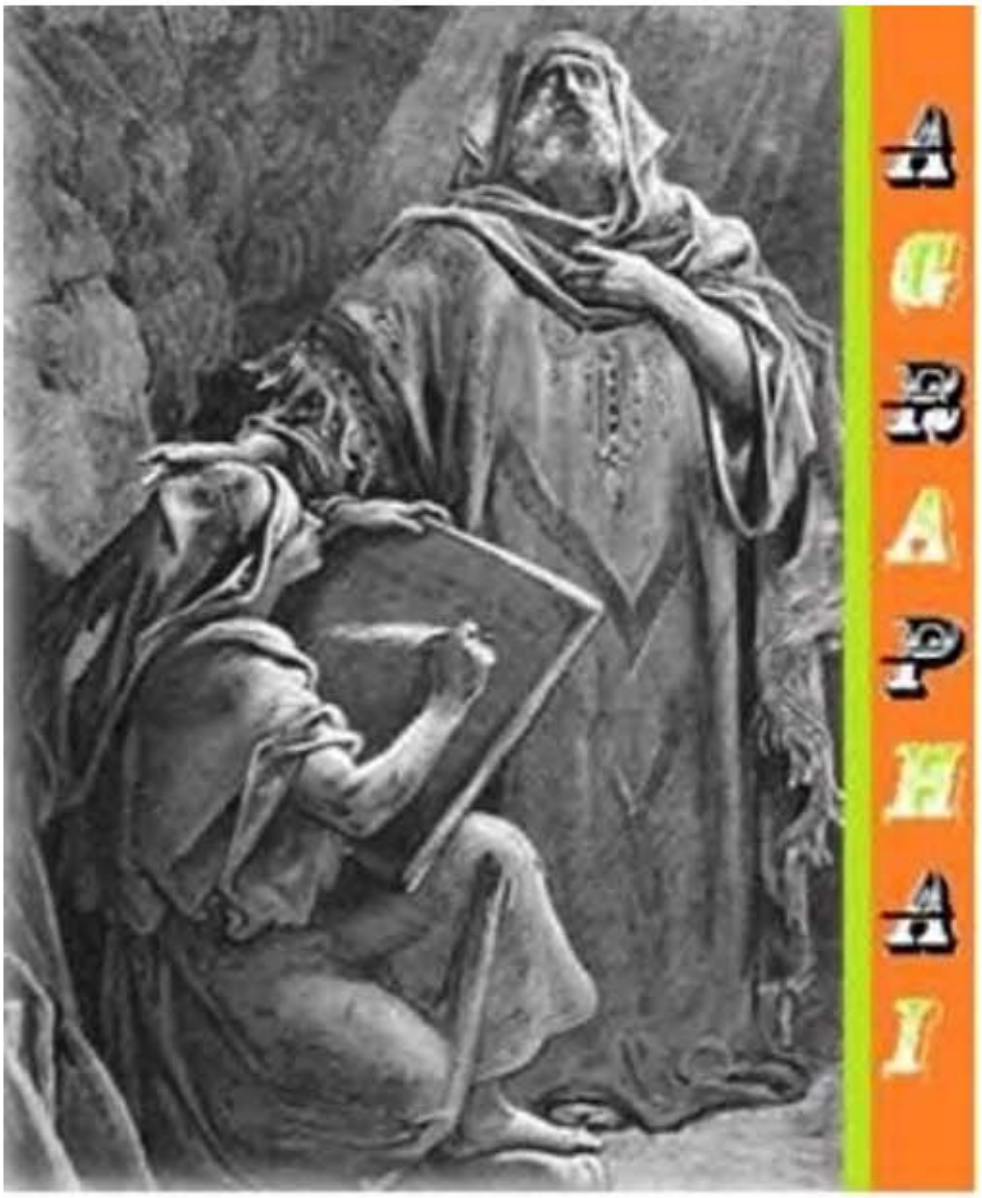
> É importante ajudar os cristãos a compreender a diferença entre absolutos e não-absolutos, entre funções e formas, entre princípios e padrões, entre verdade e tradição, entre organismo e organização, entre mensagem e método, entre aquilo que é supracultural e aquilo que é puramente cultural.[27]

O problema surge quando dentro de nossas igrejas percebe-se que perdemos a noção de função, de princípios e organismo. Em vez disso, apegamo-nos aferradamente à organização e à instituição. Não é difícil perceber, portanto, que o clericalismo no molde de hoje, e aqui, a análise é ao pentecostalismo enquanto movimento, tem apresentado sintomas bastante desconfortáveis.

Na Contramão dos Carismas

Tenho medo de que estejamos fazendo o caminho inverso ao percorrido pelos reformadores do século XVI, pois enquanto estavam abandonando as práticas medievais reinantes na igreja, nós estamos ressuscitando essas antigas práticas. O clericalismo no seio pentecostal já se parece em muito com aquele praticado pelos sacerdotes medievais. Observa-se, por exemplo, que já temos "bispos" e "apóstolos" e para

que se veja surgir alguém dizendo que agora é "Papa", não demorará muito tempo! Se queremos, de fato, um novo Pentecostes, devemos urgentemente descer do pedestal e nos conscientizar de que o Espírito é derramado sobre toda carne (At 2.17), e que cada crente independentemente de sua posição social ou função eclesial, é um sacerdote de Deus (1 Pe 2.9).



EM BRANCO



3

Da Vocação à Profissionalização

Mas Eliseu disse ao rei de Israel: Que tenho eu contigo? Vai aos profetas de teu pai e aos profetas de tua mãe. (2 Rs 3.13)

Uma Nova Profissão

Há algum tempo conversava com um colega, também pastor, e ele me falava da tese que iria defender por ocasião de uma pós-graduação na área do direito do trabalho. A tese intitulava-se: *O Ministério Pastoral: vocação ou profissão?* Em suas pesquisas encontrara na web um farto debate em torno do assunto. Constatou que não havia ainda consenso entre os juristas em torno do assunto, mas o debate apontava tendências. Alguns acreditavam que o ministério pastoral era uma vocação e por isso mesmo não devia haver vínculo empregatício entre pastor e igreja, mas por outro lado, alguns juristas acreditavam que o trabalho exercido pelo pastor frente à sua comunidade podia sim ser configurado como uma relação de trabalho e por isso deveria ser regido pelas leis trabalhistas vigentes.

A tendência, porém, mostra que as leis trabalhistas estão mais propensas a considerar a atividade do clérigo como uma profissão. As sentenças favoráveis às dezenas de causas trabalhistas impetradas por pastores contra suas igrejas e respectivas Convenções e Concílios parece não deixar dúvida quanto a esse fato. Um grande número de pastores já se convenceu desse fato e por isso mesmo está procurando se organizar em torno de sindicatos. No momento que escrevo esse livro dezenas de

pastores estão reclamando na justiça indenizações milionárias contra suas respectivas igrejas. O ministério pastoral, sem sombra de dúvida, está mais profissional do que vocacional.

Existem denominações pentecostais que já há muito tratam seus pastores como simples empregados. São assalariados e o seu vínculo com a comunidade ou denominação é extremamente profissional. São tratados como executivos de uma multinacional que gerenciam uma grande empresa ou uma filial da mesma. Dessa forma, o seu vínculo com a comunidade é extremamente profissional, tendo como fator preponderante a produção de resultados. Eles são remanejados quando as metas financeiras estipuladas pela diretoria geral para aquela área, comunidade ou igreja não é alcançada. Assim, quando são transferidos de uma cidade para outra encontram um apartamento mobiliado, que evidentemente não é dele, mas da igreja. Até mesmo o terno, gravata, sapatos, etc., não lhes pertence e devem ser deixados quando são convocados para atender em outra localidade. Enfim, é um empregado como qualquer outro de uma grande empresa.

Demitido por Justa Causa

Faz alguns anos que um amigo meu que até então fazia parte de uma denominação dissidente do pentecostalismo clássico, procurou-me. Estava completamente confuso e desnorteado naquele momento. Contou-me em um tom de pesar que acabara de perder a igreja que pastoreava. Como pentecostal fiquei curioso e ao mesmo tempo preocupado, pois sabedor do nosso rígido código de disciplina imaginei que o mesmo cometera alguma falha moral grave. Presumi que somente isso poderia afastá-lo da frente de sua igreja, porque tinha consciência de que tanto ele como a sua esposa eram extremamente dedicados ao trabalho evangélico! Vendo a minha preocupação logo tranquilizou-me dizendo que não praticara adultério nem tampouco desviara dinheiro de sua igreja. A diretoria de sua igreja já havia demonstrado descontentamento com ele, pois segundo diziam, as metas financeiras estipuladas para aquela comunidade não estavam sendo alcançadas por ele. Mesmo vendo o seu emprenho diante da sua igreja e que aquela comunidade era formada por pessoas de baixo poder

aquisitivo, seus líderes o mandaram embora. Ciente de sua chamada vocacional, meu amigo procurou superar esse trauma fazendo parte de outra igreja pentecostal. Foi a partir desse episódio que pela primeira vez me dei conta de que havia setores dentro do pentecostalismo que profissionalizaram a vocação pastoral.

Pastores-Executivos

Como pastor pentecostal e tendo livre trânsito nesse meio, fico preocupado com alguns comportamentos que julgo serem nocivos à nossa fé — a tendência que cresce entre os evangélicos de considerar pastores como executivos! Até mesmo os títulos de pastor-presidente, secretário executivo de missões, bispo e apóstolo, que estão em voga no atual momento, já são entendidos dessa forma. Não demonstram mais uma atitude de ajustamento ao modelo de governo bíblico, mas uma forma de conferir *status* e destaque dentro do seu respectivo grupo. O título de pastor parece ter ficado empobrecido e talvez por isso se julgue necessário substituir por um outro mais chamativo. É embaraçoso e humilhante vermos os crentes preocupados em não trocar os títulos dos seus líderes quando a eles se dirigem! Observei durante um programa de televisão de uma dessas igrejas neopentecostais que uma senhora estava visivelmente tensa quando quis chamar a atenção do seu líder. Ela se dirigiu a ele primeiramente como "bispo", mas logo se deu conta que cometera um errado grave, e por isso tratou logo de se corrigir chamando-o de "apóstolo". Em outra ocasião encontrava-me em um culto quando um pastor convidado chegou ao templo e se dirigiu ao púlpito. Logo após levantar-se da oração o dirigente do culto, confiando que o conhecia e que eram amigos dirigiu-se a ele apenas como "irmão", contudo, logo foi corrigido por aquele obreiro que fez questão de dizer em voz alta e bom tom: "irmão não, pastor!". Fiquei pensando se pastor também não é irmão.

Essa tendência ao profissionalismo no meio pastoral ou ao carreirismo como prefere Eugene Peterson, é algo extremamente danoso para as igrejas. Os pastores perdem aquela visão de servo para se ajustarem àquela do profissional liberal. A propósito, Eugene Peterson ao comentar a fuga do profeta Jonas para a cidade de Tarsis, destaca:

Tarsis, uma fascinante carreira religiosa, não é o lugar adequado para um pastor. Todavia, uma vez a bordo do navio rumo a Társis, é difícil sair: as acomodações são agradáveis, os turistas do grupo são atraentes — por que pedir algo diferente? Jonas foi lançado para fora. Se não houvesse marinheiros para nos lançar, teríamos de nos forçar a pular. A consequência quase que certa é o afogamento — carreiricídio.

Jonas não se afogou, foi engolido por um grande peixe, e assim foi salvo. Sua primeira reação a sua nova condição de salvo foi a oração

Esse é o cerne da história, localizado no ventre de um peixe. O afogamento do carreirismo religioso é seguido pela ressurreição da vocação pastoral. Tornamo-nos o que fomos chamados a ser por meio da oração.[28]

Pastor de Aluguel

A crise ministerial contemporânea assemelha-se àquela vivida pela escassez sacerdotal no período dos juízes. Como um período de transição entre um governo tribal e a monarquia, os juízes tiveram de conviver com as ameaças constantes de uma anarquia generalizada. O texto bíblico registra:

> Havia um homem da região montanhosa de Efraim cujo nome era Mica, o qual disse a sua mãe: As mil e cem moedas de prata que te foram tiradas, por cuja causa deitavas maldições e também as disseste, eis que esse dinheiro eu o tenho, eu o tomei. Então, disse sua mãe: Bendito seja meu filho do Senhor! Assim, restituiu os mil as e cem moedas de prata à sua mãe, porém sua mãe disse: Inteiramente tenho dedicado este dinheiro da minha mão ao Senhor para meu filho, para fazer uma imagem de escultura e uma de fundição; de sorte que agora to tornarei a dar. Porém ele restituiu aquele dinheiro a sua mãe, que tomou duzentas moedas de prata e as deu ao ourives, o qual fez delas uma imagem de escultura e uma de fundição, e esteve em casa de Mica. E tinha este homem, Mica, uma casa de deuses, e fez um éfode e terafins, e consagrou a um de seus filhos, para que lhe fosse por sacerdote. Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos. E havia um jovem de Belém de Judá, da tribo de Judá, que era levita e peregrinava ali. E este homem partiu da cidade de Belém de Judá para peregrinar onde quer que achasse comodidade; chegando ele, à montanha de Efrain, até à casa de Mica, seguindo o seu caminho, disse-lhe Mica: Donde vens? Ele lhe disse: Sou levita de Belém de Judá e vou peregrinar onde melhor aonde quer que achar comodidade. Então, lhe disse Mica: Fica comigo e sê-me por pai e sacerdote; e cada ano te darei dez moedas de prata, e vestuário, e o sustento. E o levita entrou. E consentiu o levita em ficar com aquele

> homem; e este jovem lhe foi como um de seus filhos. E consagrou Mica ao levita, e aquele jovem lhe foi por sacerdote; e estava em casa de Mica. Então, disse Mica: Agora, sei que o Senhor me fará bem, porquanto tenho um levita por sacerdote. (Jz 17.1-13)

Esse texto relata o ápice dessa crise. Nele podemos extrair lições que servem para mostrar que uma crise institucional pode ter sérios reflexos no ministério vocacional.

Em primeiro lugar, havia uma crise de modelos — "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (v. 6).

Por natureza somos dependentes de modelos. Na nossa infância eram nossos pais, professores ou até mesmo um amigo. Os modelos são necessários e não há nada de errado em tê-los (1 Co 11.1). O termo modelo traduz a palavra grega *paradigma,* e mantém o sentido em nossa língua de um referencial. Sem referenciais ficamos à deriva, assim como os israelitas beiravam o caos por falta dos mesmos. Quando um povo não possui um modelo ou paradigma para seguir, então ele corre perigo. Foi assim com os israelitas no período dos juízes e parece ser assim com o atual movimento pentecostal. Com um agravante, o nosso modelo pentecostal com seus ícones existe, mas não está sendo copiado. Somente uma quantidade muito pequena ainda o deseja. Abandona-se o modelo de pentecostalismo bíblico para se abraçar os estereótipos.

O pentecostalismo clássico foi rico em ícones e se tornou referência de um cristianismo autêntico e dinâmico. Todavia o pentecostalismo de hoje assemelha-se a Sansão com os cabelos cortados. Possuía a mesma formosura, mas não a mesma força. Não andava mais com o poder com o qual fora dotado. Talvez seja por isso que se invista tanto em marketing nas igrejas pentecostais na tentativa de se produzir aquilo que somente o Espírito Santo consegue fazer!

Em segundo lugar, havia uma crise no ministério sacerdotal — "Havia um homem da região montanhosa de Efraim cujo nome era mica (...) e consagrou a um dos seus filhos, para que lhe fosse por sacerdote" (vv. 1,5).

Aqui não havia nenhum respeito pelo ministério vocacional e o que determinava o exercício do sacerdócio não era a vocação, mas a ocasião. Mica adorava a Deus e aos deuses (v. 5) e ele mesmo consagrou a um de

seus filhos para lhe oficiar como sacerdote. Possuía um sacerdote particular. R. N. Champlim observa que essa passagem mostra que:

"Ocorreram desvios idólatras que violavam o segundo mandamento da lei de Moisés (cf Jz 8.27; Mq 1.7; 1 Rs 12; 13). Yahweh estava sendo cultuado, mas com o acompanhamento de ídolos e através de um sacerdócio não-autorizado. Era uma situação própria do sincretismo, que de modo algum se harmonizava com a legislação mosaica".[29]

Quando o assunto é vocação pastoral, devemos observar o binômio: vocação-qualificação. Há o perigo de termos um ministro vocacionado, mas não qualificado como podemos tê-lo qualificado, mas não vocacionado. Somente um ministro vocacionado e qualificado pode exercer a contento e com êxito o ministério pastoral. No caso do filho de Mica, ele poderia até mesmo ser qualificado, mas não era vocacionado pela simples razão de não pertencer à tribo de Levi. Mica era da tribo de Efraim (v. 1). Mica ficou incomodado com esse fato, pois posteriormente consagrou uma outra pessoa, agora da tribo de Levi, para lhe oficiar como sacerdote (Jz 17.12). Mas o problema não se resolveu, pois se primeiramente temos alguém que poderia ser qualificado, mas não era vocacionado, agora temos alguém que é vocacionado, pois pertence à tribo de Levi, mas demonstra ser desqualificado — era um andarilho e que ficava onde melhor lhe parecesse (v. 8). Essa não era uma atribuição de um sacerdote levita (Êx 28; 29).

Algumas igrejas pentecostais parecem se preocupar muito com a vocação, mas negligenciam a qualificação! Por outro lado, há aquelas que estão valorizando demais a qualificação e esquecendo a vocação. Em ambos os casos estamos diante de uma anomalia. Vemos desfilando entre nós pastores que demonstram não ser nem vocacionados e nem muito menos qualificados. Não se trata de elitizar o ministério pastoral ou torná-lo eclético, não, nada disso. Entretanto devemos nos preocupar com quem estamos mandando para a frente de nossos púlpitos a fim de pastorear a igreja de Deus. Um ministro desqualificado pode fazer grandes prejuízos à igreja e da mesma forma um não-vocacionado.

Em terceiro lugar, havia uma crise de propósitos — "Sou levita de Belém de Judá e vou peregrinar aonde quer que achar comodidade" (Jz 17.9).

Era um sacerdote sem propósitos. O ministério sacerdotal para ele era um meio e não um fim! Não possuía propósito algum em ser um sacerdote. Apareceu a oportunidade e ele favoravelmente abraçou. Há *sites* pentecostais que oferecem, e em várias parcelas sem juros, o título de pastor. Basta pagar e pronto: é pastor. Isso se parece muito com essas reportagens que a televisão faz sobre a venda da CNH (Carteira Nacional de Habilitação). Vemos pessoas que jamais fizeram prova de legislação e muito menos de percurso receber a habilitação para dirigir. São verdadeiras armas que se movem no trânsito! Qual a diferença disso para o ministério pastoral? Apenas uma: enquanto um usa o carro como arma para matar, o outro usa a Bíblia! Cometerão crimes da mesma forma.

Em quarto lugar, havia uma crise ético-moral (vv. 10,11,12; 18.4,18,19,20)

Essa crise se manifestava de três maneiras:

1 - Em um ministério legal, mas não moral

Nem tudo o que é legal é moral. Uma coisa pode ser amparada por um costume ou lei, isto é, ter respaldo legal ou jurídico, mas mesmo assim não se enquadrar no padrão estabelecido pelas Escrituras Sagradas! O divórcio, por exemplo, é amplamente amparado pela legislação e é aceito pela sociedade como uma prática normal. Todavia, encontramos um sério conflito entre aquilo que preceitua a Bíblia e o que diz a legislação (Mt 5.31,32; Mt 19.1-12). Há pastores de renome que afirmam que qualidade de liderança nada tem a ver com divórcio, enquanto outros simplesmente ignoram o que diz a Escritura para se ajustar ao modelo adotado pela sociedade secular. É evidente que devemos levar em consideração as exceções preceituadas na Palavra de Deus, entretanto jamais fazendo da exceção uma regra (1 Co 7.15).

2 - Em um ministério sacerdotal controlado pelas leis de mercado

A razão de o levita oficiar como sacerdote é dada por ele mesmo: "Assim e assim me tem feito Mica; pois me tem assalariado, e eu lhe sir-

vo de sacerdote" (Jz 18.4). O pastor que quer ser um ministro de Deus jamais deve condicionar o seu ministério à lei da oferta e da procura. Às vezes determinadas ofertas são financeiramente tentadoras, mas não são acompanhadas pela aprovação divina.

3 - Em um ministério determinado pela posição e não pela unção

— "Entrando eles, pois, em casa de Mica e tomando a imagem de escultura, e o éfode, e os terafins, e a imagem de fundição, disse-lhes o sacerdote: Que estais fazendo? Eles lhe disseram: Cala-te, e põe a mão na boca, e vem conosco, e sê-nos por pai e sacerdote; é te melhor que sejas sacerdote da casa de um só homem do que ser sacerdote de uma tribo e de uma geração em Israel? Então, alegrou-se o coração do sacerdote, tomou o éfode, e os terafins, e a imagem de escultura, e entrou no meio do povo" (Jz 18.18,19,20).

O texto diz que o levita se alegrou porque seria sacerdote de uma tribo inteira e não de uma casa apenas! Visivelmente possuía um ministério condicionado pela *posição* em vez de fundamentá-lo na *unção.* Nosso sistema de governo episcopal possui suas vantagens, porém tem suas desvantagens. Uma delas está no perigo de se viver em função do título. Esses títulos dão grandes honrarias para quem os possui e por isso essas posições, que são biblicamente apenas funções, são às vezes disputadas a tapas. Quando um obreiro dirige seu ministério com essa atitude, assemelha-se àquele homem que fez um esforço enorme para colocar sua escada em uma parede muito alta. Quando chegou ao seu topo, descobriu com enorme tristeza que colocara a escada na parede errada.



4

Do Original à Cópia

Pelo que dissemos: Façamos, agora, e nos edifiquemos um altar, não para holocausto, nem para sacrifício. (Js 22.26)

A Cópia da Cópia

Platão, filósofo grego (427-347 a.C.), costumava dizer que o nosso mundo real é apenas um *simulacro* do mundo ideal. Um *simulacro* é uma falsificação ou imitação. Platão acreditava que existia um mundo ideal, perfeito, do qual o nosso era apenas um cópia imperfeita. No seu famoso *Mito da Caverna,* compara as pessoas que vivem nesse mundo dos sentidos com as sombras das coisas reais. Nós seriamos apenas sombras ou cópias das coisas perfeitas! Sendo este mundo apenas sombra, qualquer tentativa de representá-lo, especialmente através da arte, é vã. Para Platão a arte seria, portanto, uma *a cópia da cópia*, e por essa razão ele tinha pouco apreço por ela. Somente através da iluminação do conhecimento seria possível sair da caverna para contemplar a beleza do mundo ideal.

Em nossa cultura ocidental já nos habituamos a conviver com as cópias, simulacros e falsificações. As estatísticas mostram que o mundo artístico perde milhões de dólares por conta da pirataria. A cópia é comercializada como se fosse o original e até mesmo se tornou uma preferência do público. As medidas contra a indústria da pirataria no sentido de coibir a veiculação desses produtos parecem ser inócuas. Estamos, portanto, no reinado das *cópias* e a religião não escapou desse domíniol. Mais do que

qualquer outra coisa a religião também é copiada. Todavia assim como um produto pirateado ou copiado não possui qualidade, da mesma forma o fenômeno religioso quando copiado se torna muito mais perigoso. É o falso querendo passar por verdadeiro ou mesmo ficar em lugar deste.

Não é difícil, portanto, falsificar qualquer fenômeno religioso e o pentecostalismo não foge a essa regra. O pentecostalismo se tornou, enquanto produto religioso, o que apresenta o menor grau de dificuldade para os falsificadores. Comparando-se os modelos existentes de pentecostalismos, e existem muitos, com o modelo bíblico primitivo percebe-se logo que estamos diante de cópias — cópias grosseiras. As distorções nessas cópias são tão grandes que em nada lembram mais a matriz. Na verdade parece que no atual movimento pentecostal poucos ainda possuem a matriz e o restante faz cópia da cópia! O pior é que se quer chegar ao modelo original tomando-se como ponto de partida as xerox existentes. O nosso pentecostalismo, pelo menos, o que aparece frequentemente na mídia, é um pentecostalismo xerocado. É esse pentecostalismo que está à venda e são oferecidas as pessoas apenas copias. Cópias mal feitas. Essas cópias podem ser vistas na forma de falar e gesticular dos pregadores da televisão, e especialmente nos métodos adotados para arrancar dinheiro dos telespectadores. Um usa o *manto consagrado,* o outro usa *a tolha consagrada.* Um faz *fogueira* perto do monte, o outro *sobe* o monte! Um cria o *óleo ungido,* o outro faz *o sabonete ungido.* Um diz que a fé é como um *ponto de contato,* o outro diz que a fé *é a semente.* Um compra um *jatinho* de cinco milhões de dólares, o concorrente compra um outro por *40 milhões de dólares.*

Quando alguém me pergunta que tipo de programa evangélico exibido na televisão brasileira recomendaria, tenho grande dificuldade em responder a essa pergunta. Talvez um ou dois, não mais do que isso. Não tenho dúvidas de que aquilo que se passa por programação pentecostal na televisão nada mais é do que veneno religioso. É pior do que veneno para matar ratos! Mata em menos do que vinte e quatro horas. Quem sabe não seja por isso que há tanta gente indiferente à fé pentecostal e cresça a cada dia o ceticismo em relação aos programas evangélicos exibidos na televisão.

Um Altar de Faz-de-Conta

Mas nosso assunto é cópia, vamos, pois voltar a falar dela. Há um relato bíblico que é muito interessante para nos ajudar a compreender essa história de cópia e como se dá a sua dinâmica. Vamos ao texto bíblico:

> "Vindo eles para os limites pegados ao Jordão, na terra de Canaã, ali os filhos de Rúben, os filhos de Gade e a meia tribo de Manassés edificaram um altar junto ao Jordão, um altar de grande aparência. E ouviram os filhos de Israel dizer: Eis que os filhos de Rúben, e os filhos de Gade e a meia tribo de Manassés edificaram um altar na frente da terra de Canaã, nos limites do Jordão, da banda dos filhos de Israel. Ouvindo isto os filhos de Israel, ajuntou-se toda a congregação dos filhos de Israel em Siló, para saírem à peleja contra eles. E enviaram os filhos de Israel aos filhos de Rúben, aos filhos de Gade e à meia tribo de Manassés, para a terra de Gileade, Finéias, filho de Eleazar, o sacerdote, e dez príncipes com ele, de cada casa paterna um príncipe de todas as tribos de Israel; e cada um era cabeça da casa de seus pais entre os grupos de milhares de Israel. E, vindo eles, aos filhos de Rúben, e aos filhos de Gade e à meia tribo de Manassés, à terra de Gileade, falaram com eles, dizendo: Assim diz toda a congregação do Senhor: Que transgressão é esta, com que transgredistes contra o Deus de Israel, deixando, hoje, de seguir o Senhor, edificando-vos um altar, para vos rebelardes contra o Senhor? Foi-nos pouco a iniquidade de Peor, de que ainda até ao dia de hoje não estamos purificados, ainda que houve castigo na congregação do Senhor, para que, hoje, abandonais o Senhor? Será que, rebelando-vos contra o Senhor, amanhã, se irará contra toda a congregação de Israel. Se, porém que a terra da vossa possessão é imunda, passai-vos para a terra da possessão do Senhor, onde habita o tabernáculo do Senhor, e tomai possessão entre nós; mas não vos rebeleis o Senhor, nem tampouco vos rebeleis contra nós, edificando-vos um altar, afora o altar do Senhor, nosso Deus. Não cometeu Acã, filho de Zerá, transgressão no tocante ao anátema? E não veio ira sobre toda a congregação de Israel? Assim aquele homem não morreu sozinho na sua iniquidade. Então, responderam os filhos de Rúben, os filhos de Gade e a meia tribo de Manassés e disseram aos cabeças dos grupos de milhares de Israel: O Deus dos deuses, o Senhor, o Deus dos deuses, o Senhor, ele o sabe, e Israel mesmo o saberá; se foi em rebeldia ou por infidelidade contra o Senhor, hoje, não nos preserveis. Se nós edificamos altar para nos tornar de após o Senhor, ou para sobre ele, oferecer holocausto e oferta de manjares, ou sobre ele fazer oferta pacífica, o Senhor mesmo de nós o requeira. E, se, antes, o fizemos, foi em receio disto: amanhã vossos filhos

> virão a falar a nossos filhos, dizendo: Que tendes vós com o SENHOR, Deus de Israel? Pois o SENHOR pôs o Jordão por terra entre nós e vós, ó filhos de Rúben e filhos de Gade; não tendes parte no SENHOR; E assim bem poderiam vossos filhos fazer desistir a nossos do temer ao SENHOR. Pelo que dissemos: Façamos, agora, e nos edifiquemos um altar, não para holocausto, nem para sacrifício, mas, para que entre nós e vós e entre e as nossas gerações depois de nós, nos seja em testemunho, para podermos fazer o serviço do SENHOR diante dele com os nossos holocaustos, e os nossos sacrifícios, e as nossas ofertas pacíficas; e para que vossos filhos não digam amanhã a nossos filhos: Não tendes parte no SENHOR. Pelo que dissemos: quando for que, amanhã, assim nos digam a nós e às nossas gerações, então, diremos: Vede o modelo do altar do SENHOR que fizeram nossos pais, não para holocausto, nem para sacrifício, mas para ser testemunho entre nós e vós. Nunca tal nos aconteça, que nos rebelássemos contra o SENHOR ou que hoje nós abandonássemos ao Senhor, edificando altar para holocausto, oferta de manjares ou sacrifício, fora do altar do SENHOR, nosso Deus, que está perante o seu tabernáculo" (Js 22.10-29).

São muitas as lições deixadas por esse texto bíblico. Vejamos o contexto dessa passagem. O expositor bíblico William McDonald explica a razão desse conflito:

"Após a divisão da terra a Oeste do Jordão, Josué permitiu que os Rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés retornassem ao território que lhes pertencia a leste do Jordão, conforme estipulado [...] A caminho de casa, as duas tribos e meia decidiram edificar um altar próximo às margens do Jordão. As outras nove tribos ficaram furiosas quando souberam disso, pois temeram tratar-se de concorrência ao altar do Senhor em Siló. Alem disso, receavam que esse altar se tornasse centro de idolatria e levasse Deus a punir toda a nação".[30]

Alguns detalhes são de fácil percepção em relação a este *altar do Jordão*.

Primeiramente era um altar de lembranças — "edifiquemos um altar, não para holocausto, nem para sacrifício" (Js 22.26).

Na verdade esse altar era um *altar de faz-de-conta!* Não servia para o culto, mas apenas para aguçar a memória e manter a tradição religiosa das tribos que não estavam mais próximas do culto em Siló. A explicação dada era que toda vez que um israelita olhasse para

aquele altar, ou que um dos seus filhos que não conhecera o altar original e o fitasse, tivesse a consciência de que serviam ao Deus verdadeiro. As lembranças ou as imagens produzidas poderiam ser reais, mas o altar era apenas uma réplica! A réplica se parece muito com o produto original, mas não é a mesma coisa! Pude constatar isso quando estive em Brasília recentemente. Na catedral da capital observei a réplica da *pietá* de Michelangelo e fiquei estupefato com a beleza artística daquela estátua! Mas tratava-se apenas de uma réplica, uma cópia da original.

O pentecostalismo de hoje se parece muito com o original, mas não é a mesma coisa. Os pregadores pentecostais modernos possuem uma oratória rebuscada e sabem, de fato, mexer com as massas, contudo continuam sendo apenas réplicas, cópias imperfeitas do pentecostalismo bíblico.

Em segundo lugar era um altar apenas para ornamentação – "edificaram um altar junto ao Jordão, um altar de grande aparência" (v. 10).

Leia o texto com cuidado e você verá que esse altar era grande e bonito, mas servia apenas para ornamentação. Sem dúvida um israelita em viagem por aquela região via de longe aquele altar e mais passava a admirar a sua beleza. Mas esse mesmo israelita não poderia cultuar a Deus naquele altar, pois ele não fora feito com esse fim! O *altar do Jordão* em muito se parece com o pentecostalismo contemporâneo, possui a beleza de um pavão, é grande e vistoso, todavia está servindo apenas para ornamentar a religião!

É maravilhoso saber que os estatísticos fazem projeções animadoras sobre o crescimento das igrejas pentecostais, mas esse pentecostalismo grande e vistoso que aparece na mídia não leva ninguém à adoração verdadeira! Ele possui penduricalhos demais, está muito além da Bíblia. Dietrich Bonhoffer declarou que a "Palavra de Deus não precisa de enfeites".[31] O cristianismo assim como o pentecostes bíblico possui sua ornamentação natural — os dons do Espírito Santo. Qualquer outra ornamentação torna a fé cristã feia em vez de bonita!

Em terceiro lugar era um altar sem fogo! — "Não para holocausto" (v. 26).

A palavra *holocausto* traduz o termo hebraico *'olah* e significa *oferta queimada.* O holocausto exigia a presença do fogo. Nesse *altar do Jordão* nenhum israelita sentiria o calor do fogo, pois ele não fora feito para isso. Era um altar grande e vistoso, mas sem fogo.

Neste livro já disse que o pentecostes moderno possui muita carne e pouco Espírito, muita fumaça e pouco fogo. Há muita coisa por aí se passando por fogo, mas pode temos certeza de que não é fogo. O fogo depura e o atual pentecostes está impregnado de impurezas. Veja, por exemplo, os pastores que estão levando seus colegas às barras dos tribunais; veja as igrejas que estão sendo tomadas por força de liminares; veja as explicações que são dadas para os pedidos de ofertas que são feitos na televisão com a justificativa de que são para manter no ar a programação, mas nada dizem para os mantenedores que parte delas será desviada para pagamento de jatos luxuosos e outras coisas mais.

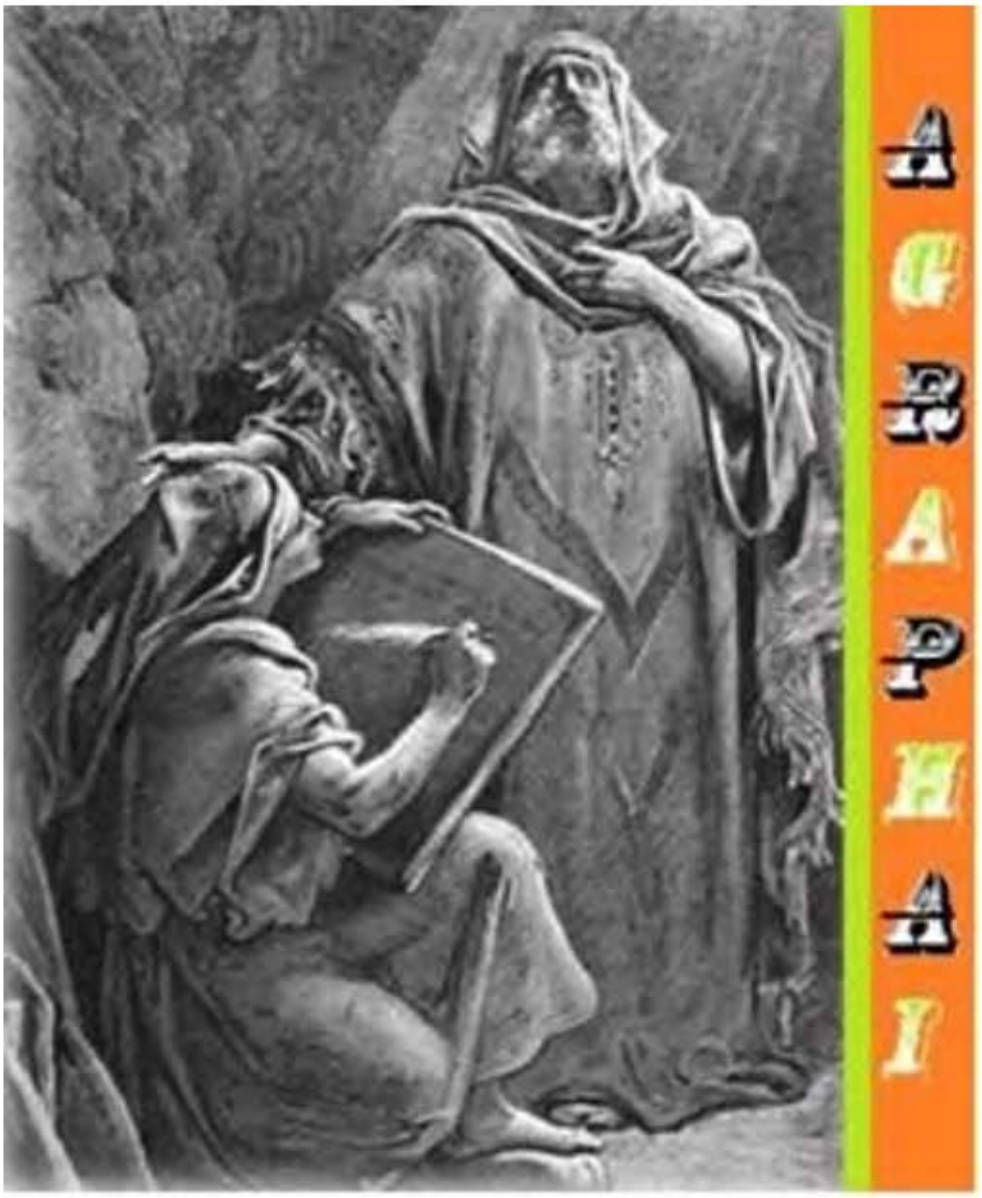
Em quarto lugar era um altar sem sangue — "Nem para sacrifício" (v. 26).

Por um lado esse altar não era para se por uma oferta queimada, por outro, não servia também para o *sacrifício.* No holocausto a vítima era queimada, mas primeiramente morta e seu sangue derramado. O altar original exigia a presença do sangue.

Na Bíblia a tipologia do sangue é muito rica a tal ponto da Escritura dizer que "e quase todas as coisas, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22). O sangue é necessário. Quando João, o batista, viu o Senhor Jesus passando, ele exclamou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Para que pudéssemos ser salvos, o Cordeiro deveria ser morto. Primeiro o sangue depois o fogo e então teremos o pentecostes. O pentecostes contemporâneo tem pouco sangue e talvez seja por isso que é muito pecador.

Quem sabe você comece a se perguntar depois de ler estas linhas se de fato ainda sou um pentecostal. Sim, sou mais pentecostal do que nunca. Acredito na fé Pentecostal e por isso me sinto a vontade ao escrever sobre o movimento do qual faço parte há quase trinta anos. Mas seria uma irresponsabilidade de minha parte achar que porque sou pen-

tecostal está tudo bem em nosso universo. Sem dúvida, há um remanescente pentecostal, pois o Espírito é soberano para agir e guardar o seu povo, contudo há um pentecostalismo parasitário que tem escandalizado o mundo e a igreja, e é contra esse falso pentecostalismo que precisamos nos levantar.



EM BRANCO



5

Da Ordem ao Caos

Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança. (Ez 37.11)

Uma Nova Física e o Antigo Caos

Modernamente a física quântica tem se contraposto a física newtoniana afirmando que nem tudo é ordenado no universo. Mas os pressupostos dessa nova física, pelo menos nos moldes que estão sendo apresentados, são mais ideológicos do que científicos. Trata-se de uma ideologia pós-moderna que prega que o mundo está em *holomovimento* e que vivemos uma era de incertezas, de verdades relativas e de valores transitórios. É uma física fincada mais em valores religiosos do que em pressupostos da ciência positiva.[32]

A verdade, como sempre mostrou a física newtoniana, é que o universo possui sua ordem. Não há dúvida alguma de que um *design* inteligente desenhou com grande perfeição o nosso *habitat* natural — a terra. Há leis, como a da gravidade, que são imutáveis e estão aí para serem respeitadas. A perfeição da criação não está somente na mecânica celeste, mas na própria constituição do ser humano — a obra prima do criador. Recentemente o cientista Francis Collins, diretor do famoso projeto *genoma humano,* revelou com assombro a tremenda complexidade que há em um corpo humano.

"O genoma humano é formado por todo o DNA de nossa espécie; é o código de hereditariedade da vida. O texto recém revelado apre-

sentava 3 bilhões de letras, escrito num código estanho e enigmático composto de quatro letras. A complexidade das informações contidas em cada célula do corpo é tamanha e tão impressionante que ler uma letra por segundo desse código levaria 31 anos, dia e noite, ininterruptamente. Se imprimíssemos essas letras num tamanho de fonte regular, em etiquetas normais, e as uníssemos, teríamos como resultado uma torre do tamanho aproximado de um prédio de 53 andares."[33]

Todavia com a sua visão *holística,* em que o universo é visto como um todo interligado, a física quântica parece possuir algo em comum com a cosmovisão cristã — a crença na existência de um *caos.* O universo na perspectiva cristã é caótico por causa da entrada do pecado no mundo, enquanto os *quânticos* vão buscar as causas desse caos na violação dos princípios que regem o nosso ecossistema.

O *caos* está presente e se faz perceptível aos nossos olhos em nosso dia a dia. Podemos vê-lo nas catástrofes "naturais"; nas pestes e epidemias; nas guerras e convulsões sociais e na grande confusão religiosa. Não há duvida de que vivemos um *caos* religioso. Caos na religião parece paradoxal, pois é justamente onde ele nunca deveria existir.

Pequenas Igrejas, Grandes Negócios

Recentemente dois jornalistas do jornal *Folha de São Paulo* escreveram um artigo sob o título: *Vou abrir minha igreja e já volto!* A matéria exposta na *Folha* foi escrita com sarcasmo, mas é de um realismo impressionante. Mais impressionante ainda quando descobrimos que esse *caos* descoberto pelo jornalista da *Folha* está no meio pentecostal.

Vejamos a matéria:

"Vou abrir minha igreja e já volto!"
O primeiro milagre do heliocentrismo

Eu, Claudio Ângelo, editor de Ciência da *Folha de São Paulo* e Rafael Garcia, repórter do jornal, decidimos abrir uma igreja.

Com o auxílio técnico do departamento Jurídico da Folha e do escritório Rodrigues Barbosa, Mac Dowell de Figueiredo Gasparian Advogados, fizemo-lo. Precisamos apenas de R$ 418,42 em taxas e emolumentos e de cinco dias úteis (não consecutivos). É tudo muito simples.

Não existem requisitos teológicos ou doutrinários para criar um culto religioso. Tampouco se exige número mínimo de fiéis.

Com o registro da *Igreja Heliocêntrica do Sagrado Evangelho* e seu CNPJ, pudemos abrir uma conta bancária na qual realizamos aplicações financeiras isentas de IR e IOF. Mas esses não são os únicos benefícios fiscais da empreitada. Nos termos do artigo 150 da Constituição, templos de qualquer culto são imunes a todos os impostos que incidam sobre o patrimônio, a renda ou os serviços relacionados com suas finalidades essenciais, as quais são definidas pelos próprios criadores. Ou seja, se levássemos a coisa adiante, poderíamos nos livrar de IPVA, IPTU, ISS, ITR e vários outros "Is" de bens colocados em nome da igreja.

Há também vantagens extratributárias. Os templos são livres para se organizarem como bem entenderem, o que inclui escolher seus sacerdotes. Uma vez ungidos, eles adquirem privilégios como a isenção do serviço militar obrigatório (já sagrei meus filhos Ian e David ministros religiosos) e direito a prisão especial.

Lista de Igrejas abertas no Brasil em 2010 (Até setembro)

Igreja da Água Abençoada; Igreja Adventista da Sétima Reforma Divina; Igreja da Bênção Mundial Fogo de Poder; Congregação Anti-Blasfêmias; Igreja Chave do Éden; Igreja Evangélica de Abominação à Vida Torta; Igreja Explosão da Fé; Igreja Pedra Viva; Comunidade do Coração Reciclado; Igreja Evangélica Missão Celestial Pentecostal; Cruzada de Emoções; Igreja C.R.B. (Cortina Repleta de Bênçãos); Congregação Plena Paz Amando a Todos; Igreja a Fé de Gideão; Igreja Aceita a Jesus; Igreja Pentecostal Jesus Nasceu em Belém; Igreja Evangélica Pentecostal Labareda de Fogo; Congregação J. A. T. (Jesus Ama a Todos); Igreja Evangélica Pentecostal a Última Embarcação Para Cristo; Igreja Pentecostal Uma Porta para a Salvação; Comunidade Arqueiros de Cristo; Igreja Automotiva do Fogo Sagrado; Igreja Batista A Paz do Senhor e Anti-Globo; Assembleia de Deus do Pai, do Filho e do Espírito Santo; Igreja Palma da Mão de Cristo; Igreja Menina dos Olhos de Deus; Igreja Pentecostal Vale de Bênçãos; Associação Evangélica Fiel Até Debaixo D'Água; Igreja Batista Ponte para o Céu; Igreja Pentecostal do Fogo Azul; Comunidade Evangélica Shalom Adonai, Cristo!; Igreja da Cruz Erguida para o Bem das Almas; Cruzada Evangélica do Pastor Waldevino Coelho, a Sumidade; Igreja Filho do Varão; Igreja da Oração Eficiente; Igreja da Pomba Branca; Igreja Socorrista Evangélica; Igreja A de Amor; Cruzada do Poder

Pleno e Misterioso; Igreja do Amor Maior que Outra; Igreja Dekanthalabassi; Igreja dos Bons Artifícios; Igreja Cristo é Show; Igreja dos Habitantes de Dabir; Igreja Eu Sou a Porta; Cruzada Evangélica do Ministério de Jeová, Deus do Fogo; Igreja da Bênção Mundial; Igreja das Sete Trombetas do Apocalipse; Igreja Barco da Salvação; Igreja Pentecostal do Pastor Sassá; Igreja Sinais e Prodígios; Igreja de Deus da Profecia no Brasil e América do Sul; Igreja do Manto Branco; Igreja Caverna de Adulão; Igreja Este Brasil é Adventista; Igreja E.T.Q.B. (Eu Também Quero a Bênção); Igreja Evangélica Florzinha de Jesus; Igreja Cenáculo de Oração Jesus Está Voltando; Ministério Eis-me Aqui; Igreja Evangélica Pentecostal Creio Eu na Bíblia; Igreja Evangélica A Última Trombeta Soará; Igreja de Deus Assembleia dos Anciãos; Igreja Evangélica Facho de Luz; Igreja Batista Renovada Lugar Forte; Igreja Atual dos Últimos Dias; Igreja Jesus Está Voltando, Prepara-te; Ministério Apascenta as Minhas Ovelhas; Igreja Evangélica Bola de Neve; Igreja Evangélica Adão é o Homem; Igreja Evangélica Batista Barranco Sagrado; Ministério Maravilhas de Deus; Igreja Evangélica Fonte de Milagres; Comunidade Porta das Ovelhas; Igreja Pentecostal Jesus Vem, Você Fica; Igreja Evangélica Pentecostal Cuspe de Cristo; Igreja Evangélica Luz no Escuro; Igreja Evangélica O Senhor Vem no Fim; Igreja Pentecostal Planeta Cristo; Igreja Evangélica dos Hinos Maravilhosos; Igreja Evangélica Pentecostal da Bênção Ininterrupta; Assembleia de Deus Batista A Cobrinha de Moisés; Assembleia de Deus Fonte Santa em Biscoitão; Igreja Evangélica Muçulmana Javé é Pai; Igreja Abre-te-Sésam; Igreja Assembleia de Deus Adventista Romaria do Povo de Deus; Igreja Bailarinas da Valsa Divina; Igreja Batista Floresta Encantada; Igreja da Bênção Mundial Pegando Fogo do Poder; Igreja do Louvre; Igreja Evangélica Batalha dos Deuses; Igreja Evangélica do Pastor Paulo Andrade, O Homem que Vive sem Pecados; Igreja Evangélica Idolatria ao Deus Maior; Igreja MTV, Manto da Ternura em Vida; Igreja Pentecostal Marilyn Monro; Igreja Quadrangular O Mundo É Redondo; Igreja Pentecostal Trombeta de Deus (Samambaia -DF); Igreja Pentecostal Alarido de Deus (Anápolis-GO); Igreja pentecostal Esconderijo do Altíssimo (Anápolis-GO); Igreja Batista Coluna de Fogo (Belo Horizonte-MG);

Igreja de Deus que se Reúne nas Casas (Itaúna-MG); Igreja Evangélica Pentecostal a Volta do Grande Rei (Poços de Caldas-MG); Igreja Evangélica Pentecostal Creio Eu na Bíblia (Uberlândia-MG); Igreja Evangélica a Última Trombeta Soará (Contagem -MG); Igreja Evangélica Pentecostal Sinal da Volta de Cristo (Três Lagoas-MS); Igreja Evangélica Assembleia dos Primogênitos (João Pessoa-PB); Ministério Favos de Mel (Rio de Janeiro-RJ); Assembleia de Deus com Doutrinas e sem Costumes (Rio de Janeiro).[34]

Uma Química Perigosa

O pentecostalismo contemporâneo é o resultado da mistura de várias tradições pentecostais dentro do próprio movimento. O composto dessa química tem resultado nesse caos que agora estamos presenciando. A principal causa dessa fragmentação que originou as divisões dessas igrejas não está na necessidade da pregação do Evangelho, mas na briga por liderança e interesse financeiro. Um número muito pequeno surge como consequência da necessidade de se permanecer fiel aos princípios bíblicos que caracterizam uma igreja bíblica.

A Igreja do Vale dos Ossos Secos

O profeta Ezequiel teve uma visão do "vale de ossos secos" retratando o *caos* reinante no antigo Israel pós-cativeiro. Com o reino do Sul sendo levado para o cativeiro babilônico em 586 a.C, os israelitas viveram um dos piores momentos de sua história. Perderam sua pátria, sua língua e identidade como povo para se tornarem escravos de Nabucodonosor, o grande imperador babilônico. Foi nesse contexto que o profeta teve essa visão.

> Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a superfície do vale e estavam sequíssimos. E disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então, me disse ele: Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós, farei crescer

> carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o SENHOR. Então, profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; eis que se fez reboliço, e ossos se juntaram, cada um osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles o espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o SENHOR Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem, então, o espírito entrou neles e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo. Então, me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel; eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós estamos cortados. Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Jeová: Eis que eu abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair das vossa sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu abrir a vossa sepultura e vos fizer sair das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra, e sabereis que eu, o SENHOR, disse isso e o fiz, diz o SENHOR (Ez 37.1-14).

Deus mostra ao profeta que somente Ele seria capaz de reverter esse quadro caótico e fazer o seu povo retornar à sua antiga pátria. O profeta Jeremias já estava vaticinado de que a permanência deles no cativeiro seria de 70 anos e tão logo se cumprisse essa predição o Senhor os faria retornar. Os livros de Esdras e Neemias mostram com detalhes o desfecho dessa profecia.

Pois bem, analisando essa profecia do "vale de ossos secos" observamos que a frase "nossos ossos se secaram" (v. 11) soa quase como um refrão. Havia ossos secos e em muitíssima quantidade. O caos estava instaurado! Deus mostra ao profeta que *os ossos secos* estavam no meio do seu povo. Quando leio essa passagem bíblica vem-me à mente uma pregação que ouvi de um renomado pregador no início da década de 80. Com grande eloquência ele discorreu sobre a dramática visão do profeta, chamando a atenção para a capacidade que Deus tem em restaurar. Argumentou que a própria criação do Estado de Israel em 1948 era uma prova disso.

Eu também estou convicto de que Deus é poderoso para restaurar todas as coisas (At 1.6,7), mas estou convencido de que esse texto traz ainda outras lições para nós. Havia ossos secos entre o Israel nação, há ossos secos no meio do Israel cristão. Existiam ossos secos entre o anti-

go povo de Deus, mas há também muitos ossos secos entre o seu atual povo. Há, portanto, muitos ossos secos, ossos sequíssimos no meio da igreja. Não tenho a menor dúvida de que o crescimento do pentecostalismo e a assimilação de muitas crenças e práticas que lhes foram juntadas como resultado desse processo, fez com que os nossos "ossos se secassem!"

Uma leitura atual dessa passagem, tomando como paralelo a atual crise do movimento pentecostal, permite-nos perceber que estamos nesse mesmo vale. Podemos falar, portanto, de a "Igreja do vale de ossos secos!" Quais seriam as características de uma igreja que está cheia de ossos secos?

1- *É uma igreja que prega a terra, mas esquece o céu*

Uma das primeiras características que marca uma igreja que está cheia de ossos secos é que ela possui um vazio escatológico! Fala-se muito na terra, mas pouco no céu! Às vezes, sou tentado a desanimar quando contemplo esse vale de ossos secos dentro do movimento pentecostal. Tudo a nossa volta contribui para o agravamento da crise: teologia imediatista, ética relativista e espiritualidade de mercado. O movimento pentecostal parece ter se transformado em um grande *Shopping Center* onde se oferece de tudo e Deus passou a ser visto como um *gênio da lâmpada!*

2 - *É uma igreja que prega a cura do corpo, mas se esquece de sarar a alma*

Foi Satanás quem disse: "Tudo quanto o homem tem ele dará em pela sua vida" (Jó 2.4). No evangelho do Diabo, a saúde está acima de Deus. Parece-me que muitos pregadores da Teologia da Prosperidade seguem esse evangelho, pois os meios usados para curar as pessoas em nada se parecem com aqueles revelados na Bíblia. Há um verdadeiro vale tudo. Os fins justificam os meios e sendo assim qualquer coisa é legitima para se alcançar a cura do corpo. Não importa como a cura é alcançada, desde que se possa testemunhar que o "milagre" ocorreu. Vale, portanto, copiar métodos do espiritismo;

das ciências da mente; ou de qualquer outro segmento religioso para quem o método funcionou.

3 - *É uma igreja que prega a misericórdia, mas esquece a justiça*

A bem da verdade não se trata de misericórdia, pelo menos a aquela que vemos na Bíblia. Trata-se na verdade de uma complacência com o pecado ou uma tolerância que faz concessões para a permanência do erro. O evangelho bíblico é misericordioso, mas não condizente ou complacente com o pecado. A misericórdia deve andar de mãos dadas com a justiça de Deus. Santo jamais pode se misturar com o profano.

4 - *É uma igreja que fala sobre perdão, mas esquece de tratar o problema da culpa*

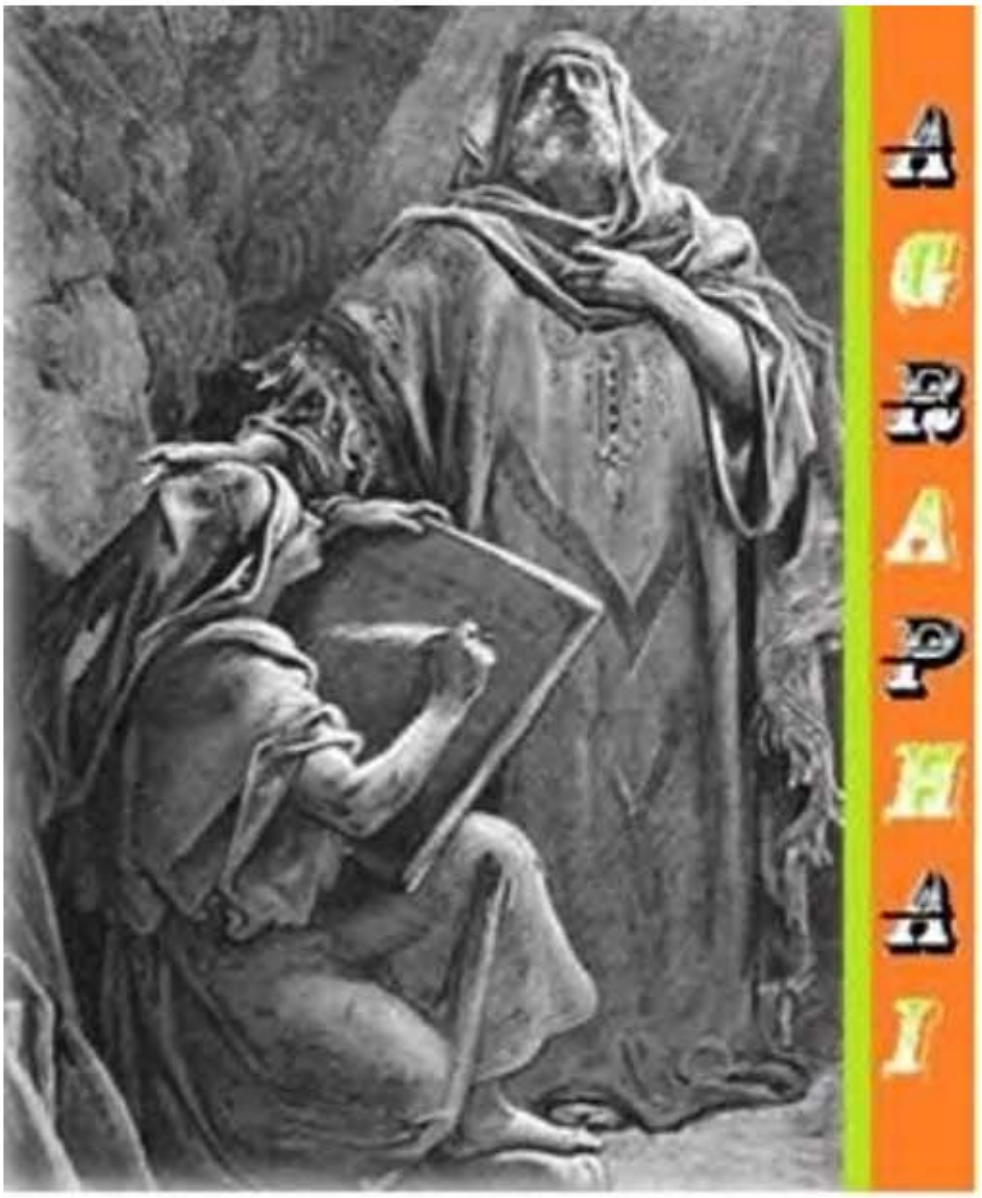
A culpa é o efeito e não a causa. Uma das marcas de uma igreja cheia de *ossos secos* é que ela não trata adequadamente com o problema da culpa. Ela mascara o problema, trata-o não como uma manifestação espiritual, mas apenas como um problema meramente psicológico. Dessa forma, a culpa não é tratada e o problema vai sendo varrido para debaixo do tapete! Falando com sinceridade, raramente vejo pregadores pentecostais na televisão enfatizando o problema do pecado e a sua cura. Fala-se como enriquecer e ser próspero, mas nada ou quase nada acerca do dilema principal do homem — o pecado.

5 - *É uma igreja que cria estrelas, mas não gera mártires*

Um número muito grande de ministérios ditos "proféticos" que estão em evidência na televisão e na Web, é na verdade passarela de estrelas! Estrelas evangélicas que fazem de tudo para aparecer e serem admiradas. As mensagens desses pregadores são maquiadas, assim como o são os seus relatórios de sucessos. É uma igreja para ser vista e não para ser seguida. Nenhum deles tem vocação para ser mártir, pois para isso precisariam estar dispostos a morrer. Há uma preocupação exacerbada com a imagem, o que fez com que alguns deles se rendessem as cirurgias plásticas e ao *botox*.

6 - *É uma igreja que prega a imanência, mas esquece a transcendência*

A Bíblia mostra que Deus é imanente, isto é, identifica-se com as criaturas que Ele criou, mas também é transcendente, ou seja, não pode ser comparado a elas. Uma igreja cheia de ossos secos acaba por divinizar o homem e humanizar Deus. O homem fica grande e Deus fica pequeno.



EM BRANCO



6

DO REAL AO VIRTUAL

Igreja Eletrônica

Em 1982 o pastor e teólogo anglicano John Stott demonstrava grande preocupação com os rumos que o ministério da pregação bíblica estava tomando. Stott observou que, graças o advento da mídia eletrônica, a pregação bíblica estava ganhando contornos de impessoalidade. Em outras palavras, a mídia eletrônica cada vez mais parecia suplantar o corpo-a-corpo da igreja para lançar os crentes em um vazio impessoal. Em vez de se relacionar com outros crentes, o fiel agora passa a interagir com o pregador eletrônico, quer seja através da televisa quer seja pela internet.

Em tom profético, Stott mostrou os perigos que esse *evangelho eletrônico* pode oferecer:

> No início da década de 1980, era difícil imaginar o mundo no ano 2000 d.C, quando, então, a probabilidade seria que os microcomputadores versáteis seriam provavelmente tão comuns quanto são as simples calculadoras, muito comuns naquela década. Devemos certamente acolher bem o fato de o *chip* de silício vir a transcender o potencial do cérebro humano, assim como a máquina tem transcendido o poder muscular do homem. Muito menos bem-vinda será a provável redução de contatos humanos à medida que a nova rede eletrônica tornar os relacionamentos pessoais cada vez menos necessários. Numa sociedade assim desumanizada, o convívio fraternal da igreja local se tornará cada vez mais importante, sendo que os membros estarão juntos e se falarão e escutarão em pessoa, em vez de na tela. Nesse contexto humano de mú-

tuo amor, falar e ouvir a Palavra de Deus se tornará, provavelmente, ainda mais, e não menos necessário para preservar nossa qualidade humana.[35]

Não há dúvida alguma de que a mídia eletrônica tem trazido benefícios à pregação do evangelho, mas é inegável o fato de que a mesma tem produzido uma geração de crentes migratórios — cristãos que não possuem vínculo com igreja nenhuma. Para estes é muito mais confortável serem apascentados pelos pregadores da televisão, que sempre se apresentam bem trajados e esbanjando bom humor. A propósito, um amigo me contou que certo dia encontrou-se com um desses famosos pregadores da televisão em um aeroporto. Na telinha esse pregador aparece sempre bem educado com fala mansa e compassiva. Pois bem, o meu colega querendo provocar um diálogo com a tal celebridade disse que era um dos muitos telespectadores do seu programa. Imediatamente o televangelista respondeu de uma forma ríspida e mal-humorada: "Eu já estou cheio dessa gente que diz que assiste ao meu programa, mas não contribui com nada para mantê-lo no ar". Decepcionado, o meu colega pôde observar que aquele pregador da igreja eletrônica estava preocupado somente em arrecadar dinheiro para se manter na mídia.

Oração Ineficaz

Pude observar a má fé de um desses pregadores eletrônicos de uma igreja neopentecostal quando assisti a um dos seus programas na televisão. Durante o programa, que estava sendo transmitido ao vivo, ele passou a interagir com uma telespectadora via telefone. A voz feminina dizia estar angustiada e precisando de ajuda espiritual, solicitando que ele fizesse uma oração por ela. Ele pareceu ter sido pego de surpresa, jamais imaginando que ela fizesse naquele momento tal pedido. Desejava alongar por mais tempo o diálogo, fazendo suposições das possíveis causas de seu mal-estar, a fim de que a mesma se convencesse da necessidade de se deslocar até a igreja dele. O pregador ou estelionatário do ar percebeu que se fizesse a oração no ar perderia a presa, pois ela não visitaria a sua igreja. Consequentemente ele perderia a oportunidade de convencer a sua vítima a participar de uma das dezenas de campanhas de prosperidade e se desfazer de seus bens financeiros. Foi então que presenciei uma das cenas mais tristes exibidas ao vivo. E ele disse que

iria orar por ela, mas que a *oração não valia nada*, pois a mesma precisava ir até a sua igreja para receber suas instruções.

John Stott tem razão quando faz uma análise crítica sobre a influência da mídia televisiva sobre a igreja:

> Volto, portanto, à rivalidade entre a caixa e o púlpito. Sem dúvida, a televisão é um fator de importância na vida de todos nós [...] No entanto, existe o outro lado que se relaciona especialmente com a pregação dos sermões e a sua escuta. A televisão dificulta para as pessoas escutar com atenção e de modo responsivo; em razão disso, manter a atenção de uma congregação e conseguir uma resposta positiva apropriada é tarefa difícil. Por que é assim?
>
> A televisão tende a tornar as pessoas *fisicamente preguiçosas*. Oferece-lhes entretenimento dentro de casa por meio de um clique. Por que, portanto, não se espraiar numa poltrona e até mesmo participar do "culto de adoração" diante da tela? Por que ter o trabalho de se arrumar e ir à igreja? As pessoas condicionadas pela televisão são mais relutantes para sair e ressentem-se muito mais das intrusões do que as demais. Embora a chamada "igreja eletrônica" dos Estados Unidos, que tem uma audiência enorme de telespectadores, tenha transmitido grandes bênçãos a pessoas confinadas a casa por velhice ou enfermidade, duvida-se muito se pessoas com condições físicas normais de saúde devam chegar a considerá-la substituta para a filiação na igreja local. A telinha inibe a plena participação pessoal na fraternidade, nos sacramentos e na adoração congregacional, e, sobretudo, o serviço e o testemunho pessoal.[36]

Uma Imagem Vale mais que Mil Palavras

O que todo crente deve saber é que a mídia eletrônica vive de imagens! Muitos dos que nela se apresentam não passam de atores. Atores bem treinados. E isso inclui os pregadores. As imagens nela veiculadas quase sempre são maquiadas. O importante é vender. O próprio pregador, se não tomar os devidos cuidados, passa a ser um ator que representa um personagem.

Essa é a igreja virtual e que produz como consequência um cristianismo inautêntico! Somente um cristianismo autêntico produz uma igreja profética! Há um texto bíblico no Evangelho de Mateus em que aprendemos como se comporta um cristianismo profético. Um cristianismo profético produz um pentecostes também profético. No cristianismo profético o real não é suplantado pelo virtual.

Um Evangelho sem Maquiagem

> E, partindo dali, chegou à sinagoga deles. E estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada; e eles, para acusarem Jesus, o interrogaram, dizendo: É lícito curar nos sábados? E ele lhes disse: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha,

se num sábado ela cair numa cova, não lançará mão dela e a levantará? Pois quanto vale mais um homem do que uma ovelha? É, por consequência, é lícito fazer bem nos fazer? Então disse àquele homem: Estende a mão. E ele a estendeu, e ficou sã como a outra. E os fariseus, tendo saído, formaram conselho contra ele, para o matarem. Jesus, sabendo isso, retirou-se dali, e acompanhou-o uma grande multidão de gente, e ele curou a todos. E recomendava-lhes rigorosamente que o não descobrissem, para que se cumprissem o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Eis-me aqui o meu servo que escolhi , o meu amado, em que a minha alma se compraz; porei sobre o meu espírito, e anunciará aos gentios o juízo. Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas sua voz (Mt 12.9-21).

Vejamos alguns princípios de um cristianismo profético:

1 - *O cristianismo profético não faz propaganda, mas é visto!* — "E recomendava-lhes rigorosamente que o não descobrissem" (v. 16).

Compare esse cristianismo bíblico com os pregadores que estão na mídia fazendo de tudo para ficarem famosos! A palavra grega *phaneros* usada nesse versículo como sinônimo de *publicidade*, significa também *aquilo que obtém reconhecimento.* Enquanto a maioria dos pregadores da mídia está buscando reconhecimento humano, o Senhor Jesus fugia dele. Esta febre em busca de reconhecimento já adoeceu a fé pentecostal e suas vítimas só aumentam a cada dia que passa. Vi certo dia um comentário na internet que a maior alegria de um blogueiro é quando alguém faz um comentário em um dos seus textos. Na verdade, existem manuais inteiros ensinando aos frequentadores da blogosfera como aumentar o número de visitas a um blog. Não sou um blogueiro de carteirinha, mas sou cobrado a todo instante a atualizar o meu blog e a fazer visita a outros integrantes da blogosfera.

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman detectou isso de uma forma surpreendente quando escreveu:

> O primeiro álbum gravado por Corinne Bailey Era, cantora de 27 anos nascida em Leeds e contratada em 2005 por um homem do Departamento de Artistas & Repertório da EMI, ganhou o disco de platina em apenas quatro meses. Um fato extraordinário. Uma em cada um milhão ou centenas de milhões de pessoas chegam ao estrelado depois de uma breve aparição numa banda independente e de um emprego como atendente numa boate de música *soul.* Uma probabilidade não maior, talvez ainda menor, do que a de ganhar na loteria (mas observamos que, semana após semana, milhões de pessoas continuam comprando bilhetes lotéricos). "Minha mãe é professora de uma escola primária", disse Corinne a um entrevistador, "e quando ela pergunta aos meninos o que eles querem ser quando crescer, eles dizem: 'Famoso'. Ela pergunta por que motivo e eles respondem: 'Não sei, só quero ser famoso"'.

Nesses sonhos, "ser famoso" não significa nada mais (mas também nada menos!) do que aparecer nas primeiras páginas de milhares de revistas e em milhões de telas, ser visto, notado, comentado, e, portanto, presumivelmente *desejado* por muitos, assim como sapatos, saias ou acessórios exibidos nas revistas luxuosas e nas telas da televisão e por isso vistos, notados, comentados, desejados... "Há mais coisas na vida além da mídia", observa Germaine Greer, "mas não muito... Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte".[37]

2 - *O cristianismo profético não é existencialista, mas dá sentido à história* — "Para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías" (v. 17). O existencialismo foi uma filosofia amplamente difundida no século XX pelo filósofo francês Jean Paul-Sartre. O existencialismo sartriano prega a existência do ser humano sem a noção de valores eternos ou herdados. O homem é responsável por sua existência e dessa forma quem cria seus valores. Deus não é um ser necessário para o existencialismo e muito menos deve ser admitida a sua existência. Estamos sozinhos nesse mundo e por isso temos que nos virar fazendo com que a nossa existência não passe despercebida.

Nesse sentido o cristianismo profético não é nem será existencialista. Mas por outro lado, o cristianismo bíblico e profético trata com a nossa existência fazendo com que a nossa história tenha um sentido. E ela tem sentido justamente porque Deus faz parte dela. Para Mateus o milagre realizado por Jesus (Mt 12.9-21) faz parte da história da salvação na qual os homens estão inseridos. Jesus curou "para se cumprir o que fora dito pelo profeta" (12.17). Jesus não curou por acaso ou porque quisesse se exibir, mas para cumprir as profecias! O cristianismo pregado por Ele era profético.

Tenho medo do pentecostalismo atual porque é existencialista no sentido sartriano. É imediatista. Não tem compromisso profético, pois se preocupa apenas com o agora. Busca o *glamour* e a notoriedade. Adora holofotes. Esse modelo de pentecostalismo faz mal à saúde e por isso mesmo deve ser rejeitado.

3 - *O cristianismo profético promove o divino sem negar o humano* — "eis aqui o meu servo que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz" (v. 18).

O cristianismo profético é encarnacional, isto é, Deus se fazendo homem! Jesus é Deus, mas também é homem. Ele é o "servo", diz a Es-

critura! Nada de super-homem, nada de super-herói, ele é o "servo" (Fl 2.7). Muitas vezes nos esquecemos do lado humano do cristianismo ou promovemos apenas o divino. A Bíblia mostra que o "verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.18). O verbo grego traduzido como "habitar" nesse texto possui o sentido de "armar sua tenda". Deus armou sua tenda entre nós. O pentecostalismo profético não diviniza ninguém além de Deus, pois para ele somente Deus é divino. Mas por outro lado, ele não esquece que Deus se fez homem, mostrando que ele se identifica com a nossa realidade. Tenho receio desse pentecostalismo que quer nivelar todo mundo por cima, não descendo até as necessidades humanas.

4 - *O cristianismo profético não possui apenas tradição, mas também unção* — "porei sobre ele o meu Espírito" (v. 18).

Dizem que a pior tradição é não possuir tradição alguma. Todos temos uma história e por isso mesmo somos possuidores de uma tradição. O cristianismo enquanto fenômeno religioso também possui a sua tradição. Paulo, por exemplo, recomenda os crentes a guardarem as tradições que ele havia repassado (2 Ts 2.6). A tradição não é má em si mesma, mas somente quando atenta contra os valores que visam o bem do próprio homem. Uma certa vez Jesus censurou os Fariseus porque estes colocaram a tradição acima da Palavra de Deus (Mc 7.1-15). Nesse caso a tradição faz mais mal do que bem!

Sim, como cristãos possuímos a nossa tradição, mas o cristianismo profético está muito além de uma simples tradição religiosa. Ele conta com a presença do Espírito Santo. Não é somente tradição, é também unção. Infelizmente o pentecostalismo contemporâneo tem se afastado tanto da sua tradição histórica como também dos carismas genuínos do Espírito Santo. Tem perdido tanto a sua tradição como a sua inspiração! Cria e inventa modismos todos os dias, mas depende mais de técnicas e da criatividade humana do que da capacitação do Espírito Santo.

5 - *O cristianismo profético não grita, mas possui voz* — "Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz" (v. 19).

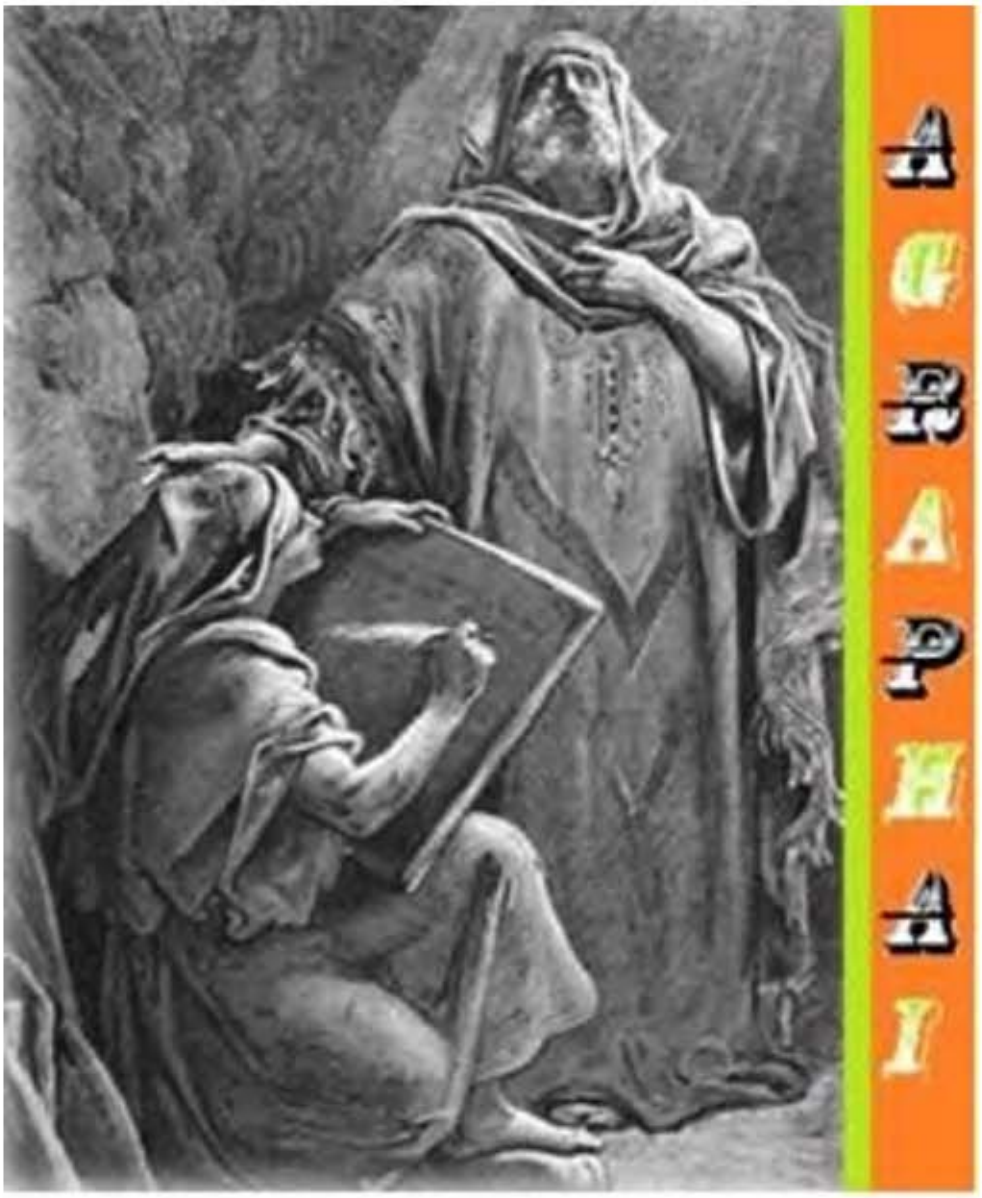
Um dos males do pentecostalismo contemporâneo é que ele grita muito, faz muito barulho, mas não consegue ser ouvido. Não possui voz, ou ainda sua voz não consegue produzir eco. Comparo muitos pregadores pentecostais com o sacerdote Zacarias, pai de João Batista,

logo após a sentença que o anjo lhe aplicou: "Ficarás mudo" (Lc 1.20). É um pentecostalismo mudo, afônico e que por isso não consegue ser ouvido. Os maus testemunhos, os escândalos sexuais e financeiros calaram a sua voz! O que, por exemplo, a imprensa tem divulgado sobre esse tipo de pentecostalismo? Brigas internas por liderança de igrejas; construção de obras faraônicas, como por exemplo, reconstrução de antigos monumentos bíblicos; compra de jatos supersônicos e escândalos financeiros.

6 - *O cristianismo profético é integral, mas trabalha com pedaços* — "Não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumega" (v. 20).

Jesus certa vez disse "não necessitam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos" (Lc 5.31). Na sua missão profética estava aquela de restaurar o ferido. A expressão *cana quebrada* é uma referência a uma cana de junco que crescia junto aos pântanos. O caule quebrado não possuía valor comercial. A metáfora é que ele não acabaria de matar quem já estivesse morrendo, mas o restauraria! Assim como a *cana quebrada*, o autor sagrado observa também que ele *não apagará o pavio que fumega*. Aqui a imagem é de uma lamparina cujo pavio já está por se consumir. Nesses casos o fogo fica bem baixo, e até um pouco de vento soprando é suficiente para apagá-lo. Jesus não acabaria de apagar o pouco de fogo existente, mas o reacenderia.

Com uma teologia distorcida e contaminada pelo materialismo, o pentecostalismo contemporâneo corre o grande risco de acabar de matar a fé e a esperança de quem acredita ainda na fé cristã. Por quê? Por que ele possui um potencial enorme de gerar frustrações nas pessoas. Aquelas mesmas pessoas que acreditam que tocando no manto sagrado, bebendo a água do rio Jordão, colocando o seu nome dentro do cálice cheio com óleo e etc., obterão a resposta para a solução de seus problemas. Há muitos que não conseguem ver seus sonhos realizados e mergulham em um ceticismo sombrio.



EM BRANCO

7

Do Espiritual ao Místico

Atualidade dos Dons Espirituais!

Eu tinha apenas dezoito anos quando me converti em uma igreja pentecostal. Como pentecostal passei a conviver com as manifestações do Espírito Santo ainda nos primeiros anos de minha fé. Fui ensinado que havia uma experiência pentecostal denominada de batismo no Espírito Santo e que a mesma era evidenciada pelo falar em línguas desconhecidas. Vi minha irmã mais velha testemunhar que quando o pastor orava por ela para a cura de uma enfermidade fora cheia do Espírito Santo. Contou que assim que o pastor a tocou com o óleo da unção recebeu algo como uma descarga elétrica e passou a falar em uma linguagem desconhecida. Vi irmãs do círculo de oração da igreja profetizarem em diferentes situações.

Essas experiências aguçaram o meu desejo pelas coisas espirituais e impulsionaram-me também querer o batismo pentecostal. Não muito tempo depois disso eu também fui cheio do Espírito Santo e falei em línguas desconhecidas. Algum tempo depois, quando orava buscando a orientação de Deus para minha vida espiritual, fui tomado Espírito Santo e passei a falar em uma língua desconhecida. Fiquei totalmente absorvido naquela experiência. Pela primeira vez na minha vida tive a interpretação quando falei em línguas. Naquela interpretação, o Senhor

disse-me: "Eu tenho uma aliança ministerial com você". Oito anos depois daquela experiência fui designado como evangelista de tempo integral. Em outra ocasião, estava participando de um retiro de carnaval com a minha esposa quando ela foi cheia do Espírito Santo passando a falar em uma linguagem desconhecida. Quando me aproximei dela e ouvi suas expressões em línguas, o Senhor me deu a interpretação daquelas palavras: "A sua esposa é como a coluna de uma ponte em sua vida". Para que não tivesse nenhuma dúvida de que era Ele quem estava falando, um irmão que se estava distante e que não sabia do ocorrido naquele momento, se aproximou e disse: "O Senhor manda dizer a você que a sua esposa é uma coluna na sua vida". Hoje sei que aquelas palavras eram fiéis e verdadeiras, pois a minha esposa é uma coluna forte em meu ministério.

As experiências passaram a acontecer de uma forma natural, mas não corriqueiras! Todavia nos momentos de conflitos espirituais sempre ouvi o Senhor comigo. Certa vez no meio de uma luta espiritual, quando já estava me dando por vencido, fui despertado durante a madrugada com uma voz chamando pelo meu nome. Eram aproximadamente quatro horas da madrugada. Levantando-me da cama e dirigindo-me para a cozinha senti como se alguém falasse no meu interior: "Eu quero falar com você". Imediatamente percebi que as palavras: "A nossa alma escapou, como um pássaro do laço dos passarinheiros; o laço quebrou-se, e nós escapamos" (Sl 124.7), começaram a fluir na minha mente. Tão logo aquelas palavras do Salmo me vieram à mente, senti o Senhor falando no meu interior. Era como se alguém estivesse ao meu lado dizendo: "O laço foi quebrado, você está livre. Vá e faça a obra de seu Senhor". A partir daquele momento a batalha estava ganha, o Senhor me dera a vitória.

Há muitas outras experiências pentecostais testemunhadas pelo povo pentecostal que são provas inequívocas da atuação do Espírito Santo em nossos dias.

Aquilo Era eu

John Wimber, por exemplo, um dos principais nomes do Movimento da Terceira Onda, conta que durante o seu ministério convidou

um evangelista para ministrar em sua igreja. O evangelista se ateve ao texto bíblico durante o seu sermão de forma que nada de extraordinário aconteceu até o momento em que ele fez uma oração final já no encerramento do culto. Wimber conta que tão logo o evangelista terminou a sua oração, e quando ele abriu os olhos, ficou estupefato com a cena que presenciou — havia dezenas de pessoas caídas ao chão. Wimber narra que o evangelista não fizera nada de extraordinário muito menos induzira os presentes a experimentar aquilo. Temendo pela sua reputação, Wimber diz que não conseguiu dormir durante aquela noite que por volta das seis horas da manhã ainda estava acordado! Foi naquele momento que recebeu um telefonema de um pastor amigo seu e que morava em um outro estado. O pastor limitou-se a dizer que fora despertado durante a noite com uma frase na mente e que possuía uma convicção interior que deveria dizer aquelas palavras a Wimber. Ele mesmo não sabia o sentido daquela frase, mas tinha certeza de que Wimber saberia. Após explicar os motivos que o levaram a ligar tão cedo para Wimber, o amigo reproduziu a frase que o Senhor mandara dizer a Wimber: "Aquilo era eu". Nesse momento Wimber conta que caiu o fardo da preocupação e passou a ter consciência da ação do Espírito Santo.[38]

Esse fato não deve servir de argumento para justificar bizarrices da teologia do "cai cai", mas para mostrar como o Espírito Santo se move no meio pentecostal. Em um outro capítulo deste livro voltarei a escrever sobre o equilíbrio que se deve ter no exercício dos dons espirituais.

A Luz que Vem do Alto

Por outro lado, Jack Hayford, pastor da igreja do Evangelho Quadrangular nos Estados Unidos e escritor mundialmente conhecido, conta que certa vez fazia um voo ao lado de um executivo quando sentiu que o Senhor falava-lhe algo. Hayford percebeu o Espírito Santo orientando-lhe a se comunicar com aquele estranho em línguas desconhecidas. Para não parecer que estava sendo inconveniente ou mesmo bobo, Hayford perguntou-lhe se ele se incomodava com o fato dele lhe dirigir a palavra em uma outra língua. A resposta foi negativa. Foi então que Hayford passou a falar em sua língua desconhecida que costuma usar em sua vida devocional. Todavia falara poucas palavras quando sentiu

que os fonemas passaram a ser ditos em outra língua, diferente daquela que costumava falar na sua vida privada de oração. Querendo saber o resultado daquilo, Hayford perguntou ao executivo se ele entendera o que dissera naquela língua. A resposta foi positiva! O executivo afirmou que Hayford falara em uma língua pré-kaiwoa, língua dos seus antepassados indígenas, e que a tradução era: "Olhe para a luz que vem do alto!" Era daquela forma que os ancestrais indígenas daquele executivo se referiam a Deus! Quando o executivo tomou consciência de que Jack Hayford não conhecia aquele idioma, mas falara sob inspiração do Espírito Santo, passou a ouvir com atenção a mensagem do evangelho.[39]

Um profeta no Nordeste Brasileiro

O pastor Rayfran Batista, escritor e pastor da Assembleia de Deus maranhense, contou-me que está escrevendo uma biografia do missionário João Jonas (1886-1965). João Jonas foi um missionário húngaro que professava a fé ortodoxa grega e que chegou ao Brasil em 1932.[40] No estado do Pará, João Jonas se converteu a fé pentecostal, posteriormente indo trabalhar como missionário nos estados do Maranhão, Goiás, Piauí e Bahia. Em 1933 João Jonas foi envidado como evangelista para o estado do Maranhão e foi nesse estado que o pastor Rayfran Batista encontrou um crente de nome "Miguel", ex-companheiro de João Jonas em suas andanças pelo Maranhão.

Pois bem, Miguel que à época que concedeu a entrevista ao pastor Rayfran já estava com mais de 90 anos, contou que na verdade serviu de guia para João Jonas nas trilhas maranhenses. Foi em uma viagem missionária que Miguel vivenciou algo que marcaria a sua vida para sempre. Disse que nessa época ainda era um jovem, mas que sofria com uma doença nas pernas e que quando a viagem era longa a dor se agravava. Em um desses dias somente João Jonas seguia montado em um animal e Miguel caminhava logo à frente. Miguel disse que começou a sentir dores nas pernas e somente em seus pensamentos começou a murmurar: "Eu que sou doente das pernas caminho a pé e esse missionário segue montado". Logo terminara de pensar, Miguel conta que João Jonas parou o animal e chamou-o, dizendo em seguida: "Miguel pare de pensar besteira e murmurar!

Para que você saiba que sou homem de Deus, assim diz o Senhor: nunca mais sentirás dores nas pernas". Miguel foi imediatamente curado! O pastor Rayfran contou-me que Miguel ainda se emocionava quando narrava aquelas palavras e naquela ocasião, já com o peso de quase um século, começou a pular e saltitar, demonstrando assim, que de fato, fora curado pelo Senhor.

Dons Regulamentados

São experiências como essas que fazem o pentecostes ser almejado. Os pentecostais são conhecidos pela ênfase que dão aos dons espirituais. O Pentecostes bíblico foi marcado pelas manifestações do Espírito Santo (At 2.1-17; 8.17.18; 10.44-46; 19.1-6). O Pentecostes é sobrenatural. Fenômenos como o falar em línguas desconhecidas, profecias e cura divina sempre fizeram parte dos fenômenos pentecostais. A igreja de Corinto, por exemplo, viveu um Pentecoste dinâmico a ponto de o apóstolo sentir a necessidade de regulamentar o exercício dos dons espirituais. Nessa carta encontramos o apóstolo Paulo destinando dois capítulos ao ensino regulamentador dos dons espirituais e um discorrendo sobre a lei que os deve reger (1 Co 12-14). A regulamentação não tencionava apagar os dons, mas ensinar o seu uso correto. Isso se fez necessário porque se pode abusar dos dons espirituais da mesma forma que alguém abusa das coisas materiais.

Pentecostes para Pentecostais

Esse é o lado bonito da história, mostrando a verdadeira espiritualidade do movimento pentecostal, mas também há um lado feio. Aquele em que o pentecostalismo deixa de ser espiritual para se tornar místico. Donald Gee, antigo escritor pentecostal inglês, já demonstrava preocupação com os rumos que o pentecostalismo começava a ganhar nos seus dias. Em uma de suas obras já denunciava a superficialidade da experiência pentecostal denominando-a de "decepcionante". O seu desejo era que "Deus conserve o pentecostes pentecostal".[41]

De fato, o pentecostalismo contemporâneo perdeu muito daquela fragrância espiritual primitiva, passando a exalar o mau-cheiro do mis-

ticismo religioso. Às vezes quando vejo certos programas pentecostais exibidos na televisão, fico pensando se não estou assistindo a uma sessão espírita! Em outras ocasiões tenho a impressão de que os pregadores leram muito sobre a igreja medieval e agora estão copiando literalmente suas práticas, apenas com uma ressalva: dizem que pertencem à fé evangélica. Martin N. Dreher destaca, por exemplo, que o culto durante o período medieval se tornou em extremo místico:

> Vendiam-se desde bolinhas da terra com a qual Adão fora feito até cera dos ouvidos e leite da virgem Maria, estrume do burro do estábulo de Belém, fios de cabelo e da barba do Salvador. Mostrava-se inclusive, o prepúcio circuncidado de Jesus. Ao todo, existiam nada menos do que 13 exemplares do prepúcio de Jesus em toda a Europa.[42]

Esse misticismo foi uma marca inequívoca que o cristianismo afastara-se da Palavra de Deus. A luta dos reformadores foi no sentido de que a Palavra de Deus voltasse a ocupar o seu lugar novamente. Eles observaram que esse distanciamento das práticas bíblicas produziu seus efeitos colaterais atingindo em cheio a moralidade da igreja bem como a sua teologia. Ulrich Zuínglio (1484-1531) atacou duramente os ritos e tradições medievais do catolicismo bem como a corrupção moral e doutrinária da igreja. O seu anseio era que a igreja voltasse à sua simplicidade como era vista no Novo Testamento. Lutero testemunhou que Zuínglio limpou a igreja do "lixo cerimonial" e das "bobagens". Paulo Anglada observa que Zuínglio:

> Destruiu os altares, as imagens e pinturas dos santos, e retirou o órgão da igreja. Para ele tudo o que não fosse ensinado nas Escrituras deveria ser eliminado do culto, visto que tem a tendência de afastar as pessoas da verdadeira religião. "Se você deixar os ninhos das cegonhas onde estão", preveniu Zuínglio, "elas certamente voltarão para eles".[43]

Outono na Idade Média

Johan Huizinga, um dos maiores historiadores sobre o período medieval, observa:

> Há uma necessidade irrestrita de dar forma a tudo o que é sagrado, de dar materialidade às idéias religiosas, de modo que sejam impressas no cérebro como uma gravura de traços bem marcados. Devido a essa tendência à expressão pictórica, o sagrado é continuamente exposto ao perigo de ser petrificado ou de se exteriorizar demais.[44]

O pentecostalismo contemporâneo há muito materializou o sagrado, bem como o tornou em extremo exteriorizado. Ele ressuscitou o misticismo medieval. Temos um pentecostalismo totalmente petrificado por símbolos e imagens que lançam o devoto em uma verdadeira adoração idolátrica. Dessa forma é possível usar a "estrela de Davi" como um símbolo ou imagem para se alcançar a prosperidade. Pode-se usar a água do rio Jordão; o cajado do Salmo 23; os lenços ou tolhas do apóstolo Paulo, etc. O objetivo é colocar o fiel em contato com algo palpável, material e sensível e dessa forma ter sua fé estimulada. A fé sem dúvida é estimulada, mas é uma fé idólatra!

Ao observar que a vida da cristandade medieval é, em todos os aspectos, permeada de imagens religiosas, Johan Huizinga destaca:

> Não há coisa ou ação em que não se procure estabelecer constantemente uma relação com Cristo e com a fé. De fato, tudo está orientado para uma concepção religiosa de todas as coisas, em uma espantosa propagação da fé. Mas nessa atmosfera saturada, a tensão religiosa, a ideia de transcendência, o abandono da materialidade podem não estar sempre presentes. Na ausência desses elementos, tudo o que se destinava a estimular a consciência de Deus é enrijecido numa banalidade profana, num surpreendente materialismo envolto em formas elevadas.[45]

Não é de admirar, como observa Huizinga, que os reformadores do século XV se opusessem a essa sobrecarga da fé. A fé estava inchada! As relíquias dos "santos" transformaram-se em amuletos e a simples oração foi coisificada nos rosários. A superstição parecia ser a ordem do dia. Acreditava-se, por exemplo, que ninguém podia ter um derrame (AVC) ou ficar cego durante uma missa e muito menos envelhecer! Havia imagens cujas barrigas poderiam ser abertas para que se contemplasse a Trindade que estava dentro delas! Huizinga comenta que a vida estava tão saturada de religião que a distância entre o terreno e o espiritual ameaçava ser perdida a qualquer momento.

A lógica dessa fé medieval fundamentava-se no argumento de que se poderia venerar as imagens, relíquias e lugares sagrados desde que isso pudesse fazer o devoto entrar em contato com Deus. Essa sem dúvida alguma é a mesma lógica usada pelo pentecostalismo contemporâneo que se encontra impregnado de símbolos cujo fim é estimular a fé dos fieis. Somente a Bíblia não é mais suficiente.

As Coisas do Espírito de Deus

Assim como alguém pode se exceder no uso das coisas materiais, da mesma forma se pode abusar das coisas espirituais. Não há duvida de que hoje presenciamos um abuso das coisas espirituais. Na primeira carta de Paulo aos Coríntios observamos que o apóstolo procurou regulamentar o uso dos dons espirituais na igreja a fim que se evitasse esses excessos das coisas espirituais. De fato, a palavra grega *pneumatikos* usada por Paulo em 1 Corintios 12.1, e que em nossas Bíblias aparece traduzida como *dons espirituais,* literalmente significa *coisas espirituais.* Paulo sabia que alguém pode fazer mau uso das coisas espirituais. Nos capítulos 12 e 14 encontramos alguns princípios que nos ajudam a corrigir isso.

1 - *Não devemos ser ignorantes quanto às coisas espirituais* (1 Co 12.1)
Uma coisa é alguém ver as manifestações do Espírito Santo, outra é fazer mau uso das mesmas por desconhecer sua dinâmica. É exatamente aqui que o pentecostalismo contemporâneo peca. O uso textos isolados das Escrituras para justificar práticas místicas com a alegação de que é para estimular a fé dos fiéis.

2 - *As coisas espirituais podem ser abusadas* (1 Co 14.32)
Paulo diz que "o espírito do profeta está sujeito ao próprio profeta" (1 Co 14.32), isto é, podemos controlar as operações do Espírito que opera em nós ou podemos abusar delas. Não é que controlamos o Espírito Santo, mas o nosso espírito humano que está sob a influência do Espírito Santo.

3 - *As coisas espirituais devem ser buscadas com racionalidade e entendimento* (1 Co 14.29,40)
Os dons são espirituais, mas as suas operações devem ser orientadas por nossa racionalidade. Deus não anula a nossa razão nem tampouco quer que mergulhemos num misticismo divorciado da sua Palavra. Devemos buscar o discernimento do Espírito nesta era onde o misticismo impera!

8

Do Santo ao Profano

Estabelecendo Limites

Um dos atributos de Deus que é amplamente enfatizado nas Escrituras é o da sua *Santidade* (Lv 19.2; 20.7; Js 24.19; Is 30.15). A Bíblia mostra de uma forma clara que o nosso Deus é santo e como Ele é santo, exige que o homem também o seja. Dessa forma a distância ente o sagrado e o profano, entre o santo e o imundo é bem definida. Se alguém ultrapassa esses limites não é porque eles não são bem demarcados, mas é por falta de compromisso com os mandamentos do Senhor. A santidade bíblica não apenas se distingue daquilo que é profano, contudo se opõe a ele. Ser santo, portanto, é estar limpo, puro e consagrado.

Algumas ideias sobre santidade que encontramos nos léxicos sobre a Bíblia são de:

- Aquilo que pertence à esfera do sagrado (Nm 16.38; 17.3);
- Aquilo que estabelece limites (Êx 19.23; Lv 22.32);
- Aquilo que distingue o que é comum ou profano (Lv 10.10; Ez 22.26);
- Aquilo que revela o poder (mistério tremendum) e caráter de Deus (1 Pe 1.16; Lv 19.1; 20.7)

- Aquilo que é sagrado e que por isso não pode ser tratado como uma coisa qualquer, como exemplo, o dia de sábado no antigo judaísmo (Êx 16.23-26).

A ideia, portanto, por trás da santidade é a de separação, todavia, ao longo da história da Igreja essa doutrina recebeu diferentes enfoques por parte dos lideres cristãos. Justo Gonzalez resumiu as diferentes concepções que a doutrina da santificação recebeu ao longo da história.

A Santidade na História do Povo de Deus

No período apostólico, por exemplo, a santidade era entendida como a pureza que imitava a Cristo. Por outro lado, no período da patrística a santidade era compreendida como um recolhimento da sociedade contaminada e passou a ser sinônimo de ascetismo. Já no período da Reforma, Lutero enfatizava mais as atitudes interiores, enquanto Calvino enfatizava a soberania divina nesse processo e autodisciplina. O decálogo estava no centro da ética bíblica. Para a igreja Ortodoxa Grega a santidade se manifestava através do ascetismo e abnegação com os sacramentos. No movimento puritano, a santidade era entendida como vida interior através da influência do Espírito Santo. João Wesley via a santidade como a busca da perfeição. Na atualidade a santidade é entendida como um estilo de vida diferenciado.[46]

O Molde de Deus

Santidade é separar-se, não se amoldar a um modelo existente. Efetivamente, esse é o sentido atribuído pelo apóstolo Pedro em sua primeira carta: "Como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia vossa ignorância" (1 Pe 1.14). No texto bíblico, o verbo *amoldeis* traduz a palavra grega *suschematizo,* de onde vem a nossa palavra *esquema, esquemático.* Pedro exorta a igreja a não se amoldar, isto é, tomar o mundo como molde ou esquema para ela. Os léxicos traduzem esse termo como sendo uma referência ao se conformar com o estilo de vida ou aparência externos, se acomodando a um modelo ou padrão. Descrevendo dessa forma aqueles que se conformam com os desejos mundanos. Observando que o conformismo mesmo de forma superficial e aparente, pode ser fatal para a vida do cristão.[47]

Ser santo, portanto, é não deixar o mundano e o secular tomar o lugar do sagrado. É exatamente nesse ponto que o pentecostalismo contemporâneo tem feito concessões de modo a parecer cada vez mais com o mundo. Às vezes a nossa compreensão de santidade leva em consideração apenas aspectos do mundo exterior, quando na verdade deveria observar o que está além da superfície, ou seja, o caráter das pessoas.

A Santificação na "Carta de Jerusalém"

Por ocasião do primeiro Concílio da Igreja Primitiva realizado na cidade de Jerusalém, encontramos os apóstolos dando diretrizes para o viver santo dos cristãos. O texto, que também pode ser denominado de *A Carta de Jerusalém,* se estende por todo o capítulo 15 do livro de Atos dos Apóstolos. Mas os versículos 28 e 29 se destacam.

> Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargo algum, se não estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, da carne sufocada, da fornicação; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Bem vos vá (At 15.1-29).

Façamos, pois, algumas observações nesse capítulo:

1- *A santidade gera um ponto de tensão entre lei e graça, entre o santo e o profano* — "Então, alguns que tinham descido da Judeia ensinavam assim aos irmãos: Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podereis salvar-vos" (At 15.1).

Alguns judeus convertidos ao cristianismo ainda viviam como judeus e não somente isso, queriam que os gentios recém convertidos à fé cristã vivessem da mesma forma. Na teologia bíblica eles são conhecidos como judaizantes! Esse fato gerou um ponto de tensão entre a lei e a graça, entre o legalismo e a liberdade cristã de tal forma que provocou esse conclave apostólico na cidade de Jerusalém para por fim a essa questão.

A santidade corre um grande risco, na verdade, fica totalmente comprometida quando é compreendida como sendo um legalismo. O legalismo é uma forma religiosa de querer agradar a Deus através da observância de determinadas regras ou ritos. Acaba por se transformar em uma santificação meritória!

2 - *A santidade deve ser vista primeiramente pelo lado de dentro e posteriormente pelo lado de fora* — "E Deus que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo assim como também a nós... e não faz diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé" (At 15.8,9).

Nestes dois versículos bíblicos a palavra coração, como sinônimo de vida interior, aparece duas vezes. Isso mostra que a santidade está muito além de atitudes meramente externas. A santidade primeiramente é de dentro, posteriormente ela se exterioriza. O problema é quando se inverte esse processo querendo que a santificação ocorra a partir de atitudes externas, quando na verdade ela é resultado do caráter.

3 - *A santidade transforma pagãos em cristãos, profanos em santos e impuros em limpos* — "Então, toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios" (At 15.12).

Quando os apóstolos começaram a dar seus relatórios da incursão missionária entre os pagãos, os crentes silenciaram para ouvir com atenção. O relatório mostrou que Deus fizera vários sinais e prodígios entre os pagãos e por meio dos mesmos os transformou em cristãos. O profano se tornou santo! Somente a ação da Palavra de Deus pode operar tamanho milagre.

Vejo um problema com o pentecostalismo contemporâneo porque o mesmo está fazendo o caminho inverso. Os santos estão se paganizando quando copiam as práticas destes ou se amoldam aos seus estilos de vida. Não teremos um cristianismo forte enquanto permanecer entre nós esse pentecostalismo pagão.

4 - *A santidade se assemelha a uma nova estrutura que não pode mais ser semelhante à antiga* — "Depois disto, voltarei e reedificarei o tabernáculo de Davi; que está caído, levantá-lo-ei das ruínas e tornarei a edificá-lo" (At 15.16).

Aqui fala de restauração, mas restauração com estruturas novas. O pentecostalismo contemporâneo que ser santo, mas teima em ser edi-

ficado sobre velhas estruturas ou a partir das mesmas. Na política, por exemplo, não consegue se separar dos conchavos, fisiologismos e corporativismo que tão frequentemente marcam o nosso parlamento.

5 - *Santidade é viver o novo, mas sem renegar o antigo* — "Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas" (At 15.21).

Os apóstolos estavam conscientes de que não poderiam abrir mão da liberdade cristã, mas por outro lado, estavam cônscios que da mesma forma havia princípios na ética mosaica que não conflitavam com a fé cristã. Esses princípios deveriam, pois, ser obedecidos. Não se tratava de legalismo, mas de dar maior expressão a doutrina da graça. O pentecostalismo contemporâneo inovou completamente na sua teologia e liturgia, pasando a desprezar a sua antiga herança. Estou convicto de que muito da nossa antiga herança pentecostal precisa ser resgatada a fim de que nos pareçamos com o pentecostes bíblico.

6 - *Santidade é ação de Deus, mas também é ação do homem* — "Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (At 15.28).

Já nos referimos neste texto à santidade posicional (1 Co 1.1). Somos santos porque estamos em Cristo Jesus. Esse lado da santificação já foi realizada por Deus. Por outro lado, temos que fazer a nossa parte nesse processo. O texto diz "e a nós". Há muitas passagens bíblicas mostrando esse fato: "Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (2 Co 7.1). Essa parte da santificação precisa ser aperfeiçoada e nós temos parte nesse processo.

7 - *Santidade é a combinação de uma salvação gratuita com um discipulado que custa caro* — "não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias" (At.15.28).

A Igreja Primitiva não era legalista, mas estava consciente de que a santidade possuía seus encargos. A salvação é de graça, mas o discipulado custa caro. Uma santidade sem custo não vale nada, assim como uma salvação desacompanhada das obras é deficiente (Tg 2.17). Neste texto

temos uma santificação que possui custo, mas que se firma em coisas essenciais. Às vezes nos prendemos apenas naquilo que é contingencial e nos esquecemos do que é essencial. A santificação se fundamenta em essências.

8 - *Santidade é possuir um santuário, mas nenhum ídolo* — "que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos" (At 15.29).

A Escritura afirma que o nosso corpo é santuário do Espírito Santo (1 Co 3.16) e que por isso mesmo devemos glorificar a Deus com o nosso corpo (2 Co 6.19,20). Na antiga aliança o sacrifício era realizado com animais; na nova aliança o próprio crente é o sacrifício (Rm 12.1,2). Temos, portanto, um santuário, todavia não devemos ter nenhum ídolo. No Antigo Israel os ídolos sempre foram um problema constante para os judeus, em nossos dias eles assumiram outras formas e continuam a ameaçar o povo de Deus. O ídolo moderno pode ser uma profissão ou mesmo uma posição ou cargo eclesiástico.

9 - *Santidade é possuir o "éros" redimido* — "que vos abstenhais... das relações sexuais ilícitas" (At 15.29).

Vez por outra a mídia faz ampla divulgação de um escândalo moral entre os pentecostais. Em muitos casos o sexo aparece em primeiro lugar. Crentes, e às vezes obreiros de renome que se envolvem em escândalos sexuais. A nossa sexualidade já foi redimida, mas agimos de forma contrária a essa verdade. O sexo, como diz John White, continua a ser um deus neste mundo e como tal tem muitos fiéis. A indústria da pornografia fatura bilhões de dólares todos os dias com o sexo ilícito e os cristãos precisam tomar todo o cuidado para não contribuir com esses números. A internet se tornou a maior causa de queda de clérigos, quer sejam padre ou pastores. Vez por outra os programas de televisão exploram um escândalo sexual, em muitos casos envolvendo crianças que são aliciadas por clérigos. Conheci muitos pregadores pentecostais de renome que tiveram seus ministérios destruídos porque não foram cuidadosos com suas sexualidades.

A Igreja no Tribunal

Há, portanto, muitas evidências desse pentecostalismo que se mundanizou. Quem não se lembra, por exemplo, daquele deputado evangélico do Distrito Federal que foi flagrado em um vídeo quando fazia uma oração para agradecer a Deus pela propina que recebera? Essa mistura do santo com o profano, do sagrado com o secular tem como subproduto um pentecostalismo mundano. Um outro dia estava no consultório de um dentista para um tratamento quando percebi em cima de uma mesa um exemplar da revista *Isto É*. Ali havia uma ampla matéria intitulada: *Com o Diabo nos Couros!* A reportagem fazia uma ampla cobertura sobre um racha interno vivido por uma grande denominação neopentecostal e uma das mais radicais e fundamentalista. A briga era entre os fundadores, mais especificamente entre o sogro e o genro! O fato que teve ampla repercussão na mídia, inclusive sendo exibida no *Programa do Ratinho,* encontra-se ainda hoje nas páginas da Web.[48]

A secularização desse modelo pentecostal contemporâneo retratado na mídia revela que o neopentecostalismo tem se mundanizado ou no mínimo perdido sua sacralidade. Embora se pregue um viver separado do mundo e dos seus costumes. Infelizmente matérias como essa têm se tornado extremamente comuns e passam a fazer parte das estatísticas dos vídeos mais assistidos do *youtube*.

Mas esses fatos não têm ficado restrito às igrejas neopentecostais, denominações representantes do pentecostalismo clássico também têm experimentado essa crise. Muitas delas estão travando sangrentas batalhas na justiça! Entre os anos de 2009 e 2011 uma grande igreja, representante do pentecostalismo clássico, esteve em evidência na mídia. Varias matérias como: "Igreja na Justiça", "Pastor Perde na Justiça que Derruba Liminar", foram publicadas em jornais e postadas em blogs etc.[49] Deixamos o Concílio para frequentarmos os Tribunais! Uma consequência natural disso é o esfriamento do fogo pentecostal. Não se trata de jogar pedra ou fazer juízo de valor sobre a vida pessoal das pessoas, mas como podemos observar, muitas delas abandonam a fé em consequência disso.

Recabitas e os Pentecostais

Voltemos ao texto bíblico para uma análise da santificação bíblica e observemos como manter a igreja separada do mundo. Há uma bela passagem bíblica que para mim tem sido uma fonte de inspiração: Jeremias, 35.1-19. No ano do Centenário do Movimento Pentecostal em solo brasileiro, este é um dos textos que mais me faz refletir sobre a nossa história e o futuro dela. A razão é bastante simples: revela como o próprio Deus valoriza o homem que tem um viver santo. Neste início de milênio vemos o pentecostalismo como em um processo de osmose assimilando elementos da cultura pagã.

Sobre isso, os recabitas, descendentes de Recabe, têm muito a nos ensinar. De acordo com Philip C. Johnson, "nos dias do reino dividido Recabe determinou que a causa da apostasia e da imoralidade do povo era a cultura palestina, e comandou seus filhos a voltarem ao seu antigo modo nômade de vida com toda a sua simplicidade".[50] Estou convencido de que os recabitas têm muito a ensinar a presente geração pentecostal.

10 - *Com os recabitas aprendemos, por exemplo, que há perigos no processo de ruptura entre uma geração presente e a que passou* — "Palavra que do Senhor veio a Jeremias, nos dias de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá" (Jr 35.1).

Temos neste versículo a menção do nome de dois reis: Joaquim e Josias, filho e pai, respectivamente. O reinado de Josias no reino do Sul ocorreu aproximadamente entre os anos de 639 a 609 a.C., foi nesse período que aconteceu uma das maiores reformas religiosas do Antigo Israel. O processo como se deu essa reforma é muito instrutivo para nós que buscamos a todo instante os fundamentos de um autêntico avivamento.

Há alguns indícios ou princípios na história da reforma promovida por Josias que revelam o porquê do seu êxito. Tudo começa quando o rei pede a um de seus escrivães que vá até ao sacerdote a fim de que se procedam os reparos necessários na casa do Senhor (2 Rs 22.3-7). É justamente durante esse processo que algo extraordinário acontece e muda para sempre o governo de Josias.

Primeiramente o sacerdote Hilquias achou o Livro da Lei que estava na casa do Senhor (2 Rs 22.9). Há um consenso entre os estudiosos que esse livro da Lei trata-se do livro de Deuteronômio. De fato, o texto de 2 Crônicas 34.14 destaca que: "E, tirando eles o dinheiro que se tinha trazido à Casa do Senhor, Hilquias, o sacerdote, achou o livro da Lei do Senhor, dada pelas mãos de Moisés". Tudo começou quando se encontrou o livro perdido. Quando o livro foi achado o rei passou a ter a noção exata do que precisava ser feito. Não há dúvida alguma de que havia uma ruptura entre a espiritualidade bíblica estipulada pela palavra de Deus dada a Moisés, e a que Josias encontrou quando ascendeu ao trono. Josias era Neto de Manassés, e filho e sucessor de Amon. Nenhum desses reis teve o cuidado de guardar a herança espiritual do seu povo. É evidente que os recabitas observaram que apesar de todo o esforço de Josias que a cultura judaica havia se paganizado. A única forma, portanto, de termos um avivamento nos termos daquele promovido por Josias é novamente encontrarmos "o livro da Lei que se tem perdido". Não há dúvida de que a razão dessa descaracterização do pentecostalismo contemporâneo é o seu distanciamento da Palavra de Deus. Por outro lado, observamos que em um segundo momento Josias "tendo ouvido as palavras do livro da Lei, rasgou as suas vestes" (2 Rs 22.11). Esse era um gesto para demonstrar extrema humilhação! Não seria isso que esteja faltando nas manifestações carismáticas contemporâneas? São pomposas, mas destituídas de humildade! São arrogantes e cheias de ostentação.

Em um terceiro momento vemos Josias ordenando "que se retirassem do templo do Senhor todos os utensílios que se tinham feito para Baal, e para o bosque, e para todo o exército dos céus; e os queimou fora de Jerusalém, e levou as cinzas deles a Betel" (2 Rs 23.4). Assim foi a reforma promovida por Josias — promoveu a derrubada de todos os altares e a retirada de seus deuses. Não há movimento de renovação autêntico sem a derrubada desses deuses.

11 - *O perigo de retirar-se o lime demarcatório entre o sagrado e o profano*

Observamos que nesse texto o Senhor instrui o profeta a provar os recabitas oferecendo-lhes vinho (Jr 35.2,4,5). A oferta para ser mais atra-

ente deveria ser feita na câmara da Casa do Senhor (Jr 35.4). Os recabitas foram instruídos por Jonadabe, pai do clã, que não deveriam beber vinho enquanto vivessem, e por causa disso a oferta foi recusada. Numa frouxidão moral reinante no Antigo Israel, beber vinho não era visto como um problema, exceto para os recabitas que tomaram o propósito de se abster dessa prática como um gesto de domínio próprio e submissão à vontade de Deus. A lassidão moral é o primeiro sinal de declínio da espiritualidade. Não se demarca de uma forma nítida a fronteira entre o sagrado e o profano, entre o limpo e o imundo, então o resultado é uma fé relativista. Faz concessões onde não deveria fazer. No atual movimento pentecostal, percebemos sinais visíveis de um afastamento daquele compromisso com a pureza espiritual, marca indelével dos nossos primeiros pais.

12 - *O perigo de não conservarmos a nossa herança cultural*

Os recabitas deram como motivo para o viver abstêmio a orientação recebida pelo seu ancestral: "Não beberemos vinho; porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos mandou, dizendo: Nunca bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos" (Jr 35.6).

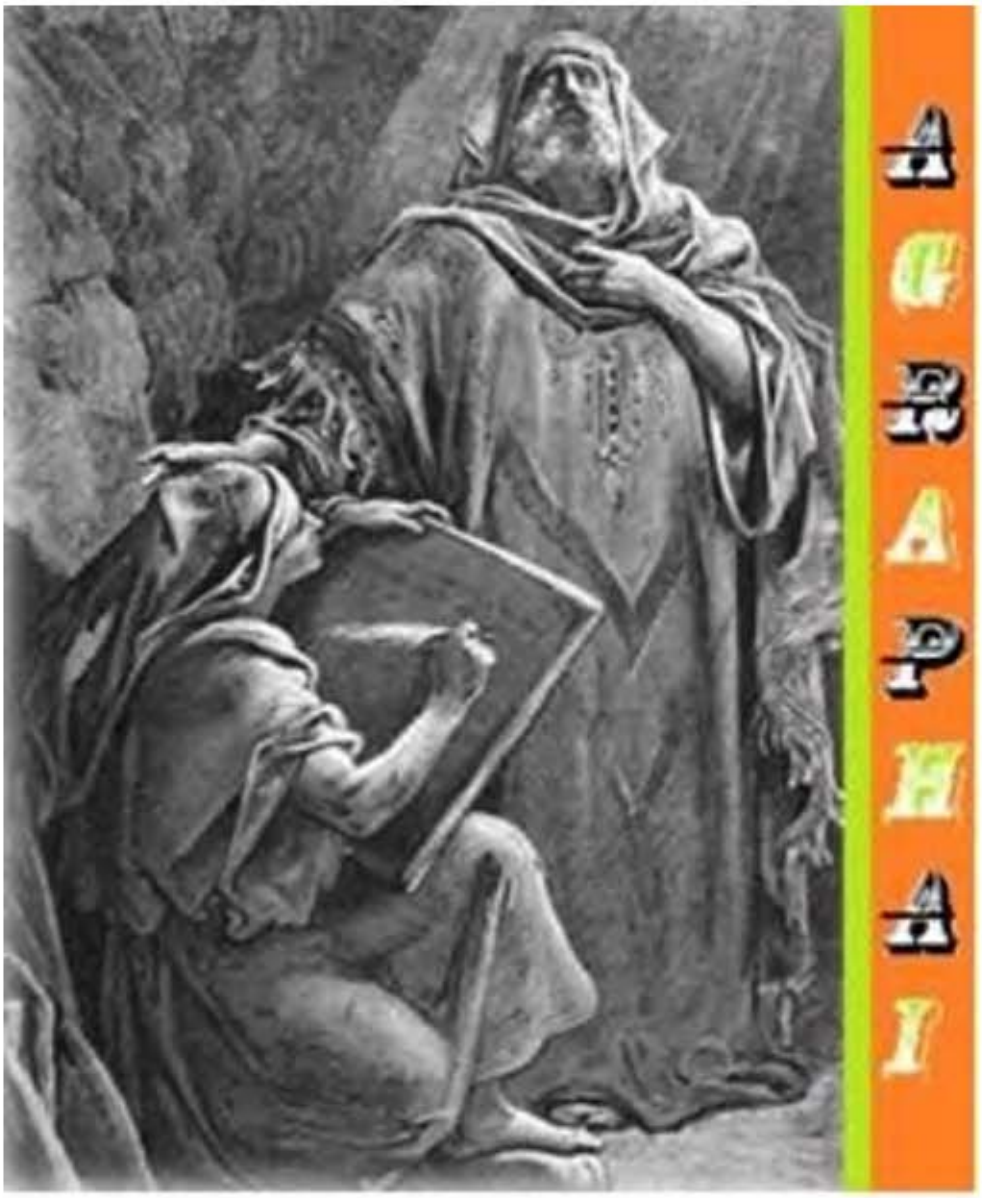
Os recabitas possuíam uma herança cultural — a de não beber álcool. Essa herança foi passada de pai para filho e assim sucessivamente. O que Deus cobra dos israelitas nos dias de Jeremias era essa fidelidade que Ele encontrou nos recabitas. Os recabitas mesmo tendo apenas uma tradição humana, contudo levavam isso muito a sério. Por outro lado, os judeus possuíam muito mais do que uma tradição, tinham a Palavra do Deus Eterno e mesmo assim não lhe obedeciam. Todos nós de uma forma ou de outra possuímos nossa cultura e juntamente com ela nossos costumes. Como pentecostais temos uma herança e se queremos conservar a identidade de um povo alegre, motivado e intrépido precisamos atentar para essas coisas.

13 - *O perigo de se esquecer de que o nosso reino não é deste mundo*

O texto destaca que os recabitas também assumiram o propósito de "Não edificar casa... nem habitar em tendas" (Jr 35.7). Levariam uma vida nômade, não tendo uma morada fixa.

É falso qualquer suposto movimento espiritual que alega ser herdeiro do avivamento bíblico, mas que possui uma visão escatológica

deformada ou mutilada. Os autênticos movimentos de avivamento ao longo da história da Igreja foram logo reconhecidos como tal porque possuíam um entendimento correto da escatologia bíblica. No atual pentecostalismo nota-se um distanciamento cada vez mais crescente da escatologia bíblica. É a pregação do imediatismo, do ineditismo e mercantilismo que tem reinado nesses últimos anos no carismatismo contemporâneo.



EM BRANCO

9

Da Ortodoxia à Heresia

O livre de hoje será o institucional de amanhã.
– Leon-Joseph Suenens

Avivamento, Modismos e Inovações

Parece que na cultura contemporânea nada supera o neopentecostalismo em heterodoxia. Isso é problemático, visto que toda heterodoxia tem um parentesco muito forte com a heresia. Justo Gonzalez observa que originalmente a heresia era entendida simplesmente como "partido" ou "seita". Em um estágio posterior passou a significar qualquer ensino contrário à fé cristã ou mais exatamente, qualquer doutrina que se chame cristã, mas rejeite ou deturpe algum aspecto fundamental do cristianismo.[51] Por outro lado, a heterodoxia é o antônimo de ortodoxia e significa literalmente de "opinião diferente".

Com a explosão do movimento pentecostal no início do século passado e o consequente aparecimento dos movimentos carismáticos tanto protestantes como católicos surgiu também uma forma mais livre de interpretação dos fenômenos espirituais. E com ela abriu-se também a porta para os modismos e os movimentos heterodoxos. Já nos primeiros anos do pentecostalismo clássico o conflito entre o entendimento de um grupo mais organizado acerca da Bíblia e as interpretações pessoais deram sinais evidentes de que o movimento pentecostal se fragmentaria.

Uma Trindade Diferente

Sobre esse fato, o pastor Isael de Araujo, autor de uma das mais conceituadas obras de referência sobre pentecostalismo, escreve:

> Em 1914, surgiu um movimento dentro das Assembleias de Deus norte-americanas, denominação oriunda do antigo avivamento pentecostal americano, desafiando a doutrina trinitariana tradicional com a prática do batismo em águas dentro da visão modalista de Deus, uma doutrina do nome de Jesus e uma insistência no rebatismo no nome do Senhor Jesus Cristo. O movimento tomou forma organizacional em 1917, como resultado da expulsão de seus defensores do seio das Assembleias de Deus. Inicialmente, foram chamados de "New Issue" (Nova Questão), ou "Jesus Only" (Jesus Somente). Por volta de 1930, o movimento autodenominou-se "Jesus Name" (Nome de Jesus), "Apostolic" (Apostólico), ou "Oneness pentecostalism" (Pentecostalismo da Unicidade).[52]

Devemos destacar que antes do aparecimento desse movimento heterodoxo dentro do pentecostalismo clássico, houve um grande debate entre os pentecostais acerca da *obra consumada.* William H. Durham, renomado pastor batista que recebera o batismo no Espírito Santo na rua Azusa em 1907, não concordou com os argumentos da teologia wesleyana da santificação total. Mas esse foi um debate teológico e não um movimento sectário. Todavia como já destacamos o unicismo pentecostal divergia das doutrinas ortodoxas aceita pelo movimento. Assim foi que em 1913 o movimento unicista ganhou projeção.

Ainda de acordo com Isael de Araujo:

> O ímpeto inicial do movimento da Unicidade ocorreu em abril de 1913, por ocasião do tão propalado Acampamento Pentecostal Internacional de Arroyo Seco, nos arredores de Los Angeles. O momento chegou por meio do sermão batismal do evangelista canadense R.E. McAlister, no qual ele propôs que o motivo de os apóstolos terem efetuado o batismo no nome do Senhor Jesus Cristo (variações em Atos), em vez do nome triúno ordenado por Jesus (Mt 28.19), foi porque eles entendiam que "Senhor-Jesus-Cristo" era o equivalente cristológico de "Pai-Filho-Espírito Santo". Por outro lado, John G. Scheppe, uma pessoa pouco conhecida até então, meditou na explicação de Mcalister por toda aquela noite. Nas primeiras horas da manhã, ele correu por todo o acampamento gritando que Deus lhe havia revelado ser verdade o batismo no nome do Senhor Jesus Cristo.[53]

Verdades Fundamentais

Esse primeiro cisma motivou os líderes pentecostais a elaborar a *Declaração de Verdades Fundamentais.* Essa declaração foi aprovada

pelo Concílio Geral das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, de 2 a 7 de Outubro de 1916. Esse documento tratou de forma sucinta, porém bem fundamentado biblicamente, os principais pontos da doutrina pentecostal. Já na sua introdução percebe-se o objetivo desse documento:

> A Declaração de Verdades Fundamentais não tem por intuito servir de Credo à Igreja, nem de base à comunhão dos fiéis. Ela tem por objetivo tão somente a unidade no ministério (isto é, para que todos digamos a mesma coisa, 1 Co 1.10; At 2.42). A fraseologia empregada nesta declaração, embora não seja inspirada, é indispensável para se manter sempre pleno o ministério cristão. Nenhuma reivindicação é aqui apresentada no sentido de que esta declaração contenha toda a verdade Bíblica, pois o seu objetivo é cobrir as nossas necessidades quanto às questões fundamentais da fé cristã.[54]

Na sequência a declaração aborda os 17 pontos doutrinários mais relevantes na Teologia Pentecostal, dando amplo destaque aos pontos essenciais da Deidade. Nessa Declaração estão a crença dos pentecostais na inspiração da Bíblia e sua infalibilidade; a crença no Deus Único e Verdadeiro; a doutrina do homem, sua queda e redenção; a doutrina da salvação do homem; a doutrina da santificação; da igreja; ministério e evangelismo; Ceia do Senhor; batismo em água e escatologia.

Os princípios que deram identidade ao Movimento Pentecostal, indubitavelmente, ficam evidentes:

"Todos os filhos de Deus têm o direito a, e deveriam ardentemente esperar e intensamente buscar, a promessa do Pai, que é o batismo no Espírito Santo e no fogo, de acordo com o mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essa experiência era comum a todos os crentes na Igreja Primitiva. Com o batismo no Espírito Santo, vem a dotação de poder para a vida e o serviço, a distribuição dos dons espirituais e seu uso no trabalho ministerial" (Lc 24.49; At 4.8; 1 Co 12.1-31).

A evidência inicial e física do batismo no Espírito Santo e no fogo é o falar noutras línguas, conforme o Espírito de Deus conceder (At 2.4). Essa maravilhosa experiência é distinta e subsequente a do novo nascimento (At 10.44-46; 11.14-16; 15.8,9).

O livramento das enfermidades é provido na expiação de Cristo, e é privilégio de todos os crentes (Is 53.4,5; Mt 8.16,17).[55]

Organismo sem Organização

Essa sistematização da teologia pentecostal visava claramente guardar as Assembleias de Deus das interpretações pessoais, modismos e heresias. Todavia como o pentecostalismo era mais um Movimento do que um grupo denominacional, isto é, não se limitava a uma igreja ou mesmo a uma única confissão religiosa, não havia como impossibilitar o aparecimento de ensinos heterodoxos dentro do contexto do Movimento Pentecostal. Em um artigo escrito em 1948 por A.W. Rasmussen, líder das *Assembleias de Deus Independentes,* percebe-se a aversão pela institucionalização do movimento pentecostal. Rasmussen escreveu:

"No início do 'Pentecostes' nós morríamos de medo do 'denominacionalismo' e nunca deixamos de levantar nossa voz para proclamar que não éramos uma denominação, mas um movimento. O que aconteceu hoje? O 'Pentecostes' está divido em muitos grupos de denominacionalismo. Tem tomado o caminho de todo avivamento espiritual anterior. Parece que cada avivamento produz sua própria apostasia.

A Igreja não é uma organização nem uma ordem fraternal constituída pelo homem. Ela é um organismo vivo. É o corpo de Cristo do qual ele é o cabeça. Isso é um mistério oculto ao homem natural e à mente carnal. As coisas de Deus não podem ser discernidas pela mente natural, elas são discernidas espiritualmente...

Tenho examinado diligentemente as Escrituras para ver se há qualquer organização instituída pelos apóstolos além e acima da igreja local. Não fui capaz de achar isso. Por outro lado, a ordem da igreja local é claramente ensinada.

Por exemplo, a primeira igreja do Novo Testamento foi instituída em Jerusalém com um número de membros e eles por sua vez tiveram presbíteros e diáconos para supervisionar o rebanho. Os apóstolos seguiram este padrão ao estabelecerem igrejas em todo lugar por toda a era da igreja apostólica. Somente os santos realmente nascidos de novo e batizados se tornaram membros da igreja" (At .41; 5.13,38).[56]

Rasmussen tem razão quando se levanta contra o enrijecimento da Igreja, mas exagera quando diz não ver nenhuma forma de estrutura na Igreja Primitiva. Esse anseio de Rasmussen reflete aspectos da identidade neopentecostal que se manifesta de forma radical, privilegiando sempre a interpretação livre das Escrituras.

Mudança de Paradigma Pentecostal

Com o advento desse pentecostalismo carismático as rupturas se cristalizaram. Esse rompimento é mais perceptível na parte estética do movimento. O autor Isael de Araújo destaca que passou então a surgir uma nova forma de ser pentecostal. O movimento gospel assimilaria ritmos considerados profanos, como por exemplo, o rock. Uma outra distinção visível está no abandono dos usos e costumes e no uso dos meios de comunicação de massa como forma de evangelização. Até mesmo o carnaval foi "cristianizado" quando igrejas neopentecostais colocaram seus blocos nas ruas para desfilarem. O eixo da teologia deslocou do céu para se firmar na terra — os crentes agora passam a ser ensinados a esperar o melhor aqui e agora.

Identidade Pentecostal

Dentro desse contexto observa-se que a identidade pentecostal clássica já estava construída e isso sem dúvida protegeu o movimento, mas não o blindou contra as intrusões. É possível sintetizar os dez elementos constitutivos dessa identidade pentecostal:

1. Ênfase na espiritualidade e poder na vida dos crentes, nos cultos, os cânticos e nas pregações, expressos pela espontaneidade de falar "glória a Deus", "aleluias" e "línguas estranhas"; busca da vida espiritual cheia do Espírito e com a prática dos dons espirituais; 2. Resistência ao sistema mundano e afastamento das coisas do mundo expressos no rigorismo ético e nos usos e costumes; 3. Mudança social de seus adeptos pela transformação decorrente do evangelho; 4. Ênfase no derramamento do Espírito Santo sobre a igreja como um revestimento de poder (batismo no Espírito Santo) para a evangelização, diante da iminente volta de Jesus Cristo para arrebatar todos os salvos; 5. Abominação do pecado e ênfase na santificação do corpo, alma e espírito; 6. Ênfase no jejum e na oração coletiva em voz alta; 7. Forte identificação com os pobres, os sofredores e os marginalizados da sociedade, tornando-o um movimento popular; 8. Ênfase no sobrenatural por meio da cura divina e milagres; 9. Ênfase no sacerdócio universal dos crentes; 10. Ênfase na centralidade da Bíblia, tendo-a como Palavra escrita de Deus sob inspiração verbal e plenária.[57]

Fenômenos Pentecostais

Essas são sem dúvida alguma as marcas distintivas do Pentecostalismo e qualquer pentecostal deve ser inserido dentro desse contexto. Como pentecostal não posso duvidar da atualidade das operações do Espírito Santo, mas o que se questiona aqui são os excessos, modismos e desvios doutrinários que quase sempre tem desaguado no caudaloso rio das heresias. Em um artigo que escrevi para o periódico evangélico *Manual do Obreiro* (CPAD), e que foi intitulado de *Espiritualidade e Equilíbrio,* procurei deixar claro as diferenças entre o falso e o verdadeiro nas manifestações pentecostais. O meu enfoque foi mais sobre os fenômenos do "cair no Espírito" e o "riso santo". Posteriormente, esse artigo se tornou parte do verbete *Fenômenos Pentecostais* do Dicionário do Movimento Pentecostal.[58]

Mostrei que os fenômenos menos comuns como o falar em línguas e o profetizar, por exemplo, são encontrados na história da igreja desde os tempos anteriores ao Movimento Pentecostal e antes de o chamado "neopentecostalismo". Fenômenos espirituais aconteciam com frequência entre os primeiros pentecostais. Na verdade, esses fenômenos que faziam aflorar as emoções dos crentes não se limitavam aos avivamentos pentecostais, outros movimentos avivalistas experimentaram de forma diferente, mas com emoções semelhantes.

Durante a pregação de John Wesley, por exemplo, algo incomum acontecia. No seu diário, há vários casos relatados. Wesley registrou nele algo que ocorreu durante a sua pregação, em 25 de abril de 1739: "imediatamente um, depois outro e outro caíram no chão; eles caiam em toda parte, como atingidos por um raio". Em outra parte do seu diário, o pai do metodismo registrou: "Um, depois outro e mais outro foram lançados ao chão, tremendo excessivamente na presença do seu poder. Outros gritaram em voz alta e amargurada: o que devemos fazer para sermos salvos".[59]

Jonathan Edwards, por exemplo, ao falar do valor das emoções na religião diz que sua "regozijante surpresa fez com seus corações estivessem a ponto de dar um salto, de forma que se condicionaram a dar vazão a risadas, lágrimas, muitas vezes ao mesmo tempo, fluindo numa enxurrada, e em meio a um choro audível".[60] Edwards

ainda observa: "Embora haja falsas emoções na religião, e às vezes exaltadas, contudo, sem dúvida há também verdadeiras, santas e boas emoções; e quando estas são exaltadas, tanto melhor. E quando são exaltadas a uma altura extremamente elevada, não devem ser objeto de suspeita por causa do seu grau, mas, pelo contrário, devem ser estimadas".[61]

Por outro lado, Martin Lloyd-Jones, teólogo puritano, costumava dizer: "E assim temos esta curiosa, estranha mistura, de grande convicção de pecado e grande alegria, um grande senso de temor do Senhor, ações de graças e louvor. Sempre, num avivamento, há o que alguém definiu como uma divina desordem (...) Há ocasiões em que as pessoas estão tão convictas e sentem o poder do Espírito de tal forma que desmaiam e caem no chão, e tem até convulsões, convulsões físicas. E às vezes as pessoas parecem cair num estado de inconsciência, numa espécie de transe, e podem permanecer assim por horas".[62]

William W. Menzies, escritor de tradição pentecostal, destaca que "Nessas reuniões ardentes (dos pentecostais), não era raro uma pessoa — ou muitas — cair numa espécie de transe, às vezes agitando-se violentamente. 'Cair no Espírito' era também um fenômeno muito difundido".[63]

No seu diário o pastor Gunnar Vingren registrou os fatos ocorridos em um culto realizado no Estado do Pará, em 2 de maio de 1913. Nesse relato de Vingren percebe-se alguns termos já bastante conhecidos do vocabulário pentecostal moderno:

"Deus estava perto de nós no culto. Na oração, o Espírito Santo se manifestou poderosamente. Alguns *riam debaixo do poder*, outros falavam em línguas, outros profetizavam, e todos se alegraram muito. Nunca vi o poder de Deus derramado em um culto como hoje na Vila Correia. O Espírito Santo fez, Ele mesmo, por meio de uma irmã, o convite para os pecadores se converterem. Uma grande multidão se reuniu ao ver esta manifestação maravilhosa do poder de Deus. Também durante a pregação, as bênçãos de Deus caíam sobre os crentes. Aleluia!"[64]

Jack Deere e John White argumentam que o enfoque sobre esse assunto não deve ser, portanto, sobre a existência ou não desses fenômenos, mas na maneira como se reage a eles. Quando a prática vai a extremos então aparecem as bizarrices de um avivamento que se torna extravagante.[65]

Latido e Vômito "Santo"

Esse lado cinzento do avivamento foi retratado de uma forma magistral pelo teólogo presbiteriano Augustus Nicodemos Lopes. Ao comentar sobre o movimento neocarismático conhecido como "Benção de Toronto", Lopes destacou:

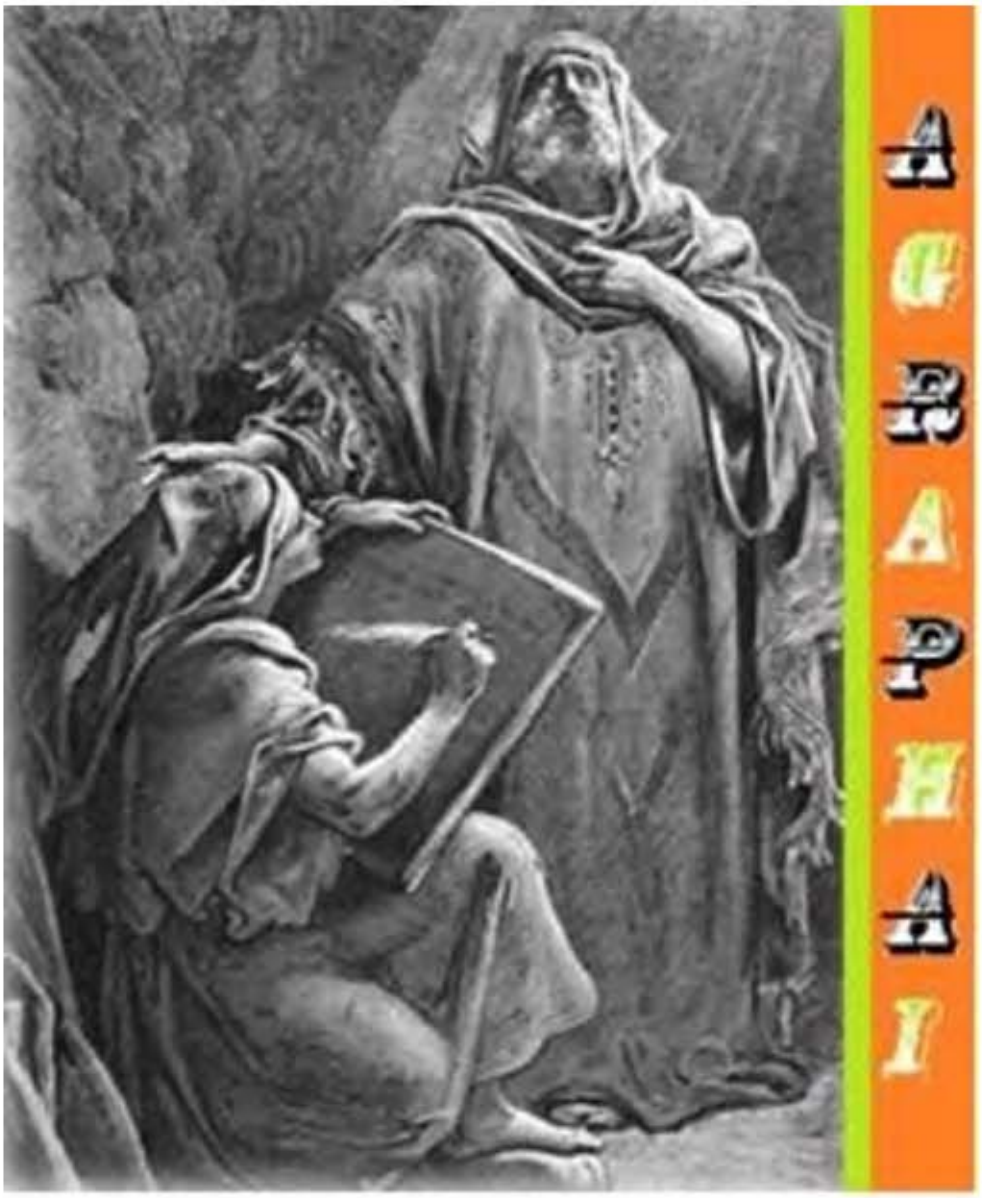
"Quando a igreja de Toronto começou, John Wimber foi lá e disse: 'Isso é uma obra do Espírito Santo'. Ele deu todo apoio a 'Benção de Toronto'. Ali se acrescentou alguma coisa ao 'riso santo' — o 'urro santo'. Aqueles crentes começaram não somente a rir, mas a berrar, a urrar, a grunhir e a latir. A justificativa dada, no caso dos que urravam como leão, é que o berro é o urro de indignação de Deus contra o pecado da igreja, porque no livro de Amós, Deus se apresenta como um leão, e, portanto, quando o Espírito vem sobre alguém, ele urra em indignação contra o pecado da igreja. Mas não se sabe a justificativa para o latido como cachorro. A coisa ficou tão feia, que John Wimber voltou lá, disse que o movimento não era mais do Espírito Santo e cortou a igreja de Toronto da comunhão com a sua, a igreja Vineyard. Ele teria dito: 'Tem hora que tenho de dizer um basta'. Um dos desdobramentos de Toronto foi o 'vômito santo'. De acordo com essa ideia, quando a pessoa está vomitando no Espírito, quer dizer que está expelindo, na linguagem deles, todos aqueles espíritos malignos, todos aqueles pecados e coisas que estavam neles."[66]

Fica evidente que isso se parece mais com uma anarquia espiritual do que um movimento do Espírito de Deus. A propósito, a Anarquia é um estado de não-governo. É viver sem regras e sem limites! A sociologia define um regime anárquico como:

> Uma rejeição da ideia de autoridade legitima, particularmente o direito que qualquer um tem de exigir a obediência do outro. A autonomia individual, concebi-

da moralmente, como foi por Godwin e Wolf (1970) exige que os indivíduos ajam de acordo com seus próprios juízos. Concebida de forma egoísta, como por Stirner (1845), essa ideia implica que "o ser único" que realmente "é dono de si mesmo" não reconhece nenhum dever para com os outros. Dentro dos limites de seu poder, ele faz o que é certo para ele mesmo.[67]

Nenhum movimento que se comporta dessa forma pode reivindicar ser de origem divina. Deus é um Deus de ordem (1 Co 14.40).



EM BRANCO

10

Da Bíblia à Experiência

Uma Fé Sensorial

O neocarismatismo contemporâneo é em extremo sensorial. Não é movido pela fé, mas por sentimentos. Já dissemos nesse livro que não há nada de errado com as emoções na esfera religiosa, mas quando essas emoções passam a se tornar um fim em si mesmo, então temos um grande problema. O que se observa é que o neocarismatismo vive em função das emoções e as procura da mesma forma que um atleta de *bung jump* busca adrenalina! O mais importante passa ser o "sentir" e não o "crer".

Neste contexto as experiências se tornam uma moeda valiosíssima e passam a ser buscada de uma forma frenética, não importando se são falsas ou verdadeiras! Essa é de fato uma área escorregadia, visto que muitos crentes não possuem conhecimento bíblico adequado, ficando dessa forma suscetíveis aos mais diversos traumas espirituais. Assisti a um vídeo no qual um pastor assembleiano abandonou a fé evangélica para se tornar católico, porque segundo ele, "Nossa Senhora de Portugal" lhe apareceu numa "visão". Naquela visão a "santa" profetizou para ele, e, segundo conta, tudo o que ela disse se cumpriu. A experiência valeu mais do que aquilo que a Bíblica diz sobre esse tipo de manifestação (2 Co 11.14).[68]

Profeta de Casa

Como crente pentecostal, participei de muitas orações feitas nos lares e pude desfrutar da doce presença do Senhor em muitas dessas reuniões. Mas logo me dei conta de que reuniões como aquelas precisavam da presença de alguém mais maduro e com conhecimento bíblico adequado, pois quase sempre os crentes se inclinavam para o lado do misticismo religioso. A tendência nessas reuniões é que alguém mais "espiritual" ou que demonstra possuir mais sensibilidade espiritual do que o restante se sobressaia e passe a ser o alvo das atenções. O caminho para os abusos espirituais fica aberto quando os crentes começam a orar a fim de receberem uma revelação ou profecia, esperando que Deus fale com eles. Alguns ficam, por exemplo, bem próximo do profeta ou profetisa e passam a orar: "Fala Deus". Presenciei mais de uma vez o profeta se render aos apelos e passar a distribuir profecias a granel! Não estou dizendo que não havia profecias verdadeiras nessas reuniões, pois às vezes o Senhor falava nessas reuniões de uma forma especial. Todavia, a porta para a anarquia espiritual ficava aberta por conta da falta de uma liderança treinada que soubesse canalizar as operações do Espírito de tal forma a mantê-las dentro do território bíblico.

Isso foi testemunhado ao longo da história pentecostal com os mais diferentes movimentos de avivamento. Sem fazer nenhum demérito a tais movimentos, contudo foi exatamente o apego exacerbado ao sobrenatural que fez muitos desses movimentos se tornarem heterodoxos e até mesmo heréticos. Estive fazendo uma estatística dentro do neocarismatismo e pude verificar que muitos abusos dos carismas, desvios doutrinários e até mesmo heresias estiveram presentes em muitos deles.

Anjo ou Demônio?

O movimento de cura divina que ocorreu nos Estados Unidos da América entre os anos de 1946 e 1948, e que teve como principal expoente William Branham, é um exemplo clássico. No início do seu ministério, Branham possuía livre trânsito entre os pentecostais americanos. Entretanto, o Ministério de William Branham está cercado de controvérsias. As posições menos radicalizadas procuram mostrar dois

momentos na vida desse pregador unicista e que se tornou um dos mais controvertidos nos Estados Unidos.

Para alguns, em um primeiro momento, Branham de fato estaria comprometido com a pregação bíblica. O pastor suíço Walter J. Hollenweger, renomado escritor pentecostal e que interpretou Branham em pregações, diz nunca ter presenciado um só caso em que as revelações sobre as vidas das pessoas que Branham teve fossem falsas. O *Dicionário do Movimento Pentecostal* destaca esse fato: "A exatidão de Branham é provada por Walter J. Hollenweger, que o interpretou em Zurique e 'não foi informado de nenhum caso em que ele errou em suas frequentes e detalhadas declarações".[69] Em uma de suas principais obras sobre a história do pentecostalismo, Hollenweger destaca que Branham "possuiu um extraordinário dom para diagnosticar e poderia identificar as doenças (às vezes até os nomes de pessoas) que ele nunca tinha visto".[70]

Branham, portanto, começou o seu ministério como um pregador da cura divina, contando ter recebido de um anjo a missão para curar os enfermos. John Walker destaca que Branham contava sobre a aparição desse ser angélico, dando detalhes dessa experiência.

Na visão ele percebeu que o anjo teria:

> Rosto liso, sem barba, cabelos pretos até os ombros, uma compleição mais para escura, um semblante agradável. Chegando mais perto seus olhos fixavam os meus. Vendo quão aterrorizado eu estava ele começou a falar: "Não temas. Fui enviado da presença de Deus Todo-Poderoso para lhe dizer que sua vida peculiar e seus caminhos mal-entendidos têm sido para indicar que Deus tem enviado você para levar um dom de cura divina para as pessoas do mundo. Se você for sincero e levar as pessoas a crerem em você, nada resistirá diante de sua oração, nem mesmo o câncer. [71]

Contudo, de acordo com outros analistas do pentecostalismo, em um segundo momento Branham teria se distanciado do ensino bíblico e passado a divulgar ensinos heterodoxos. John Walker, para quem Branham foi usado por Deus para introduzir um dos maiores moveres do Espírito Santo, teria se afastado do ensino bíblico quando "começou a fazer reivindicações exaltadas e absurdas a respeito de sua posição pessoal na economia divina dos eventos dos finais tempos. Ele arrumou um plano de sete épocas na história da igreja (baseado nas sete igrejas de Apocalipse 2 — 3), em que cada época tinha um men-

sageiro especial. O primeiro mensageiro foi o apóstolo Paulo. Entre os mensageiros posteriores estão Lutero e Wesley. E ao chegarmos à sétima e última época somos informados por Branham que ele mesmo é o mensageiro que introduzirá a segunda vinda de Cristo. Assim como João Batista veio no espírito de Elias para anunciar a primeira vinda, do mesmo modo William Branham seria o profeta do século XX que, com o Espírito de Elias (Ml 4.5), anunciaria a segunda vinda de Cristo. Ele chegou a predizer que o fim dos tempos ocorreria em 1977".[72]

Ainda fazendo parte do rol dos críticos do Branhamismo estão muitos apologistas. Para estes, Branham não passaria de um falso profeta! Kurt Koch, psiquiatra e exorcista, ficou convencido de que Branham não era um profeta de Deus. Koch procura demonstrar a razão dessa sua convicção:

> Este exemplo me foi relatado por um antigo intérprete de William Branham. Não me refiro ao pastor Hollenweger, mas a um pregador germano-americano que o acompanhou como seu primeiro intérprete. Certa noite, na hora da pregação, o aludido evangelista disse ao intérprete: "Não se coloque a minha direita. Aí se encontra o meu anjo." Ingenuamente, ele perguntou: "Que aparência tem o anjo?" O pregador descreveu-o como sendo um homem forte, de cabelos negros, que estava de pé a seu lado de braços cruzados. E ele teria que fazer tudo o que o anjo mandasse.

Às vezes este pregador chegava atrasado para a conferência. O intérprete pediu que ele viesse mais cedo, ao que ele respondeu: "Só posso vir quando o anjo me permite. O anjo me acompanha dia e noite. Tenho que fazer tudo o que ele me ordena, se não, não tenho autoridade para pregar. Nem na minha vida particular posso tomar minhas próprias decisões. Só posso sair quando o anjo me permite. Só posso receber as pessoas que o anjo me permite receber".

Posteriormente, esse interprete contou-me que, às vezes, o evangelista entrava em transe durante a pregação. Depois de falar, sentia-se esgotado. Seu filho tinha então que fazer-lhe massagens nas costas até que ele se recuperasse.

Se depois de uma reunião houvesse pessoas que buscavam a cura, o anjo era quem determinava quem receberia a imposição de mãos. O homem era apenas um escravo do seu anjo.

Certa ocasião o interprete lhe perguntou: "Você acredita que seu poder de curar seja um dom do Espírito Santo?" ao que ele respondeu: "Não, é obra do meu anjo".

Depois dessas revelações este intérprete deixou de acompanhá-lo. Ele me disse: "Se eu soubesse antes do que se tratava, nunca teria me apresentado como intérprete".[73]

Essas são palavras carregadas de argumentos bem fundamentados e servem para constatarmos o quanto é perigoso buscarmos experiências sensoriais. O exemplo de Branham é emblemático porque nos permite concluir que não podemos, por exemplo, validar uma experiência com o simples argumento de que a mesma é sobrenatural. Nem tudo o que é sobrenatural é bíblico.

Chuva de Verão

Outro reavivamento que abalou os Estados Unidos logo após a segunda guerra mundial foi movimento intitulado de "Chuva Serôdia". Este foi um movimento que enfatizou o sobrenatural e a segunda vinda de Cristo. Demonstrava desprezo pelo formalismo religioso e um grande entusiasmo pela presença de Deus, esperando que ele enviasse a chuva serôdia sobre a igreja. Os pontos positivos desse movimento podem ser destacados:

1 - Ênfase nos ministérios quíntuplos de Efésios 4 como fundamentais à igreja.

2 - A visão da igreja como organismo e organização.

3 - A crença de que a igreja deve estar preparada para o arrebatamento e segunda vinda de Cristo.

No entanto, esse movimento apesar de seu forte fervor espiritual, apresentou alguns problemas graves de ordem doutrinária:

a) Insurgindo-se contra o legalismo das igrejas pentecostais clássicas, o movimento passou a pregar "Graça e Liberdade". Contudo a liberdade transformou-se em libertinagem, pois se converteu em imoralidade e pecado.

b) Enfatizou os dons, mas se esqueceu da cruz. Esse fato fez com que os dons espirituais fossem supervalorizados e o discipulado esqueci-

do. Tornou-se um evangelho sensorial. E a consequência foi o aparecimento de heresias grosseiras como, por exemplo, a que ensinava o casamento espiritual. Se um crente passa a sentir afinidade com uma outra pessoa, então ele poderia divorciar-se de sua mulher para casar com aquela outra.

Em 1948 as Assembleias de Deus Canadense emitiram a seguinte nota:

"A história da igreja demonstra que, se qualquer grupo de cristãos rejeita o ensino correto do enchimento do Espírito e suas operações, certamente a esterilidade virá como resultado. Por outro lado, se houver uma ênfase exagerada no Espírito e seus dons em detrimento da pessoa de Jesus Cristo e de sua obra consumada no Calvário, e justificação pela fé e mais nada, o resultado será declínio, emocionalismo desequilibrado e fanatismo. Se a revelação da cruz e graça de Deus dada ao apóstolo Paulo é deixada de lado, mais cedo ou mais tarde o inimigo entrará em cena".[74]

A Bíblia Julga a Experiência

Não há como negar que o movimento pentecostal como um todo dá forte ênfase à experiência, mas destacar a experiência com Deus não é o mesmo que colocá-la acima das Escrituras. O problema com o pentecostalismo carismático é que nele a experiência é posta em pé de igualdade com a Bíblia. Nesse particular há um paralelismo com o catolicismo, sendo que este último no lugar da experiência põe a tradição.

Já vi por mais de uma vez irmãos citarem visões que alguém teve para fundamentar um argumento. Nesses casos somente o testemunho bíblico parece demonstrar ser insuficiente. A experiência deve ser subordinada ao julgamento bíblico e não o contrário. Jamais a experiência pode se sobressair aos ensinos das Escrituras. John Wimber, por exemplo, com o movimento "Terceira Onda" destacou a importância do lado experimental da vida cristã, e nisso ele não estava errado. Entretanto se equivocou quando inverteu o axioma: "A Bíblia Interpreta a Experiência" para "A Experiência Interpreta a Bíblia".

Para Wimber:

Algumas verdades da Bíblia só podemos compreender depois de certas experiências. Comprovei isso em minha própria experiência. Quando eu não tinha sido

curado, não podia entender muitas passagens da Bíblia sobre cura, como agora. Desta maneira, Deus usa nossas experiências para nos dar uma melhor compreensão do que as Escrituras ensinam.[75]

É evidente que ao experimentarmos determinada prática mostrada nas Escrituras, seja uma cura seja um livramento, passamos a ter uma maior compreensão da dimensão dessa experiência que ocorreu conosco. Contudo isso está longe de dizer que agora estamos mais capacitados para interpretar a Bíblia. Por exemplo, quando falei em línguas desconhecidas pela primeira vez, passei a ter uma maior compreensão da dimensão dessa experiência na minha vida, mas antes de tê-la eu primeiramente procurei saber se a mesma era de fato uma experiência bíblica. A Bíblia foi o meu ponto de partida e não a minha experiência. Primeiramente descobri na Bíblia a sua existência e que a mesma era para os dias atuais e somente depois disso passei a almejá-la. O entendimento da Escritura vem através da iluminação do Espírito Santo e pode ser dado a qualquer crente, quer tenha vivido uma experiência ou não.

Não está errado Wemerson Marinho quando acusa os neopentecostais de fundamentarem suas vidas em experiências e não unicamente na Bíblia.

"Os neopentecostais afirmam que a Bíblia é a Palavra de Deus, e nós concordamos. Mas para eles, a palavra dos 'profetas', dos 'visionários', também é a Palavra de Deus. E por isso, baseiam suas vidas e suas doutrinas também em visões, "novas revelações" e em experiências místicas."[76]

Percepção Espiritual

Quando me referi ao movimento montanista, citei o teólogo Paul Tillich. Na sua análise sobre a reação da igreja institucional contra o movimento montanista, Tillich destacou que naquele caso:

"O cânon venceu sobre a possibilidade de novas revelações. A solução do quarto evangelho de que sempre haveria novas percepções da verdade, sob a crítica do Cristo, foi, pelo menos, reduzida em poder e sentido".

Como pentecostais não podemos negar a possibilidade de termos novas percepções das coisas de Deus, todavia as mesmas devem se submeter ao crivo da Escritura. Esta é outra forma de dizer que a Escritura interpreta a experiência. Ainda consigo me

lembrar com detalhes uma experiência que tive há muitos anos. Eu me encontrava na casa de uma irmã, membro da igreja, de nome Teresinha. Naquela visita informal após trocar algumas palavras, procurei me despedir para seguir o meu caminho. Foi então que ela me convidou para orarmos antes. Quando começamos a orar eu tive a clara percepção de está vendo em minha frente uma grande porta trancada por dentro com uma tramela. Percebi que alguém fazia um esforço enorme para abri-la, mas até aquele momento seus esforços eram em vão. Isso ocorreu em segundos. A minha percepção era que alguém estava tendo enormes dificuldades para solucionar um problema. Quando aquela irmã terminou a oração, que não demorou mais de um minuto, eu passei a relatar o que tinha visto. Sem titubear, aquela irmã disse: "É a aposentadoria do Chagas que deu problemas". Contou-me que já há algum tempo vinha orando para que um processo de seu marido, Francisco das Chagas, junto ao INSS pudesse ser resolvido, mas até aquele dia todas as respostas haviam sido negativas. Oramos então por aquela causa pedindo ao Senhor que interferisse e solucionasse aquela problema. Não muitos dias depois desse acontecido ela me comunicou que tudo fora resolvido.

Uma Igreja Modelo

Em meio a um cristianismo sensorial, que modelos devemos seguir? Paulo ao escrever sua primeira carta à igreja de Tessalônica se referiu a seus membros como "modelos". "De maneira que fostes exemplo para todos os fiés na Macedônia e na Acaia" (1 Ts 1.7).

A palavra *modelo* é a tradução do termo grego *typos*, e segundo Strong significa: *exemplo a ser seguido.* Para Paulo aqueles crentes eram um modelo a ser imitado. É, pois, possível encontrar nas palavras do apóstolo endereçada a essa igreja as características de uma igreja modelo.

1. *Uma igreja modelo deve ser equilibrada* — "Porque o nosso evangelho não foi a vós tão-somente em palavra, mas também em poder, e no Espírito Santo" (1 Ts 1.5).

Uma igreja modelo possui como fundamento a Palavra e o Espírito. Somente o Espírito sem a Palavra de Deus incorre-se em fanatismo. Entretanto a Palavra sem o Espírito não passa de ortodoxia morta. O correto é termos o equilíbrio entre a Palavra e o Espírito. O principal problema do pentecostalismo contemporâneo é essa falta de equilíbrio entre a Palavra e o Espírito. Como vimos, um carismatismo sem fundamento bíblico transforma-se em desvios, modismos, inovações e desvios doutrinários evoluindo para doutrinas heréticas.

2. *Uma igreja modelo é resignada* — "Recebendo a palavra em muita tribulação" (1 Ts 1.6).

Tessalônica era uma cidade portuária e próspera. Possuía localização geográfica privilegiada, sendo situada no golfo termaico. Foi governada por sete magistrados sendo que em 146 a.C foi sede de governadores romanos. Paulo esteve nessa cidade na sua segunda viagem missionário por volta do ano 50 d.C e cerca de 18 meses depois endereçou-lhes sua primeira carta.

Contudo, quando os habitantes dessa próspera cidade se converteram ao evangelho passaram a ser perseguidos. Foram atribulados por professarem sua fé no Senhor Jesus Cristo. A palavra grega *thlipsis,* traduzida como tribulação mantém o sentido de *aflição e angústia.* Em Tessalônica os crentes experimentaram angústia por causa do evangelho, mas Paulo os elogia porque souberam suportar. Isso, portanto, é bem diferente desse evangelho mercadológico pregado por neocarismáticos que ensinam que o crente não precisa mais sofrer. É um evangelho água com açúcar! Nada em rios de dinheiro e esbanja da miséria.

3. *Uma igreja modelo é feliz* — "...Com gozo do Espírito Santo" (1 Ts 1.6).

Uma igreja verdadeiramente pentecostal é feliz! A palavra grega *chara,* traduzida aqui como feliz, significa também *satisfação.* Uma igreja modelo é satisfeita. Satisfeita em tudo! Eram felizes porque encontraram a razão de sua existência e muito mais do que isso, a salvação de sua alma. Cristo nos faz feliz e realizado. É por isso que Paulo os exorta dizendo: Regozijai-vos sempre (1 Ts 5.16).

4. *Uma igreja modelo tem testemunho* — "Porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na Macedônia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou" (1 Ts 1.8).

Já falamos nesse livro de um pentecostalismo afônico, sem voz alguma e que por isso não consegue ser ouvido. Aqui vemos o contrário, percebemos crentes que graças ao seu testemunho estavam sendo ouvido a grandes distâncias. A palavra deles possui eco! A palavra grega *execheomai,* traduzida aqui como *repercutir,* significa *ressoar.* Somente quem possui testemunho pode fazer ressoar a sua voz.

5. *Uma igreja modelo não necessita de acessórios* — "A tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma" (1 Ts 1.8).

Essa era, de fato, uma igreja modelo porque Paulo testemunha da eficácia do evangelho entre eles. Somente a Palavra de Deus fora suficiente para fundamentá-los, nada de penduricalhos. Nada de experiências ex-bíblicas para validar alguma prática.

6. *Uma igreja modelo não possui ídolos* —"Vos convertestes dos ídolos" (1 Ts 1.9).

Em uma outra parte desse livro já fizemos referências aos ídolos. Aqui novamente encontramos a Escritura afirmando que esses crentes abandonaram seus ídolos. Nunca seremos modelos se abrigarmos algum ídolo dentro do coração. Os estudiosos do neopentecostalismo são tendentes a endeusarem alguém que se sobressai ou é mais sensível as manifestações carismáticas. Os sociólogos veem como características desses grupos uma forte liderança carismática. Na verdade, o "homem de Deus" passa a pousar de messias. É um ídolo como qualquer outro.

7. *Uma igreja modelo possui visão escatológica* — "e para aguardardes dos céus o seu Filho" (1 Ts 1.7).

Uma igreja modelo é escatológica, isto é, não deposita suas esperanças nas coisas terrenas. Ela aguarda a bendita esperança da vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

É assim que Deus quer que sejamos, modelos.

APÊNDICE A

Avivalistas da segunda bênção: A forma como os tradicionais A. B. Simpson, D. L. Moody e R. A. Torrey influenciaram positivamente o pentecostalismo

A expressão "Segunda Bênção" é por demais conhecida no vocabulário pentecostal. De fato, ela foi tomada como sinonímia para batismo no Espírito Santo. Mas um dado de relevância histórica, que deve ser observado, é que essa expressão já fora cunhada antes mesmo do advento do pentecostalismo. É justamente nesse contexto, que aparecem as figuras daqueles que seriam conhecidos como os "Avivalistas da Segunda Bênção", Moody, Simpson e Torrey.

A fim de entendermos a importância desses três ícones do protestantismo histórico para o pentecostalismo primitivo, faz-se necessário recuarmos no tempo e buscarmos os fundamentos doutrinários lançados por eles, os quais serviram de sustentação ao movimento pentecostal na sua fase embrionária.

O *Almanaque Abril* destaca que "por causa de sua grande ascensão em todo o mundo no século 20, o fenômeno (pentecostalismo) já é considerado por alguns a maior revolução do cristianismo depois de Lutero. Com um século de notória existência, o pentecostalismo firmou-se como um movimento com legitimidade dentro do cristianis-

mo histórico. A odisseia desse extraordinário movimento do Espírito encontra-se fortemente documentada nas páginas da Bíblia e da História da Igreja".

Uma cristã de nome "Agnes Ozman assegurou um lugar na história pentecostal quando se tornou a primeira pessoa a falar em línguas na escola de Charles Parham, em Topeka, Kansas", diz E. L. Blumhofer num verbete bibliográfico na obra *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movemnts*. Blumhofer ainda sublinha que: "Após a experiência de línguas de Ozman em 1901, ela retornou para um trabalho missionário na cidade. Em Lincoln, em 1906, ela ouviu acerca do pentecostalismo, relatou sua experiência primitiva, e identificou-a com o movimento emergente".

Os pentecostais destacam, em sua história, que os nomes da Escola Bíblica Betel, em Topeka e da Rua Azusa, em Los Angeles, no Estado da Califórnia (EUA) são tidos como os endereços onde se registram o advento do pentecostalismo moderno, no início do século 20. No entanto, esses mesmos historiadores têm enfatizado que as raízes desse movimento encontram-se solidamente fixadas no protestantismo histórico, herdeiro da grande Reforma Protestante.

Um Tição Tirado do Fogo

Um dos maiores movimentos de reavivamento da igreja protestante foi aquele promovido pelos irmãos Wesley, na Inglaterra do século 18. É interessante entendermos o reavivamento Wesleyano para que possamos ter uma melhor compreensão do pentecostalismo, pois como observa o historiador Luis de Castro Campos Jr., em seu livro *Pentecostalismo — sentidos da palavra divina,* que esse movimento teve origem nas doutrinas de John Wesley.

John Wesley, fundador da Igreja Metodista, nasceu na Inglaterra em 1703 e morreu em 1791. A partir da dramática experiência de sua conversão no dia 24 de maio de 1738 (ao ler o prefácio de um comentário de Lutero sobre a Epístola aos Romanos), Wesley teve sua vida e ministério transformados. Ele observou que a Igreja Anglicana da qual fazia parte caíra num ritualismo morto em razão de seu forte sistema hierárquico e centralizado a distanciando das massas.

Campos Jr. destaca que Wesley renunciou ao clericalismo anglicano permitindo "a participação de pregadores leigos, tal como Nelson, um pedreiro". Para Wesley apenas ritos não produziam transformação nem santificação na vida das pessoas. O enciclopedista Norman R. Champlin diz que ele "não tinha paciência com coisas secundárias, como mediação sacerdotal e os mágicos efeitos dos sacramentos. Antes, exortava os homens a terem experiência pessoal com Jesus Cristo".

O Movimento Holiness

Por ocasião de sua viagem missionária aos Estados Unidos da América, Wesley teve contato com cristãos piedosos que o despertaram para os efeitos espirituais de uma vida mais profunda. A doutrina bíblica da santificação do crente, esquecida ou não enfatizada pela igreja de seus dias, encontrou em Wesley um ardoroso defensor.

A santificação do crente como um outro estágio da vida espiritual e posterior à conversão enfatizada por Wesley, foi a grande bandeira levantada por avivalistas do século 19. A esse respeito observa Luís Castro Campos Jr.: "A preocupação com a 'santificação' foi passando de movimento a movimento, avançando no tempo, e chegando aos grupos pentecostais, originando sua doutrina básica: o batismo do Espírito Santo".

Essa busca por uma vida mais pura, uma herança do metodismo wesleyano, foi difundida pelos avivalistas da santidade, também denominados de *holiness*. "Pouco depois da Guerra Civil norte americana, na segunda metade do século 19", observa o escritor Joe Terry, foi formado um movimento chamado Movimento Nacional da Santidade, o qual incorporava acampamentos e reavivamentos frequentes que faziam constantes as atividades desses grupos. Ainda sobre o movimento *holiness*, o pastor Joe Terry destaca ainda que "em torno de 1880 os membros pobres queixaram-se de que a religião do coração, como era conhecido o metodismo, estava desaparecendo. Grupos surgiram nas Igrejas Metodistas e 'Metodistas Episcopais', chamados *holiness*, que queriam uma volta aos princípios de Wesley".

"A doutrina da perfeição acentuada por ele tinha pouco efeito, segundo eles, na maioria das Igrejas Metodistas." A pregação *holinnes* tor-

nou a por em destaque a necessidade de o crente possuir uma vida mais profunda com Deus. Nesse novo contexto doutrinário, uma vida mais santa surgia com força como uma segunda bênção ou segunda obra da graça, enquanto a justificação aparecia como a primeira.

O Movimento da Santidade preparou o protestantismo norte-americano para o advento do pentecostalismo. O historiador pentecostal Gary B. McGeel sublinha que o pentecostalismo "surgiu do Movimento da Santidade do século 19. A formulação do Evangelho integral, o zelo pela evangelização do mundo nos últimos dias e a oração intensiva pelo derramamento do Espírito Santo precipitaram os reavivamentos em Topeka, Los Angeles e os muitos que surgiram".

O pentecostalismo, portanto, não surgiu do nada, mas há todo um contexto histórico-teológico no qual a pregação dos avivalistas da segunda bênção ocupou um papel central. É dentro desse contexto que as figuras dos três mais importantes avivalistas da segunda bênção são peças-chave para se entender o pentecostalismo. A propósito, Paulo Romeiro destaca em seu livro *Decepcionados com a Graça,* que "a ênfase na perfeição cristã ou na inteira santificação, ensinadas por Wesley, mais tarde receberiam outros nomes: 'Segunda Bênção' e 'Revestimento de Poder', por exemplo.

O termo batismo no Espírito Santo passaria a ser usado por alguns grupos posteriormente. Outros líderes e denominações na América do Norte seriam influenciados pelos mesmos ensinos e se encarregariam de disseminá-los. Entre estes destacaram-se Charles G. Finney, Dwight L. Moody, A. B. Simpson, Andrew Murray e R. A. Torrey".

A. B. SIMPSON

Albert Benjamim Simpson (1843-19191) foi classificado como proto-pentecostal por causa da afinidade que sua doutrina teve com o movimento emergente da Rua Azusa. De acordo com a obra *The New international Dictionary of pentecostal and Charismatic Moviments*, Simpson foi o fundador da Aliança Bíblica Missionária e pastor presbiteriano que apascentou diversas igrejas. Em 1881, ele deixou o pastorado da igreja da cidade de Nova York para dirigir um trabalho independente, onde Simpson tinha pretensão de alcançar as massas sem igreja.

O trabalho de Simpson seria amplamente conhecido por meio do termo "Evangelho Quadrangular", no qual Cristo é visto como Salvador, Santificador, Médico e Rei. Cada um desses termos são explicados com detalhes em sua obra *As Quatro Dimensões do Evangelho*.

Os historiadores observam que ele foi identificado tanto como pregador, avivalista e um profeta da santidade que proclamava a necessidade de se viver uma vida mais profunda. Contudo, a obra de Simpson não pode ser vista apenas por esse ângulo. Ele também foi um grande fomentador das missões mundiais, escatólogo e teólogo. É um fato que a teologia pentecostal bebeu muito da fonte de Simpson.

C. Nienkirchen observa que a continuidade ideológica entre as doutrinas de Simpson e aquelas esposadas pelos pentecostais podem ser estabelecidas em vários pontos:

1. Sua interpretação restauracionista da evolução da história da Igreja, desde a Reforma Protestante, salienta a convicção de que a presente Era se conclui com os dias das "últimas chuvas". Por isso necessitaria ser acompanhada por manifestações sobrenaturais do Espírito Santo, tais como línguas, milagres e profecias remanescentes da "chuva primitiva" no pentecostes (At 2). Nienkirchen ainda observa que Simpson exortou os crentes a orar por aquelas evidências especiais do poder divino típicas dos avivamentos passados.
2. Simpson se opôs à noção dispensacional de que os dons do Espírito Santo tinham cessado com o fim da era apostólica. Com base em João 2 e 1 Coríntios 12, ele entendeu que os dons espirituais teriam continuidade até a Segunda Vinda de Cristo. Nienkirchen ressalta que ao tomar conhecimento dos fenômenos desencadeados na rua Azusa, em 1906, ele reconheceu o valor das línguas na Igreja como "uma expressão de elevado sentimento espiritual e intenso mover do coração". Mas estava consciente do lugar que as línguas ocuparam na teologia paulina. Para Simpson, Paulo havia colocado esse dom em último lugar por causa dos abusos no seu exercício. Para o fundadores da Aliança Bíblica Missionária, as línguas poderiam ser conhecidas ou desconhecidas, mas não possuíam um papel evangelístico para os novos pagãos, como criam

muitos pentecostais. A sua posição com respeito ao fenômeno da *glossolalia*, conforme ele mesmo escreveu, era: "Este dom é um entre muitos, e é dado a alguns para benefício de todos". Assim, a atitude para com o dom de línguas a ser adotada pelo pastor e pela congregação deve ser: "não busquem, não proíbam".

3. Como os pentecostais que o seguiram, Simpson estava preparado para usar o padrão da vida espiritual retratada em Atos dos Apóstolos como norma de existencial pela qual a fraqueza da igreja do seu tempo deveria ser medida. Com sua abertura para uma teologia onde o sobrenatural tinha seu lugar, ele queria com isso se precaver do formalismo que tomara conta das igrejas.

A doutrina pentecostal fundamentada fortemente nas narrativas de Atos já fora prenunciada por Simpson. Os discípulos em Samaria (At 19) davam a ele a sustentação de sua doutrina dos dois passos para o início da vida cristã — a regeneração e o enchimento do Espírito Santo.

A obra *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements* observa que posteriormente ele escreveria: "Nascidos no Espírito, nós também devemos ser batizados com o Espírito Santo, e logo viver a vida de Cristo e repetir a sua obra. Deve ser destacado aqui que embora os pentecostais tenham bebido muito da teologia de Simpson, ele mesmo rejeitava a doutrina pentecostal da evidência inicial. Todavia o corpo doutrinário de Simpson testemunha uniformemente para a sua concepção do batismo no Espírito como ocorrendo subsequentemente à regeneração. Iniciado pela leitura de *A vida Cristã profunda* (1858) de W. E. Bordman, Simpson recebeu o batismo no Espírito Santo em 1874, durante seu segundo pastoreio em Louisville, Kentuchy (EUA).

Na teologia de Simpson, observa-se que ele se referia à doutrina da Segunda Bênção de uma forma variada. Era uma "Segunda Bênção", mas também foi uma "Crise de Santificação", ou "A unção", "Selo", "Enchimento do Espírito" ou ainda "Cristo no Interior".

Por último, deve ser destacado que apesar da grande influência que a teologia de Simpson incidiu ao pentecostalismo, o próprio Simpson fez pesadas críticas ao movimento pentecostal. Em um documento en-

viado à CMA, em 1908, ele acusou a doutrina pentecostal de focalizar as manifestações espirituais em detrimento de uma vida devocional mais profunda com Deus e reduzir o zelo evangelístico da Igreja.

D. L. MOODY

Dwight L. Moody (1837-1899) foi, sem dúvida alguma, o maior evangelista do século 19. No livro *Os 100 Acontecimentos Mais Importantes da História do Cristianismo*, Moody ocupa um lugar de destaque. Moody foi um evangelista que não teve educação formal. Só frequentou a escola de uma forma regular por um período de uns quatro a cinco anos. Mas a sua determinação em conquistar seus objetivos fez com que superasse sua carência. De família pobre, teve que se dedicar ao trabalho muito cedo. Esse fato seria agravado com a morte de seu pai. Ainda adolescente, deixou o convívio familiar para se aventurar na vida.

Não sendo muito qualificado Moody não conseguiu o emprego que desejava, tendo que trabalhar com um tio em comércio de sapatos. Embora tenha sido catequizado ainda muito cedo por sua mãe, logo se esqueceria daquelas preciosas lições dadas por sua genitora. O encontro dele com o evangelho de uma forma mais consistente aconteceu quando passou a frequentar uma igreja e a ser visitado por um professor da Escola Dominical. Foi esse professor que causou um impacto profundo na vida de Moody. De fato, Steve Miller em seu livro *Liderança Espiritual Segundo Moody,* destaca que ele testemunhou: "quando eu estava em Boston, costumava frequentar a Escola Dominical e, certo dia, lembro-me de que meu professor foi até a loja onde eu trabalhava, colocou o braço sobre meus ombros e falou-me de Cristo e da minha alma. Até então, eu não sabia que tinha alma, por isso disse a mim mesmo: É muito estranho. Aqui está um homem que me conhece a tão pouco e chora pelos meus pecados, e eu nunca derramei uma lágrima por ele (...) Pouco tempo depois desse fato passei a fazer parte do Reino de Deus".

Em 1873, Moody em companhia de Ira David Sankey, famoso cantor evangélico, rumara para as ilhas Britânicas onde promoveram poderosas cruzadas evangelísticas. A notícia do enorme sucesso obtido por Moody na terra da rainha logo chegou aos Estados Unidos.

Harold H. Fischer em seu livro *Avivamentos que Avivam* destaca que "após a sua volta, eram assediados por todos os lados por pedidos para realizações de trabalhos. Fez uma campanha no Brooklim na qual a assistência atingiu mais de 5 mil pessoas, e dentro de pouco tempo depois 2 mil pessoas estavam convertidas. A grande e antiga estação ferroviária Pensilvânia, na Filadélfia, foi preparada com assentos para 10 mil pessoas, e apesar do tempo chuvoso, o salão ficou quase lotado na primeira noite. A assistência foi boa, os cultos eram úteis e o número de convertidos foi avaliado em 4 mil.

Todo esse enorme êxito que Moody obteve em seu trabalho evangelístico é atribuído à sua estreita comunhão com o Espírito Santo. Steve Miller observa que R. A. Torrey, amigo de Moody e companheiro por muitos anos, testemunharia mais tarde que: "Muitos perguntaram: Qual é o segredo do sucesso desse homem? É uma curiosidade muito natural. Ele tinha poder. Mas onde ele conseguiu esse estranho poder para conquistar a afeição e a decisão dos homens? Ele soube e nós também podemos saber. Era a unção do Espírito Santo".

Para Moody a experiência com o Espírito Santo era um fato bem definido. Ele também fazia parte da escola dos avivalistas da Segunda Bênção. Steve Miller observa que às vezes nem sempre a doutrina pneumatológica de Moody é entendida, o que tem levado alguns erroneamente a pensar que ele defendia uma segunda experiência de conversão. As próprias palavras de Moody, no entanto, lançam luz sobre a sua doutrina acerca da Terceira Pessoa da Trindade. "Há uma diferença", disse, "entre ser morada do Espírito Santo e se deixar encher de poder por Ele. O verdadeiro filho de Deus, lavado pelo sangue de Cristo, é o templo ou morada do Espírito Santo. No entanto, o indivíduo pode não ter a plenitude desse poder".

Ainda segundo Miller, Moody testemunha que foi em 1871, quando se encontrava na cidade de Nova York, que ele pediu e recebeu a Segunda Bênção: "O tempo todo eu clamava para que Deus me enchesse com o seu Espírito. Então, certo dia, na cidade de Nova York (...) Ah! Que dia! Sou incapaz de descrevê-lo. Raramente falo sobre ele; foi uma experiência sagrada demais para ser mencionada (...). Posso apenas dizer que Deus se revelou a mim e experimentei de tal forma o seu amor e

precisei rogar-lhe que retirasse de mim a sua mão. Fui pregar outra vez. Os sermões não foram diferentes; eu não apresentei nenhuma verdade inédita, mas, ainda assim, centenas converteram-se. Não quero voltar a viver como eu viva antes daquela experiência abençoada, nem que me oferecessem o mundo inteiro — ela seria como um grão de areia no oceano (...) há dois períodos bem distintos em minha vida. O primeiro, entre os meses de vida e os 18 e 19 anos, quando nasci do Espírito (...) A maior bênção depois do segundo nascimento aconteceu 16 anos depois, quando recebi a plenitude do Espírito".

Não há registro que nos permita assegurar que o sinal que o grande evangelista tenha recebido como prova do recebimento da segunda bênção tenha sido o falar em línguas, mas há registros confiáveis que nos asseguram que o dom pentecostal era conhecido por meio de sua pregação.

R. Boyd, um pastor batista e amigo de D. L. Moody, escreveu em 1875 em seu livro *Provas e Triunfos da fé*. "Quando cheguei ao Vitória Hall Londres, encontrei a assembleia ardendo em línguas e profetizando. Qual seria a explicação de tão estranho acontecimento? Somente que Moody os estava dirigindo naquela tarde". Este fato permitiu John White afirmar em seu livro *Quando o Espírito Vem Com Poder,* que "num certo sentido Moody poderia ser classificado como um pregador pré-pentecostal, embora as línguas não possam ser ditas como algo que caracterizou os seus cultos de avivamento. Esse evento, entretanto, indica que a *glossolalia* às vezes acompanhava a sua pregação".

R. A. TORREY

Reuben A. Torrey foi um fiel colaborador de D. L. Moody, trabalhando ao seu lado até a sua morte. Harold H. Fischer observa que Moody nomeou Torrey em 1890 como diretor de seu Instituto de Instrução Bíblica, posteriormente denominado de Instituto Bíblico Moody, na cidade de Chicago. Fischer lembra que Torrey encorajava constantemente o espírito avivalista na congregação. Sendo um homem que cria fervorosamente na oração, ele insistia com o povo a que se entregasse a ela e suplicasse que Deus enviasse o seu Espírito para avivar a sua obra no mundo. Logo, se tornaria conhecido como poderoso pregador do

evangelho. Há registros de que Torrey tenha promovido uma reunião de oração por um período de um ano no Instituto Bíblico com o propósito de clamar pelo avivamento.

Torrey foi um poderoso teólogo. As suas obras teriam uma grande influência na formação doutrinária do pentecostalismo clássico. Ele está inserido no contexto dos pregadores restauracionistas. William W. Menzies destaca em seu livro *No Poder do Espírito,* que D. L. Moody, R. A. Torrey, A. B. Simpson e uma plateia de outros grandes líderes de reuniões públicas, quase sempre de diversas linhas denominacionais, chamavam as pessoas ao arrependimento e ao *Evangelho à moda antiga.* Apesar de ele ter deixado um grande legado para a Doutrina Pentecostal, Torrey fez duras críticas ao movimento emergente. Em um de seus textos, chegou a acusar o pentecostalismo de "ter sido fundado por um sodomita". Mas a sua crença no batismo no Espírito Santo, como sendo uma experiência subsequente ao processo de regeneração serviria como fundamento teológico para os primeiros pentecostais.

A sua obra *O Batismo no Espírito Santo*, escrita em 1895, tornou-se suporte para a crença pentecostal na doutrina que colocava o batismo no Espírito Santo como uma experiência distinta da regeneração, uma Segunda Bênção. De fato, L. Lovett observa que este livro encontrou caminho nos corações de muitos líderes *holiness*, que posteriormente tornou-se proeminente no desenvolvimento do movimento pentecostal.

Nesse livro, Torrey faz uma poderosa apologia sobre a doutrina do batismo no Espírito Santo como sendo uma segunda bênção distinta da salvação.

Na página 5 ele afirma: "O batismo no Espírito Santo é uma operação do Espírito Santo, separada e distinta de sua obra regeneradora". Em seguida, ele justifica a sua crença: "Ser regenerado pelo Espírito Santo é uma coisa, e ser batizado é algo totalmente diferente. É uma outra coisa". Isso está claro em Atos 1.5, onde Jesus disse: "Sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias". Até então, ainda não haviam sido "batizados com o Espírito Santo". Mas já eram homens regenerados. O próprio Senhor Jesus afirmara isso.

Em João 15.3, ele dissera aos mesmos homens: "Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado" (compare com Tiago 1.18 e 1

Pedro 1.23). E em João 13.10: "Ora, vós estais limpos, mas nem todos", deixando fora, com a expressão "mas nem todos", o único homem não-regenerado do grupo apostólico que era Judas Iscariotes (ver Jo 13.11). Assim sendo, os apóstolos, com exceção de Judas Iscariotes, eram homens regenerados, sem serem ainda "batizados com o Espírito Santo".

Pelo exposto, torna-se claro que a regeneração é uma coisa e que o batismo com o Espírito Santo é diferente. Uma pessoa pode ser regenerada, e ainda não ter sido batizada com o Espírito Santo. A mesma coisa é evidente em Atos 8.12-16. Encontramos aqui um grupo de crentes já batizados. Não há dúvida de que, naquele grupo de crentes batizados, havia alguns regenerados. Mas o registro informa que quando Pedro e João desceram "oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (porquanto não havia descido sobre nenhum deles)".

É claro, portanto, que alguém pode ser crente, pode ser homem regenerado, contudo, não ter ainda o batismo no Espírito Santo. Em outras palavras, o batismo com Espírito Santo é algo distinto, e mais do que sua obra regeneradora. Nem todo crente regenerado tem o batismo com o Espírito Santo, embora, segundo veremos adiante, todo homem regenerado pode receber esse batismo. Quem já passou pela obra regeneradora do Espírito Santo, é salvo, todavia, não está preparado para o serviço do Senhor enquanto não tiver recebido o batismo no Espírito Santo.

Esta é a grande contribuição dos avivalistas da Segunda Bênção para o movimento pentecostal. Gary B. McGee observa que a "crença numa Segunda obra da graça não ficou confinada ao círculo metodista". (...) Embora a teologia da Reforma haja identificado o batismo no Espírito com a conversão, alguns avivalistas dentro dessa tradição aceitavam o conceito de uma Segunda obra da graça para revestir os cristãos com poder do alto. Entre eles, se encontravam Dwight L. Moody e R. A. Torrey. Apesar desse revestimento de poder, acreditavam que a santificação mantinha-se em sua obra progressiva. Outro personagem chave, um ex-presbiteriano, A. B. Simpson, fundador da Aliança Cristã Missionária, cuja forma de pensar teve grande impacto na formação doutrinária da Assembleia de Deus, enfatizava nitidamente o batismo no Espírito Santo.

O pentecostalismo apareceu na "plenitude dos tempos" e estes três "gigantes", representantes do protestantismo histórico, foram usados por Deus para darem a devida sustentação doutrinária.

APÊNDICE B

Glossolalia — o Falar em Línguas

O falar em línguas desconhecidas como aparece no Novo Testamento é um fenômeno característico da nova aliança. A profecia registrada no Antigo Testamento, prevendo o aparecimento desse fenômeno (Is 28.11), tem o seu cumprimento na efusão do Espírito Santo na Igreja Primitiva (1 Co 14.21). Paulo diz que nesse caso as línguas constituíam um sinal de Deus para o mundo incrédulo. Quando o apóstolo Paulo escreveu à igreja de Corinto, instruindo-a sobre o falar em línguas, alguns anos já haviam se passado desde o dia de pentecostes. Foi nesse dia que Jesus cumpriu a sua promessa de batizar os crentes no Espírito Santo (At 1.5; 2.4). No dia de pentecostes o Espírito Santo foi derramado sobre os primeiros cristãos. De acordo com o registro sagrado, fenômenos como "som de um vento impetuoso", e "línguas como de fogo" (At 2.1-3) foram percebidos naquele dia. Mas além desses fenômenos, um outro: o falar em línguas desconhecidas prendeu a atenção dos que ali se encontraram (At 2.4-11). Desses fenômenos ocorridos com a vinda do Espírito Santo no dia de pentecostes, somente o falar em língua se repetiria em outras ocasiões (At 2.4; 10.44-46; 19.1-6). Não parece haver dúvida de que as narrativas de Lucas em Atos dos Apóstolos tencionam mostrar

que o falar em línguas é uma marca distintiva da vinda do Espírito Santo. Não há como negar que as narrativas de Lucas têm um caráter didático. Ele mostra que foi assim em Jerusalém (At 2.4); na casa de Cornélio (At 10.44-46) e com os crentes de Éfeso (At 19.1-6). Em Samaria há também o registro dos apóstolos orando para que os samaritanos "recebessem o Espírito Santo" (At. 8.14-18). O texto não faz referência ao falar em línguas nessa ocasião, mas muitos eruditos acreditam que o fenômeno tenha ocorrido, sendo que a omissão do detalhe é apenas um recurso estilístico de Lucas. No seu livro acerca da história Igreja ele costuma omitir informações que já deixou subtendido noutro ponto. Ao comentar essa passagem A. T Robertson, erudito em língua grega, diz que o texto deixa claro "que aqueles que receberam o dom do Espírito Santo falaram em línguas" (*Comentario Al Texto Griego Del Nuevo Testamento).* Robertson observa que Simão viu o poder do Espírito sendo transferido aos outros, o que o fez desejar possuir esse novo poder. Fora do registro histórico de Atos, a epístola aos Coríntios deixa claro que o falar em línguas era uma experiência comum e esperada entre os primeiros crentes. De fato, o tempo verbal grego, presente do indicativo, usado por Paulo em 1 Coríntios 14.5 diz literalmente: "Quero que todos vós continuem com o falar em línguas" (gr. *Thelo de panta lalein glossais*). Paulo sabia que o falar em línguas era uma prática da igreja dos seus dias, e ele mesmo fazia exercício dela (1 Co 14.18). Na verdade, esse dom ficou tão em evidência na Igreja de Corinto que o apóstolo se viu no dever de dar regulamentação para seu uso. Corria o risco dessa manifestação do Espírito suprimir as demais (1 Co 12—14).

Em seu livro: *Descubra seus Dons Espirituais,* C. Peter Wagner faz um importante comentário sobre o uso das línguas desconhecidas:

> Robert Tuttle é um estimado colega meu, um dos professores do Fuller Seminary e um ministro da Igreja Metodista Unida. Seu dom são as línguas privadas. Diz ele: 'Há ocasiões, em minha vida devocional, em que não mais consigo exprimir meu 'interior'... É então que permito que o Espírito Santo ore por meu intermédio, em um idioma que nunca aprendi. Luto todos os dias com os idiomas bíblicos... Digo um idioma porque creio que se trata de uma língua... Meu vocabulário vai aumentando. Conheço bastante de sentenças. Meu idioma desconhecido, ou língua de oração tem pontos parágrafos, vírgulas e até exclamações. Trata-se de um idioma maravilhoso.

Nem todos os estudiosos dos dons espirituais concordam que se trata de um idioma real. Alguns linguistas profissionais têm gravado pessoas que falam em línguas, e têm dito que não conseguem perceber qualquer estrutura linguística. Mas visto que não têm gravado todas as línguas, talvez aquelas que foram gravadas sejam apenas expressões extáticas (N.E.: linguagem sem estrutura formal conhecida, expressões isoladas e repetitivas, acompanhada de êxtase emocional), ao passo que em outros casos, como de Tuttle, estejam em, assim chamadas, línguas verdadeiras. Porém, acredito que essa questão é meramente acadêmica, pois a função é a mesma, tanto no caso de expressões estáticas como no caso de idiomas devidamente estruturados. Essa função foi descrita por Harald Bredesen, pastor do North County Christian Ccenter, em San Marcos, na Califórnia, mediante alguns postulados:

1. As línguas capacitam nosso espírito a se comunicar diretamente com Deus acima e além da capacidade de compreensão de nossa mente.
2. As línguas liberam o Espírito de Deus em nós.
3. As línguas possibilitam nosso espírito de assumir ascendência sobre a alma e o corpo.
4. As línguas são uma provisão de Deus para fazermos catarse, pelo que são importantes para nossa saúde espiritual.
5. As línguas satisfazem nossa necessidade de toda uma nova linguagem de adoração, oração e louvor.

Essas declarações nem exigem comentário. Não há como duvidar de que refletem a autopercepção de alguém que possui e usa o dom de línguas.

Em seu livro *Eles Falam em outras Línguas,* John Sherrill conta como Harald Bredesen obteve essa compreensão sobre as línguas. "Bredesen resolveu que ele mesmo passaria por essa experiência e começou a buscá-la, afastando-se em período de férias. Dirigiu-se aos montes Allegheny, ocultou-se em uma cabana, nas montanhas, e ali começou a orar horas e horas a fio. Determinou em sua mente que permaneceria naquela cabana até atingir um novo nível de comunicação com Deus. Dia após dia, mantinha sua vigília de oração.

Finalmente, certa manhã, quando orava de pé, em voz alta, do lado de fora da cabana, pareceu que grande calma sobrevinha às colinas. Cada fibra do corpo de Bredesen ficou tensa, como se todo o seu ser estivesse entrando em uma nova dimensão de consciência. Deixou de orar por um momento. E, então, quando reiniciou a sua oração, de sua boca saiu aquilo que abaixo damos, em suas próprias palavras, conforme as escrevi no dia em que ele me narrava o acontecido:

'...o mais belo proferir de vogais e consoantes, e também algumas sílabas estranhas, guturais. Eu não podia reconhecer coisa alguma do que dizia. Era como se eu estivesse escutando alguém falar em idioma estrangeiro, exceto que saía dos meus próprios lábios'.

Admirado, curioso e um tanto assustado, Bredesen desceu correndo pela colina, ainda falando em voz alta aquela língua. Chegou ao início de uma pequena comunidade. À entrada de uma cabana, estava assentado um homem idoso. Bredesen continuou a falar aquele idioma que saia tão fácil e naturalmente de seus lábios. O homem respondeu, falando rapidamente em um idioma que Bredesen desconhecia. Quando se tornou patente que não se entendiam, o homem idoso falou em inglês.

'Como você pode falar polonês, sem compreendê-lo?' Perguntou o homem.

'E eu estava falando polonês?'

O homem soltou uma gargalhada, pensando que Bredesen estivesse brincando. 'Naturalmente que era polonês', insistiu o velho.

Mas Bredesen não estava para brincadeira. Até onde podia lembrar-se, jamais ouvira alguém falar esse idioma.

Eu continuava meditando profundamente sobre a narrativa, quando ele me contou uma segunda experiência. Essa a teve em um saguão de um hotel novaiorquino. Bresdesen estava em uma reunião realizada à hora da refeição matinal e deixara seu chapéu em uma cadeira, fora da sala de refeições. Quando chegou a hora de partir, viu que a cadeira estava ocupada não pelo seu chapéu, mas por uma jovem muito bonita.

Nessa época, Bredesen era solteiro, e seus instintos masculinos levaram-no a estender a conversa além de um formal: 'Por favor, viu o meu chapéu?' A jovem notou o colarinho clerical, e, em poucos minutos,

estavam profundamente envolvidos em uma conversa sobre assuntos religiosos. Em pouco tempo, a jovem revelou-lhe voluntariamente que sua própria vida religiosa a deixava um tanto insatisfeita. E Bredesen não demorou a dizer-lhe que ele também se sentira assim, mas que descobrira uma nova dimensão em sua vida devocional, mediante o falar em línguas.

'Mediante o quê?' Perguntou a jovem.

'Mediante o falar em línguas que Deus nos dá', explicou Bredesen; e passou a contar à jovem um pouco de suas experiências. Nos olhos da moça, Bredesen viu a incredulidade estampada, e também algo como apreensão.

'O senhor pode falar nessas línguas a qualquer momento que quiser?' Perguntou ela. E Bredesen parece ter podido observar que ela se afastava dele o mais que podia, em sua cadeira.

'Elas nos são dadas como oração.'

'Mas bem, o senhor poder orar em línguas sempre que quiser?'

'Sim. Você gostaria que eu orasse assim agora?' A moça olhou em volta do saguão, e dessa vez notava-se alarme em seus olhos.

'Não quero embaraçá-la', disse Bredesen, e assim dizendo inclinou a cabeça de leve, e, após pequena oração em silêncio, começou a falar com palavras que para ele pareciam ininteligíveis. Os sons eram entrecortados e cheios de "pp" e "kk". Ao terminar, abriu os olhos e viu que o rosto da jovem deixava transparecer admiração.

'Mas... mas... eu o compreendi. O senhor estava louvando a Deus. Estava falando em antiquíssima forma de árabe.'

'E como é que você sabe disso?' Perguntou Bredesen.

Então soube que a jovem era filha de um egiptólogo, e que ela mesma falava várias línguas árabes modernas e que estudara o árabe arcaico.

'O senhor pronunciava as palavras com perfeição', ajuntou ela. 'Onde poderia ter aprendido o árabe antigo?'

Harald Bredesen sacudiu a cabeça. 'Eu nunca aprendi', disse. 'Eu nem sabia que existia esse idioma.'"

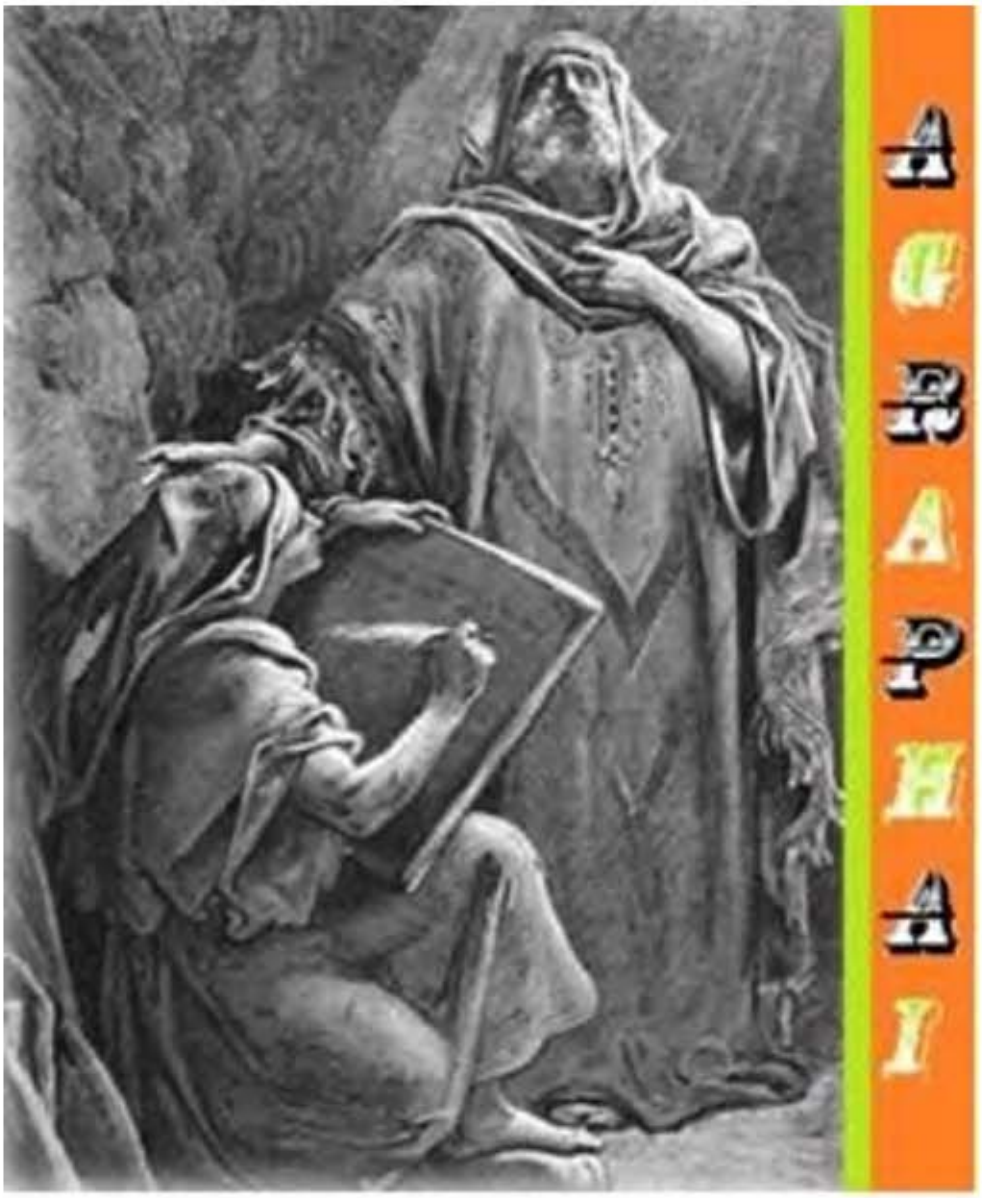
Ainda sobre o falar Línguas, o pastor Jack Hayford, pastor da Igreja Quadrangular nos Estados Unidos pondera:

1. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa inteligente. Começo aqui, apesar de correr o risco de minhas palavras serem mal-interpretadas como sugerindo que me considero "intelectual". *Inteligente,* isto é, razoável, capaz de raciocinar, coerente, racional — em oposição a insensato, descuidado ou crédulo.
2. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa sensata. Por "pessoa sensata", refiro-me a alguém de senso prático, razoável e resistente ao que é absurdo, insensato ou vaidoso.
3. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa falível. Talvez poucas acusações sejam mais infundadas do que as críticas frequentes aos indivíduos que afirmam ter recebido uma nova plenitude do Espírito ou experiência do falar em línguas. No meu círculo de relações nada poderia estar mais longe dos sentimentos do cristão cheio do Espírito.
4. Embora eu fale em línguas, sou um indivíduo em crescimento. Reconhecer a si mesmo como "em crescimento" é sinônimo de reconhecer a necessidade de cada crente continuar fazendo isso. Nada atrapalha mais o crescimento cristão do que a pretensão de qualquer padrão de *postura*, de ter supostamente "atingido o alvo", por mais piedosamente que isso seja manifestado.
5. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa confiável. Existe uma leve heresia entre alguns supostos carismáticos, segundo a qual viver na plenitude do Espírito Santo dá permissão para uma imprevisibilidade básica em cada aspecto da vida.
6. Ainda que eu fale em línguas, sou um pecador. Reconhecer isso não é construir um caso para uma futura tendência carnal nem defender a indiferença em relação ao pecado continuado em nossa vida. É simplesmente declarar o que deveria ser óbvio: Nenhuma experiência espiritual coloca-nos acima do toque do pecado ou além do seu alcance.
7. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa bíblica e centrada em Cristo. Fica claro que tanto a Bíblia como o Filho de Deus são centrais no programa presente do Espírito Santo. Ele soprou a Bíblia, fazendo-a existir e Ele glorifica Cristo em todas as oportunidades.

8. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa comum. A Salvação nunca teve o intento de gerar uma raça de supersantos! Todavia, infelizmente, não é incomum que alguns carismáticos se prendam à noção de que "sobrenatural" significa outra coisa além de "humano".
9. Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa cheia de esperança, confiante.

Sobre o dom das línguas e sua relação como amor, eu ainda observo:

- Os dons sem o amor fazem apenas barulho! (1 Co 13.1)
- Os dons são prova de inspiração, o amor de compaixão (1 Co 13.2).
- Os dons são prova de sobrenaturalidade, o amor de humanidade (1 Co 13.2).
- Nem todos possuem os mesmos dons, mas todos podem amar (1 Co 12.30).
- Os dons sem o amor não trazem edificação, mas provocam deformação (1 Co 12.17).
- Podemos ir para o céu sem os dons, mas nunca sem o amor (1 Co 13.8).



EM BRANCO

APÊNDICE C

Modernismo, Pós-Modernismo e Pentecostalismo

Numa era onde os rastros da razão e da ciência tecnicista deixaram suas marcas profundas em nossa cultura, não é fácil nos abrirmos ao sobrenatural. Somos filhos da modernidade e o modelo cartesiano de enxergar o universo fala muito alto hoje. Mesmo com o advento da pós-modernidade nos anos 60 e 70, com a supervalorização das experiências místicas e extra-sensoriais, não foi possível apagar os profundos sulcos deixados pelo materialismo. Não só o mundo secular foi afetado pela nuvem de incredulidade lançada pelo renascimento (1300 d.C.) e pelo iluminismo (1600 d.C.), mas também a Igreja. A teologia liberal, uma filha do iluminismo, mas cuja gênese encontra-se no protestantismo, é uma prova legítima disso. O "Deus" dos filósofos e dos teólogos liberais nada mais é do que uma força impessoal. Dentro dessa tradição filosófica que herdamos não há lugar para experiências sobrenaturais. Falar de Deus como um ser pessoal que se relaciona de uma forma direta com o ser humano é considerado uma loucura. Realmente, faz parte de nossa herança ocidental desconfiarmos de tudo aquilo que não podemos mensurar. Aqui já ficou demonstrado que não devemos ignorar as coisas espirituais. A propósito, estes fenômenos sempre são presenciados quando se segue os rastros de fogo.

Mas deve se observar que não podemos valorizar o sobrenatural simplesmente por "ser sobrenatural". Não, nada disso. Para nós cristãos a sobrenaturalidade só tem valor dentro da esfera de operação do Espírito. O que valida uma experiência espiritual não é a sua sobrenaturalidade, mas se a mesma encontra respaldo para sua existência dentro das Sagradas Escrituras. Há dezenas de gurus exibindo as mais fantásticas experiências sobrenaturais, mas suas práticas são destituídas de valor para nós por estarem operando fora do modelo bíblico. Não são operações do Espírito Santo. Não buscam a glorificação do Senhor Jesus. Acredito que está havendo não apenas um avivamento do Espírito, mas também um avivamento "dos espíritos", conforme profetizou Paulo (1 Tm 4.1). Os demônios estão impregnando a cultura com suas mais variadas operações. O próprio pós-modernismo com sua abertura para as experiências extra-sensoriais faz parte desse pacote. Não é raro encontrarmos intelectuais praticando os mais variados tipos de esoterismo. Os livros *O Tao da Física, Ponto de Mutação* dentre outros são uma apologia desse tipo de pensamento. Não é, portanto, a sobrenaturalidade o nosso critério de aferição de nossas experiências místicas, mas o modelo que o Espírito do Senhor deixou nas Escrituras. O que estou dizendo é que nem sempre encontraremos uma explicação lógica ou científica para determinados fenômenos que acontecem no meio de uma igreja que segue o padrão neotestamentário.

Frank Dietz, conceituado missionário com mais de trinta anos de experiência, diz que: "depois do estudo da Palavra e da observação de vários movimentos de Deus, que se nosso ministério pode ser explicado de uma forma lógica, então eu questiono se ele é realmente um ministério do Espírito". O Espírito do Senhor, por onde passa, deixa suas marcas. Elas são muito importantes, e por isso não podem jamais ser esquecidas. As coisas do Espírito na teologia bíblica a expressão "manifestação espiritual" se tornou um sinônimo de uma outra similar: "dons espirituais". Essa última é mais usada na teologia pentecostal, carismática. No entanto, a expressão "dons espirituais" não aparece no original grego de 1 Coríntios 12.1. O texto grego simplesmente diz: *peri de ton pneumatyikon* que mantém o sentido de aquilo que é proveniente do Espírito ou pertencente a ele. Isto é, as coisas do Espírito. Na verdade,

a palavra "dom" aparece no original grego em 1 Coríntios 12.4, onde se lê: *Diareseis de charismaton eisin, to de auto pneuma* — há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Nesse texto a palavra "dom" (*Charismaton)* possui o significado de aquilo que é dado gratuitamente, isto é, um presente. Os dons espirituais são presentes de Deus à Igreja.

Wayne Gruden observa que "os dons espirituais são dados para equipar a igreja, a fim de que ela desenvolva seu ministério até que Cristo volte". Glorificação de Cristo — Invariavelmente os dons visam a glorificação do Senhor Jesus Cristo (Jo 16.14; 1 Co 12.3). Isso é o mais importante quando focalizamos os dons espirituais. Quando se perde de vista que os dons têm por objetivo a edificação da Igreja, por meio da exaltação de Cristo que é a sua cabeça, então facilmente se perde o real propósito para o qual eles se destinam. Edificação da igreja — Os dons espirituais visam a edificação da Igreja (1 Co 14.12). Em sua primeira epístola aos Coríntios (1 Co 12.8-10) o apóstolo Paulo nos dá uma lista dos dons do Espírito Santo. Deve ser observado que essa lista não é exaustiva, não contém todos os dons. Alguns autores chegam até mesmo a identificar dezoito dons ou mais.

O cristão, portanto, não deve se preocupar com a quantidade de dons que possui, mas em manter sua atenção no propósito a que eles se destinam. Capacitação para o serviço! Outro propósito básico dos dons espirituais é a capacitação dos crentes (At 1.8) para a realização da obra do Senhor. Através de suas manifestações o Espírito Santo nos habilita a fazer aquilo que de outra forma seria impossível fazermos. Quem labuta diariamente na seara do Mestre sabe quão facilmente se esgotam nossos "recursos naturais". Nenhum programa, nenhuma técnica ou fórmula, mesmo as mais inovadoras, podem substituir uma simples manifestação do Espírito. Escrevendo aos coríntios, o apóstolo Paulo diz: "Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada saber me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, temor e grande tremor. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1 Co 2.1-5).

Francis Shaeffer captou mais do que qualquer outro o sentido destas palavras. Ele diz: "Não é impressionante que embora saibamos que o poder do Espírito Santo pode ser nosso que a ainda 'imitemos' a sabedoria do mundo, confiemos em suas formas de publicidade, seu barulho, copiemos a sua forma de manipular as pessoas? Se tentarmos influenciar o mundo através dos seus próprios métodos, estaremos fazendo a obra do Senhor simplesmente na carne. Se pusermos a atividade, mesmo que seja boa, no centro em vez de centralizarmos a nossa confiança em Deus, teremos talvez o poder do trabalho; mas estaremos com falta do poder de Deus. A pergunta chave é a seguinte: Ao trabalharmos para Deus neste mundo perdido, em que confiamos? Confiar em algum método em particular é copiar o mundo, e nos excluir da tremenda promessa de que temos algo diferente, o poder do Espírito Santo em vez de o simples poder das técnicas". Essa capacitação espiritual para o serviço será o foco deste capítulo. Quando o crente se rende ao Espírito de Deus, de forma que as suas manifestações operem através dele, então estes propósitos ficam em evidência. Escrevendo aos romanos, Paulo diz: "Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavras e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Cristo" (Rm 15.18,19). Por todo o Novo Testamento, em especial no livro de Atos dos apóstolos, o segredo do extraordinário crescimento da Igreja é atribuído à capacitação que o Espírito Santo deu aos primeiros crentes. Mas não só na Igreja Primitiva essa necessidade de poder para o serviço deve ser destacada, por toda a história da Igreja as marcas deixadas pelo Espírito do Senhor testemunham esse fato. Nunca devemos minimizar essa verdade.

Quando me casei ainda não possuía uma casa própria e por alguns anos moramos em casa de aluguel. Nesse período eu e minha esposa já éramos funcionários públicos e alimentávamos o sonho de no futuro termos uma casa espaçosa. Trabalhamos para isso e construímos, em um terreno medindo 25 metros de frente por 53,5 metros de fundo, localizado no centro da cidade, uma casa com 222 metros quadrados de área. Pois bem, a razão deste detalhamento que acabei de dar é para

você entender a lição que o Senhor me deu certo dia sobre a realidade das coisas espirituais. Depois de alguns meses morando nessa casa, minha esposa iniciou o cultivo de um jardim na frente da casa. Havia muito espaço para isso, já que a casa estava recuada cerca de 10 metros do muro da frente. Certo dia encontrei minha esposa com uma "pá de jardineiro" na mão tentando cavar o chão para plantar grama numa pequena área onde o capim nascera, mas não conseguia crescer. A grama era escassa naquele local. Observei que apesar de seu esforço ela parecia não ter êxito na sua missão. Quando vi o seu insucesso lembrei-me de que foi exatamente naquele local onde toda a argamassa usada para a construção da casa havia sido feita.

Essa era a razão que impedia a grama de crescer ali. Uma grande quantidade de argamassa que sobrara estava ali sob a grama. Imediatamente percebi que a minha esposa estava usando o equipamento inadequado para aquele serviço. Falei para ela: "Você não vai conseguir escavar neste local usando essa pequena pá. Por baixo deste solo existe todo o resto da argamassa que foi usada na casa". Resolvi, então, ajudá-la. Peguei uma picareta grande e comecei a escavar o local. Eram aproximadamente 9:00 horas quando dei início à escavação e somente às 17:00 horas foi que terminei. Só parei mesmo para almoçar. Foi exatamente no momento em que escavava que o Senhor falou comigo: "Muitos estão tentando remover obstáculos espirituais usando o equipamento errado. Lutam, lutam, mas não conseguem". Foi uma lição maravilhosa! Fazer uma obra no Espírito é muito diferente do que fazê-la na carne (Gl 5.1-3).

O esforço humano jamais pode substituir ou suplantar a verdadeira operação do Espírito do Senhor. Costumo usar a analogia existente entre o funcionamento do motor de um carro e a realização da obra de Deus. Assim como o motor necessita do óleo lubrificante para o seu bom desempenho, assim também precisamos da operação do Espírito para a realização da obra do Senhor (1 Co 2.1-4). Realizar a obra do Senhor sem o auxilio do seu Espírito é o mesmo que por para funcionar um motor sem o óleo lubrificante. Suas peças sofrerão de imediato um desgaste enorme, e por fim se fundirão. Mas é assim que muitas vezes realizamos a obra do Senhor. Isso é uma verdade até mesmo nas

tarefas que achamos serem as mais simples. Como medir o grau de dificuldade de uma obra espiritual? Devemos ter a consciência de que as manifestações do Espírito não nos foram dadas como uma espécie de quebra-galho, pois quando assim pensamos caímos na tentação de nos acharmos autossuficientes para determinadas atividades. Caímos no erro de querer substituir a unção pela qualificação. O poder pelos métodos. Sem dúvida alguma a qualificação intelectual e profissional são fundamentais no ministério do obreiro do Senhor, sem elas ele terá um ministério capenga. Não podemos fazer nada sem o concurso da nossa razão e de uma metodologia adequada. Sem organizarmos e sistematização não chegaremos a lugar nenhum. Mas não podemos cair na tentação de achar que somente a qualificação ou a sistematização são suficientes. Não podemos cair no erro de pecar por excesso de especialidade. Infelizmente esta é uma tendência na igreja hoje.

O Espírito Santo jamais irá suplantar a nossa capacidade humana de fazer as coisas. Nem tampouco podemos ser infantis e cair numa espécie de paranóia, achando que a um simples comando vamos ter experiências carismáticas todos os dias. Elas acontecem quando o Espírito quer e atendem a um propósito especifico dentro do plano divino. Isso tem sido fundamental no exercício do nosso ministério para o Senhor. A Escritura conclusiva: "Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil" (1 Co 12.7).



APÊNDICE D

Pentecostalismo — Perguntas e Respostas

1 - Todos podem ser profetas?

A pergunta na verdade deve ser feita dessa forma: "todos podem profetizar?". Neste caso a resposta é sim. As Escrituras apóiam essa assertiva: "por que todos podereis profetizar" (1 Co 14.31). Sim todos podem ser usados no dom de profecia, mas nem todos podem exercer o ofício profético. Acerca do cargo de profeta, como um ofício, a Bíblia diz que Deus concedeu "uns para profetas" (Ef 4.11). Ágabo exercia o ofício profético, mas as filhas de Filipe, o evangelista, profetizavam (At 21.9,10).

2 - Os que profetizam devem ser submissos à liderança local da igreja?

Em nenhum lugar do Novo Testamento encontramos alguém profetizando "a granel" e fora da orientação da liderança local da igreja. Ágabo, por exemplo, "dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome" (At 11.28). Esse profeta neotestamentário foi usado por Deus para prevenir a liderança local sobre uma grande fome que segundo Lucas "sobreveio nos dias de Cláudio" (At 11.28b). Ele tinha o respeito de toda a igreja inclusive do apóstolo Paulo (At 21.10-13). A

prática de ser um profeta "independente", isto é, sem estar submisso à liderança local de uma igreja não conta tem respaldo bíblico.

3 - Qual a diferença entre orar "com" Espírito e orar "pelo" Espírito?

Em sua primeira epístola aos Coríntios, Paulo diz: "Orarei com o Espírito, mas também orarei com o entendimento" (1 Co 14.15). O texto grego permite ambas as traduções. Se optarmos em entendermos a expressão *proseuksomai tô peneumati* como um locativo grego, então a melhor tradução é "no espírito", isto é, o nosso espírito humano quem ora por influência do Espírito Santo. Por outro lado, se entendermos a mesma expressão como um caso instrumental grego, então a tradução melhor será "pelo Espírito", numa referência ao Espírito Santo. Isto porque as terminações dos casos gregos locativo e instrumental são iguais. Nesta passagem, porém, a Almeida Revista e Atualizada (ARA), seguiu o contexto e traduziu corretamente como "orar com o espírito", visto que nos versículos precedentes Paulo dissera "o meu espírito ora".

4 - Paulo fala em melhores dons (1 Co 12.31). Há um dom melhor do que outro?

Paulo fala em "melhores dons" no contexto em que a edificação da Igreja deve ser o critério principal. Nesse sentido ele exorta aos Coríntios a "buscar com zelo os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis" (1 Co 14.1). Para ele a profecia era o melhor dom porque edificava o maior número de crentes. O critério usado é o da edificação! É nesse sentido que devemos entender a palavra *meizona* (maiores), conforme aparece no texto grego da *United Bible Societies.*

5 - Como descobrir em quais dons Deus quer nos usar?

Primeiramente você deve seguir a recomendação bíblica e "buscar com zelo os dons espirituais" (1 Co 14.1). Quando o Senhor agracia você com seus dons, então saberá que os recebeu. Paulo ao escrever a Timóteo exortou-o "não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com imposição das mãos do presbitério" (1 Tm 4.14). Em sua segunda carta Paulo deixa outra vez claro que Timóteo deveria "despertar" o dom de Deus que estava nele (2 Tm 1.6). Nessas duas passagens fica evidente que Timóteo sabia quais dons de Deus ha-

via recebido. Ele estava sendo exortado a exercitá-los. Wayne Grudem em sua *Teologia Sistemática* observa que esta regularidade dos dons na vida de um crente permite dizer que ele é o possuidor (administrador) daquele dom.

6 - É possível que um crente que possuía um determinado dom, por consequência de falta de oração possa perdê-lo?

A Bíblia mostra Paulo exortando a Timóteo a não "desprezar" e a "despertar" o dom de Deus. A falta de oração é tanto uma forma de negligência como também a melhor maneira de apagar o Espírito (1 Ts 5.19)

7 - Uma certa doutrina diz que há nove tipos de línguas, e que devemos ter cuidado com elas para não sermos confundidos pela linguagem demoníaca. Gostaria de saber se isto é verdade?

Essa doutrina não possui nenhuma fundamentação bíblica. As Escrituras falam de "variedade de línguas" (*gr. gene glosson*), sem procurar quantificá-las. A heresia que diz que um crente pode receber um demônio e não Espírito Santo quando busca o batismo no Espírito Santo é contrária ao ensino bíblico. Jesus disse "quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles lho pedirem?" (Lc 11.12,13).

8 - É possível um crente profetizar sem ter sido batizado no Espírito Santo?

Deus pode usar a quem Ele quer. No Antigo Testamento usou Saul para profetizar (1 Sm 10.11). No Novo Testamento encontramos Caifás, o sumo sacerdote, também profetizando (Jo 11.15; 18.4). Todavia, após o dia de pentecostes as profecias no Novo Testamento acontecem em um contexto em que os crentes já haviam sido batizados no Espírito Santo. Em Atos 19.1-6 diz que "e falavam línguas e profetizavam". Após o Pentecostes, primeiro o batismo no Espírito Santo, depois o exercício dos dons.

9 - Porque crentes carnais falam em línguas?

Os dons de Deus são dados pela graça. Na igreja de Corinto, por exemplo, havia crentes carnais: "Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais" (1 Co 3.1), todavia era a Igreja onde mais havia as manifestações pentecostais (1 Co 12—14). O que deve ser observado é que o carnal precisa julgar-se a si mesmo e sair do domínio da carne para o do Espírito, pois, "os que estão na carne não

podem agradar a Deus" (Rm 8.8). Se o crente carnal não se corrigir, Deus o corrigirá (1 Co 11.28-32). Os dons espirituais não devem ser o critério de avaliação de maturidade, mas sim o fruto do espírito.

10 - O exercício dos dons sem o amor é obra da carne?

Tudo o que não for feito por amor é obra da carne. Paulo diz que se "eu não tiver amor nada serei" (1 Co 13.2). Os dons sem o amor fazem apenas barulho (1 Co 13.1). Os dons são prova de inspiração, o amor de compaixão (1 Co 13.2). Os dons são prova de sobrenaturalidade, o amor de humanidade (1 Co 13.2; 14.25). Nem todos podem possuir os mesmos dons, mas todos podem amar (1 Co 12.30). Os dons sem o amor são uma deformação (1 Co 12.17). Podemos ir para o céu sem dons, mas não sem amor (1 Co 13.8).

11 - Como podemos abusar dos dons?

Podemos abusar dos dons espirituais assim como fazemos mau uso das coisas naturais. Os capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios foram escritos para corrigir abusos. Nesta igreja os crentes estavam abusando do dom de línguas, isto é, o dom não estava sendo usado de uma forma que trouxesse edificação para toda a igreja. Recentemente a mídia exibiu uma igreja americana onde os crentes riam de rolar pelo chão. Alegrar-se no Senhor é bíblico (Fl 4.4), mas levar isso a extremos ao ponto de se tornar algo bizarro, sem dúvida é uma forma de abuso.

12 - Só tem o Espírito Santo quem é batizado nele? Então como ficam as referências de Atos 2.38 e 1 Co 12.13? Como explicar isso?

A Bíblia ensina que no momento que recebemos Jesus como Salvador o Espírito Santo vem habitar em nós (1 Co 3.16). Somos então selados nele (Ef 4.30). Nesse sentido a Bíblia diz que "mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8.9). Todavia a experiência do batismo no Espírito Santo não deve ser confundida com a regeneração. a) Os apóstolos já eram crentes antes do batismo no Espírito (Lc 24.49; At 1.13,14). b) Os Samaritanos já eram salvos antes do batismo no Espírito (At 8.14-17). c) Paulo recebeu a Cristo na estrada de Damasco e foi batizado no Espírito três dias depois sob o ministério de Ananias (At 9.17-19). d) Os doze homens de Éfeso já eram crentes, mas somente receberam o Espírito Santo após a oração de Paulo (At 19.1-6).

13 - Existe base bíblica em Atos 2 para o batismo no Espírito Santo como o conhecemos hoje? Em caso positivo, como os ouvintes entendiam tudo sem interpretação?

No capítulo 2 de Atos dos Apóstolos os 120 crentes falam em línguas desconhecidas para eles, mas conhecidas para aqueles que estavam presentes em Jerusalém e que vieram de "outras nações" (At 2.5). "Partos, medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses e arábes" (At 2.9-11). Foram essas pessoas que ouviram os discípulos falando nas línguas deles (estrangeiros) "as grandezas de Deus" (At 2.11). Tanto as línguas referidas em Atos 2 como as citadas em 1 Coríntios 14 são as mesmas, diferenciando-se apenas no propósito.

14 - Qual a explicação correta sobre Mateus 3.11-22 quanto ao "batismo com o Espírito Santo e com fogo"?

A partícula grega *kai* traduzia às vezes como "e" e como "também" aparece 9.018 vezes no texto grego. Ela é uma conjunção que liga uma palavra a outra. Alguns intérpretes entendem que João está falando de duas coisas diferentes, isto é, estaria se referindo ao batismo no Espírito Santo para os crentes e de outro batismo de julgamento (com fogo) para os descrentes. Neste caso a conjunção seria melhor traduzida como "também", sendo que o versículo ficaria assim: "Ele vos batizará com o Espírito Santo e também com fogo". Todavia o contexto neotestamentário não parece favorecer essa interpretação, sendo que a melhor tradução é aquela que entende que Jesus "batizará como o Espírito Santo e com fogo", ou seja, o fogo faz parte da mesma experiência. É o que aconteceu em Atos 2 quando os discípulos foram batizados no Espírito Santo, o texto diz que foram vistas "línguas de fogo" (At 2.3).

15 - Um amigo me disse que não fala em línguas porque o próprio Jesus não falou, portanto, não há necessidade mais dele falar. Isso está certo?

As Escrituras dizem que o batismo no Espírito Santo com a evidência física do falar em línguas só ocorreria após a morte, ressurreição e glorificação de Jesus. "Se eu não for, o Consolador não virá a vós"

(Jo 16.7). "Exaltado, pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que agora vedes e ouvis" (At 2.33). Não adianta tentarmos encontrar pessoas no Antigo Testamento ou mesmo no Novo Testamento (antes da glorificação do Senhor Jesus) falando em línguas que não vamos encontrar.

NOTAS

[1] BAUMAN, Zygmunt. *Vida á Crédito.* Jorge Zahar Editor.

[2] GONZALEZ, Justo. *Revista Eclésia,* sem data.

[3] VIEIRA, Antonio. *Sermão da Sexagésima.* Lello & Irmãos, Portugal.

[4] DAYTON, Donald. *Theological Roots of Pentecostalism.* Hendrickson Publishers. E.U.A., 1987.

[5] *Movimento Holiness* (Movimento de Santidade). Nasceu quando os metodistas, que vieram para a América do Norte em 1766, estavam se voltando para a santidade na tentativa de reformar as instituições metodistas, a fim de adequá-las às práticas dos evangelistas dos acampamentos avivalistas e poder usá-las no trabalho entre as pessoas das zonas rurais recém-chegadas às cidades americanas (...) E foi desse grupo, preocupado com curas, escatologia e eclesiologia, que saiu a maioria dos antigos pentecostais norte-americanos (*Dicionário do Movimento Pentecostal).* Por outro lado, o Movimento de Keswick teve início em 1875 como uma reação à telologia wesleyana da "segunda bênção. Enquanto a teologia de Wesley entendia que o batismo no Espírito Santo era a segunda bênção e que a mesma erradicava totalmente o pecado da vida do crente, o Movimento de Keswick passou a ensinar a doutrina do batismo no Espírito Santo como um revestimento de poder para o serviço (*O Século do Espírito Santo).*

[6] BRUMBACK, Karl. *Que Quer Isto Dizer.* O. S. Boyer. São Paulo, 1960.

[7] CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da igreja — debate sobre o pentecostalismo na América Latina.* CLAI Ediciones/ Sinodal. *2002.*

[8] ANDERSON, Allan. *El Pentecostalismo — el protestantismo carismático mundial.* Ediciones Akal, Madrid, España, 2007.

[9] MENZIES, William W. *No Poder do Espírito — fundamentos da experiência pentecostal.* Vida.
[10] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa.*
[11] CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalização da Igreja.* CLAI/Sinodal.
[12] ROMANO, Clemente. *Carta de Clemente Romano aos Coríntios.* Vozes.
[13] INÁCIO DE ANTIOQUIA, Santo. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia.* Vozes.
[14] DIDAQUÊ — Atos dos dozes apóstolos. Vozes.
[15] ROMA, Justino. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão.* Paulus.
[16] LIÃO, Irineu. *Contra as Heresias.* Paulus.
[17] BURGESS, Van Der Mass. *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements.* Zondervan, E.U.A., 2002.
[18] SPLITTER, R. P. *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements. Zondervan.*
[9] MORESCHINI, Claudio. *História da Literatura Cristã Antiga, grega e latina — de Paulo à Era Constantiniana.* Loyola, 1996.
[20] SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church.* 8 volumes. Hendrickson Publisher. EUA.
[21] ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça.* Mundo Cristão.
[22] TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão.* ASTE.
[23] CASTAGNO, A. Monaci. *In Dicionário Patristico e de Antiguidades Cristãs.* Vozes/Paulus.
[24] REALE, Giovani. *História da Filosofia.* 3 Volumes, Paulus.
[25] ALLAN, Anderson. *El Pentecostalismo — el cristianismo carismático mundial.* Ediciones Akal, Madrid, Spaña, 2007.
[26] PETERSON, Eugene. *A Vocação Pastoral.* Textus.
[27] GETZ, Gene A. *Igreja- forma e essência.* Vida Nova.
[28] PETERSON Eugene. *A Vocação Pastoral.* Textus
[29] CHAMLIM, R. Norman. *O Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo.* CPAD.
[30] McDONALD, William. *Comentário Popular: Antigo Testamento — versículo por versículo.* Mundo Cristão, 2010.
[31] BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado.* Sinodal.
[32] Veja, por exemplo, os livros: *O Ponto de Mutação; O Tao da Física e Conexões Ocultas* do físico nuclear Fritjof Capra.
[33] COLLINS, Francis S. *A Linguagem de Deus — um cientista apresenta evidências de que Ele existe.* Gente, 2007.
[34] http://blogs.abril.com.br/jc/2011/02/vou-abrir-minha-igreja-ja-volto-folha-sao-paulo.html#, acesso 22.02.2011.
[35] STOTT, John. *Eu Creio na Pregação.* Vida.

[36] Idem. p. 74, 75.
[37] BAUMAN, Zigmunt. *Vida Para Consumo — a transformação das pessoas em mercadoria.* Jorge Zahar.
[38] WHITE, John. *Quando o Espírito vem com Poder.* ABU.
[39] HAYFORD, Jack. *A Beleza da Linguagem Espiritual.* Editora Quadrangular.
[40] ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* CPAD.
[41] GEE, Donald. *Depois do Pentecostes.* Vida
[42] DREHER, Martin N. *A Bíblia — suas leituras e interpretações na história do cristianismo.* Sinodal.
[43] ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada.* Knox.
[44] HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média — estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos.* Cosacnaify. 2010.
[45] Idem, p. 247, 248.
[46] GONZALEZ, Justo. *Breve Dicionário de Teologia.* Hagnos.
[47] STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong.* Sociedade Bíblica do Brasil. 2002.
[48] http://www.istoe.com.br/reportagens/2475_COM+O+DIABO+NO+CORPO?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage, acesso em 26.02.2011.
[49] http://www.creio.com.br/2008/noticias01.asp?noticia=11808, acesso 27.02.2011.
[50] JOHNSON, Philip C. *Dicionário Bíblico Wycliffe.* CPAD.
[51] GONZALEZ, Justo. *Dicionário de Teologia.* Hagnos.
[52] ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* CPAD.
[53] ARAÚJO. Idem. p. 612-615.
[54] MENZIES, William W. *Doutrinas Bíblicas — uma perspectiva pentecostal.* CPAD.
[55] MENZIES, William W. idem.
[56] WALKER, John. *A igreja do Século XX — a história que não foi contada.* Atos.
[57] ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* CPAD.
[58] ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* CPAD.
[59] BURGESS, Stanley M & MASS, Edward M. Van. *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements.* Zonderva, 2002.
[60] WHITE, John. *Quando o Espírito Vem com Poder.* ABU editora.
[61] GEE, Donald. *Depois do Pentecostes.* Vida, São Paulo.
[62] LLOYD-JONES, D. M. *Avivamento.* PES — Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, SP.
[63] MENZIES, William W. *No Poder do Espírito — fundamentos da experiência pentecostal.* Vida, São Paulo.

[64] VINGREN, Ivar. *O Diário do Pioneiro — Gunnar Vingren.* CPAD, Rio de Janeiro, 1993.

[65] Jack Deere e John White são dois autores destacados no estudo dos fenômenos espirituais tanto do pentecostalismo como do neopentecostalismo. Como psiquiatra, John White procura dar explicações sobre as manifestações das emoções nesses avivamentos. Por outro lado, Jack Deere, que possui uma sólida formação teológica (Deer é doutor em Teologia e ex-professor de Antigo Testamento e hebraico do Dallas Theological Seminary, onde foi instrutor de mestrado por alguns anos), faz um resgate desses fenômenos na história da igreja, procurando sempre mostrar o lado positivo dos fenômenos pentecostais.

[66] LOPES, Augustus Nicodemus Gomes. *Riso, urro e vômitos santos.* Conforme citado no *Dicionário do Movimento Pentecostal.* CPAD.

[67] *Dicionário do Pensamento Social do Século XX,* Jorge Zahar Editor.

[68] Veja uma análise completa sobre esse caso em meu livro *Defendendo o Verdadeiro Evangelho.* CPAD.

[79] ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* CPAD.

[70] HOLLENWEGER, Walter J. *Pentecostalism — origins and Developments Worldwide. p. 29.* Hendrickson Publishers. Peabody, Massachusetts, EUA, 2005.

[71] WALKER, John. *A Igreja do Século XX — a história que não foi contada.*

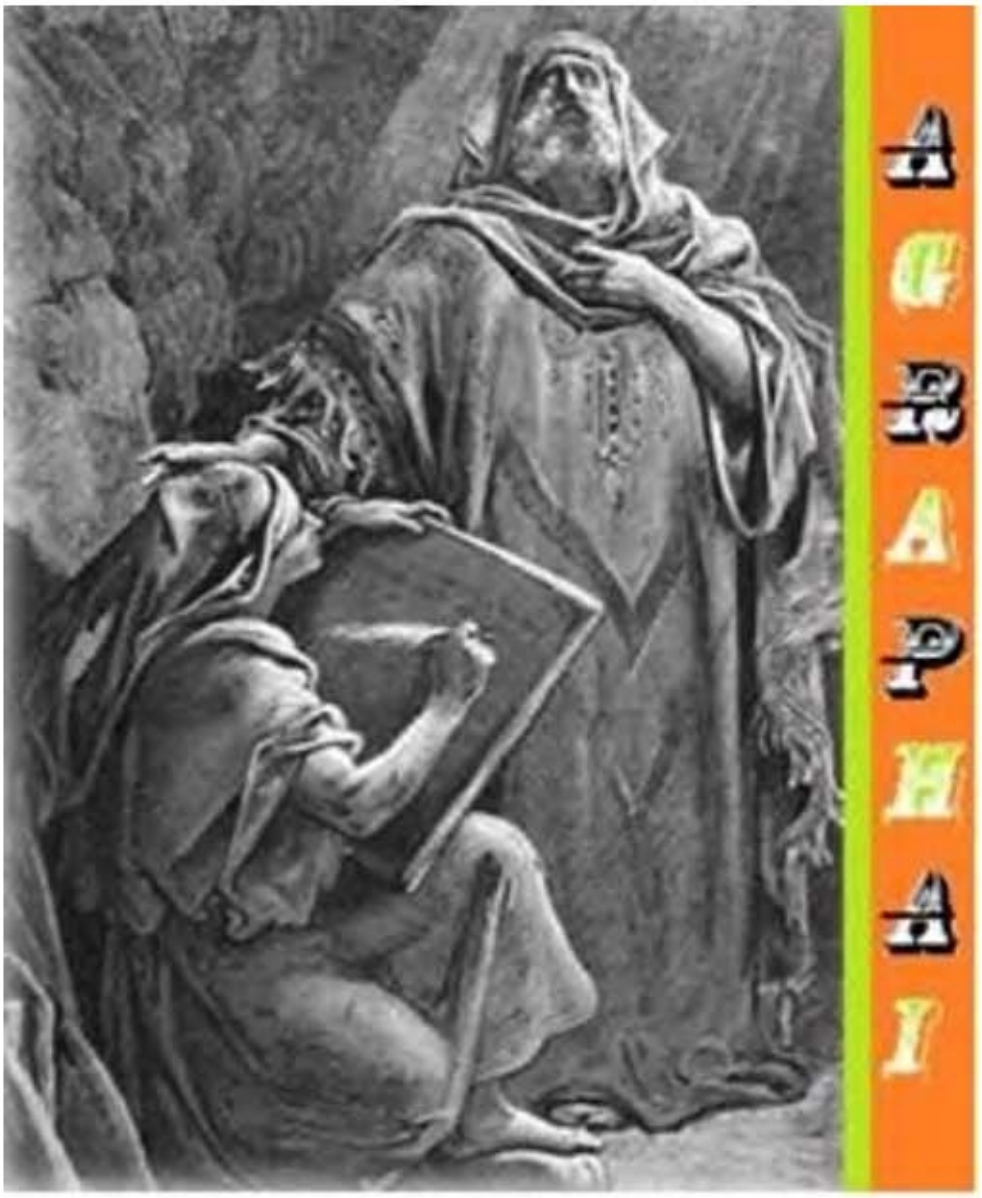
[72] WALKER, John. *A Igreja do Século XX — a história que não foi contada.* Atos.

[73] KOCH, Kurt. *Ocultismo, Demônios e Exorcismo — como libertar os opressos e endemoninhados,* tânia.

[74] WALKER, Jonh. op. cit.

[75] FILHO, Isaltino Gomes Coelho. *Neopentecostalismo — uma avaliação pastoral.* Campinas, São Paulo, 2008.

[76] Conforme citado por Isaltino Gomes Coelho Filho em *Neopentecostais — uma avaliação pastoral, p. 54.*



EM BRANCO